3 1761 04131 0608

Mendes dos Remedios, Joaquim
Escritoras doutros
tempos

PQ
9153
M4

Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguêsa
XVI

ESCRITORAS DOUTROS TEMPOS

EXTRATOS DAS OBRAS
DE VIOLANTE DO CEO, MARIA DO CEO
E MADALENA DA GLORIA

Com revisão e prefácio de Mendes dos Remédios

COIMBRA
FRANÇA AMADO — EDITOR
—
1914

ESCRITORAS
DOUTROS TEMPOS

Composto e impresso na Typographia França Amado,
Rua Ferreira Borges, 115 — Coimbra.

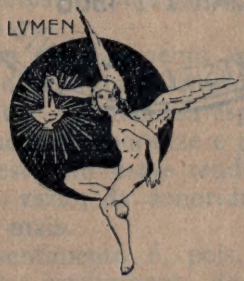
Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguêsa

XVI

ESCRITORAS DOUTROS TEMPOS

EXTRATOS DAS OBRAS
DE VIOLANTE DO CEO, MARIA DO CEO
E MADALENA DA GLORIA

Com revisão e prefácio de Mendes dos Remédios



COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1914

LIBRARY
MAR 11 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9153
M4

A QUEM LÊR

Um dos capítulos menos bem conhecidos ou, não sei se devera dizer, quase inteiramente desconhecidos, da nossa história literária e bibliográfica é o que se refere às tendências avassaladoras e predominantes dum misticismo religioso, alto, vago, indeciso, arrastando como que num torvelinho, onde facilmente se não divisam os objectos, muitas inteligências perfeitas e robustas.

Quase sempre o sentimento que domina quem se abeira dêsse ramo literário é o enfado e o aborrecimento. Escritas em espanhol, sem base humana que as corporalize e perfume, as obras que representam essas tendências dam a impressão do vazio, da sonoridade ôca de palavras e nada mais.

O primeiro sentimento é, pois, afastá-las, esquecê-las, pô-las inteiramente de lado e até, se a ocasião se oferecer propícia, lançá-las sem dó nem piedade á fome devoradora do fogo.

Entretanto se se conseguir dominar êste natural assômo de tédio, se um pensamento persistente de estudo e de meditação triunfar da cómoda inclinação, que nos leva a repelir tudo o que nos mortifica ou simplesmente nos

não agrada, a fortuna quer muitas vezes compensar-nos deparando-nos fartos motivos de inteira satisfação, de completo júbilo, de delicioso gozo espiritual.

Das cinzas esquecidas e frias levanta-se, ao toque de varinha da nossa imaginação, uma faúlha pequenina, etérea e luminosa, restos duma alma que ardeu em inspiração sublime. Por deante de nós perpassam sombras de monjas envoltas nos seus veos brancos murmurando orações, figuras esbeltas umas, radiantes ainda de todo o perfume da mocidade, outras já maceradas e tristes ajoelhadas a mais de meio dos degraos dos túmulos, onde tranquilamente dormirão o sono eterno. Pobres molheres, todas simpáticas nas suas crenças, nas suas ilusõis, nos seus sonhos!

Os escritos delas atraíram-me sempre e é com respeito, ia dizer, com piedade, que folheio as páginas esquecidas de tantos livros hoje perdidos nos desvãos escuros das bibliotecas, sem mão amiga que os tateie, sem olhos benévolos que os contemplem. Ha lá dentro almas que sofreram e se torturaram por um ideal inapreensivel, que elas tomaram como seu guia e sua estrela do norte. Viajaram neste mundo aflitas, cercadas de torturas físicas e morais, em demanda duma Jerusalem celeste, com os olhos sempre postos ao longe, insensíveis aos espinhos que lhes dilaceravam os pés.

Quem sabe, de resto, que amargo sofrimento da vida as lançou nesse caminho obrigando-as a ir pedir ao silencio e ao refúgio dum claustro a paz e o doce conforto, que cá fóra o mundo impenitente e descaroavel lhes negou?

As minhas divagações por essa literatura morta tinham-me de há muito deparado um nome que me prendera a atenção — o de

Maria do Ceo, que quase em todas as suas obras aparece com o criptónimo de *Marina Clemencia.*

Ha nomes sugestivos e quando eles se ligam a situações sociais que por si despertam igualmente vária matéria de ponderações, já suaves, já dolorosas, há aí mais um élo misterioso e indefinivel, sem dúvida, mas nem por isso menos verdadeiro, nem menos imperioso, que nos obriga a pensar, a meditar neles.

O nome de Maria do Ceo anda associado a um outro, que representa igualmente uma ilustre figura de molher e de escritora, a sua contemporanea *Madalena da Gloria* ou como nas letras é conhecida, Leonarda Gil da Gama.

Para um confronto que decerto ocorreria a quem percorresse esta nossa pequenina colectânea um outro nome acudia immediatamente à memória — o de *Violante do Ceo,* das três a melhor conhecida, senão a única, pelo menos, em nossos dias. Tal foi a génese deste voluminho da minha colecção — *Subsidios para o estudo da historia da literatura portuguêsa* — enfeixar num só ramalhete algumas das flôres esquisitas que êstes tres talentos femininos produziram. « *Escritoras doutros tempos* » poderia englobar maior número de trechos quer em prosa, quer em verso, mas quis excluir em princípio a lingoa espanhola e nessa língoa estão redigidas exclusivamente as obras de muitas das nossas escritoras do século a que pertencem as das três autoras de que nos ocupamos. Apenas fiz excepção para dous trechos caracteristicos e só duma delas.

Por outro lado os vicios duma tendência literária, como era o cultismo, estenderam-se larga e profundamente, inutilizando quase por completo a inspiração que de si era vigorosa

muitas vezes e até pujante, sempre, porém, mais ou menos monótona. Daí a restrição da escolha.

Que pena que se esterilizassem tantos e tam formosos talentos femininos nessas paragens para onde as arrastou Luís de Gongora, o « genio raro e sem segundo », como o apelidou Cervantes!

António dos Reis no seu *Enthusiasmus Poeticus* dedicado a D. João V deante do grande número de molheres que ilustraram a Literatura portuguêsa exclama:

> Nec muliebre genus deerat, nam plurima Montis
> Femina, mixta choro Musarum, excelsa tenebat.

e não querendo deixá-las esquecidas, vai concisa mas eloquentemente apontando os nomes de muitas, como

Laura Mauricia, criptónimo de *D. Leonor de Meneses*, condessa de Serem e de Atouguia, autora de *El desdeñado mas firme,* novela em prosa e verso, Lisboa. 1665.

D. Beatriz da Silva e Sousa, de Torres-Novas, autora de comédias e livros ascéticos, que A. dos Reis declara não ter podido ver.

Bernarda Ferreira de Lacerda, a autora da *Hespaña libertada,* 1.ª p. 1618, 2.ª 1673 e das *Soledades do Buçaco,* 1634 e do *Cazador del Cielo, Comedia de S. Eustachio* e outras que ficaram inéditas.

Maria de Mesquita Pimentel, da ordem de S. Bento, autora da *Infancia de Cristo e Triunfo do Divino Amor,* Lisboa, 1639.

D. Mariana de Luna, de Coimbra, que escreveu o *Ramilhete de flores á felicidade deste Reino na sua milagrosa restauração,* Lisboa, 1642.

Cecilia do Espirito Santo, da Ordem de S. Francisco, que deixou: *Colloquios com Cristo crucificado de hum peccador arrependido,* Lisboa, 1688.

D. Joana, Condessa da Ericeira, mãi do D. Francisco Xavier de Meneses, o ilustre Conde do mesmo nome, a qual publicou sob o criptónimo de *Apolinario de Almada: Despertador del alma al sueño de la vida,* Lisboa, 1695.

Helena da Silva, da Ordem de S. Bernardo no Mosteiro de Celas de Coimbra, autora de *La Passion de Cristo nuestro Señor.*

Joana Magdalena de Castro, de Lisboa, *Isabel de Castro e Andrade,* contemporanea de Luís de Camões; *D. Helena da Paz,* Soror *Antonia de S. Caetano; Paula de Sá* e enfim *Isabel Correa,* autora de *El Pastor Fido em verso Español,* Amsterdam, onde viveu, 1692.

A série é, como se vê, extensa e abre por *Joana Vaz*

Vasia prima sedet Lysiae clarissimus Aulae
Splendor, operta comas lauri viridante corona.
. . . . . .

Nem podiam ficar esquecidos os nomes de Violante do Ceo e de Maria do Ceo, como abaixo veremos, faltando o de Madalena da Gloria, que por qualquer circunstância lhe não ocorreu.

VIOLANTE DO CEO

O elogio que a esta escritora consagrou no seu *Enthusiasmus Poeticus* Antonio dos Reis é como segue:

...Uranies lateri comes assidet Urbis
Splendor Ulysseae, celebris Violantia, Coeli
Delicium, terraeque simul, qua dulcius ille,
Qui tulit auritos scopulos in moenia plectro,
Non cecinit; crines laetissima turba sororum
Candenti cinxere rosa; primamque vocari
Non decimam, Montis statuerunt ordine Musam.
....

versos que na tradução de Sousa Caria dizem:

O lado de Urania afermosea
O esplendor da cidade de Ulyssea,
A celebre *Violante*,
A delicia do Ceo, da terra o gosto;
Não cantou mais suave ou elegante
Que este feliz composto,
Essa que na erecção dos muros ledos,
Fez do seu plectro ouvintes os penedos.
Contente a bela turba sonorosa,
Os cabellos lhe ornou de branca rosa,
Determinando a aclame a voz ligeira,
Decima Musa não, mas a primeira (1).

Não extranhe o leitor tam hiperbólicos conceitos. Em latim ou em português, em espanhol ou em italiano, as palavras tinham nessa época

(1) Cfr. *Imagens conceituosas dos Epigrammas do R. P M Antonio dos Reys traduzidas do metro latino ao metro lusitano Reflexoens sobre algumas das suas argucias que em dous tomos offerece ao Ex.mo Senhor Dom Jayme,.. João de Sousa Caria,* Lisboa Occidental, MDCCXXXI. Cfr. o n.º 276.

perdido um pouco do seu equilíbrio natural e guindavam-se a altura donde mal se avistava a realidade das cousas. É de vêr o que na dedicatória *Ao Excellentissimo Senhor Dom Vasco Luís de Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India... etc.,* que abre o vol. das *Rimas Varias,* escreve o seu autor Dom Lionardo de São Joseph. « Este livro da melhor pena com que voou hũa Aguia de Portugal, decima Musa da Espanha (titulo que lhe dá o comũ aplauso) que por mandado de Vossa Excelencia sai á luz, para maior luzimento seu, busca a de V. Ex.ª a cujo esplendor tributa adorações todo o Parnaso ».

O bom do capelão do Conde Almirante não perdia o seu tempo, como se vê. Levara de Portugal o original das *Rimas,* que a sua curiosidade lograra adquirir, e influira na sua publicação, que se fez em Ruão em 1646, junto do ilustre fidalgo que servia. Daí as palavras louvaminheiras e aduladoras que é justo se lhe descontem em troca do seu amor pela poesia, simbolizada nesta decima Musa a quem tambem se dirige em verso deste quilate:

....
Sois por estilo excellente
(O' peregrina Violante !)
Na prosa tam elegante
Quanto no verso eloquente
Admire-se toda a gente
Suspenda se o pensamento
De ver tam raro portento
.....

Eram a moda, estas saudações. Não se podia falar dum escritor, que tivesse alcançado tal ou qual nome, que não se lhe despejasse em cima toda a cornucópia das mais odoríferas flores... de retórica.

Violante do Ceo assim procedera com Antonio de Sousa de Macedo (*Rimas*, pag. 18), com Manoel Severim de Faria (*Ibid.*, pag. 20), com D. Bernarda Ferreira de Lacerda (*Ibid.*, pag. 33), com o P. Antonio Vieira (*Ibid.*, pag. 74), com Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcelos (*Parnaso*, pag. 63) e com muitos outros.

Que admira que lhe retribuissem identicos, senão maiores louvores, dado o prestigio do sexo e do inegavel talento que ela possuia?

Violante do Ceo nasceu em Lisboa a 30 de maio de 1602; professou no convento de N. S.ª da Rosa da mesma cidade o Instituto Dominicano a 29 de agosto de 1630 e morreu em 28 de janeiro de 1693 com 91 anos, 8 meses, menos dous dias de idade. Foram seus pais Manoel da Silveira Montesino e D. Elena Franco. Estes os elementos biograficos que se colhem nos autores, não porém com a individuação que dou e encontrei num velho manuscrito do antigo convento de Santa Cruz, de Coimbra.

Que mais poderiam dizer-nos?

Aberta a porta do claustro cessavam em regra as aventuras do mundo.

A entrada no convento inspirou-lhe este lindo

SONETO

Escarmentada nó, mas prevenida
Del peligro mayor el passo alexo
Bien que de inspiracion, no de consexo
A tan justo retiro persuadida.

Oh nó permittais vós que arrepentida
Los ojos buelva más a lo que dejo
Pues otro ya, Señor, femineo sexo
Por bolver á mirar quedó sin vida.

Firme la vista pues los rayos siga
De vuestro claro sol, si acaso puede
Aquila buelto amor, llegar a tanto.

Y quando el alma el passo no prosiga
Decretad vós, Señor, que al punto quede
Sino mudada en sal, desecha en llanto.

PARNASO, 44.

A sua convicção é profunda, a sua vontade livre. No Soliloquio que cantou no dia em que havia de fazer a sua profissão, rendida e humilhada exclama:

Que puedo yo, Señor mio
Dizir en esta occasion
....
Oh quanto os devo en querer-me
De mis años en la flôr!
.....

PARNASO, 274.

Esta abnegação da vontade, esta absorpção da vida no pensamento eterno só dominam mais tarde perdidos os ultimos ecos do amor terrestre, humano. A este consagra ainda várias poesias, filhas dum desvairamento mistico-amoroso, que podem muito bem ter interpretação diferente da que lhe dá Costa e Silva (1). Esses arrôbos de sentimento doentio sam frequentes nas escritoras do mesmo género. Violante do Ceo sabe bem que algumas vezes a sua musa se deleitou noutros amores diferentes daqueles a que renunciara por completo e disso se mostra arrependida.

Si escrevi, si canté de objeto humano,
Y no solo de vós, Divino objeto,
En la publicidad de tal defeto
Bien castigado está mi error profano.

(1) *Ensaio biografico-critico*, vol. 8.º, pag. 66.

Julgado el proprio affecto por liviano,
Por aver explicado ageno affecto,
Quien duda, que es castigo del respeto
Que preferi talvez al soberano!

PARNASO, pág. 3.

Dessas poesias profanas vão adiante algumas amostras, poucas decerto para a nossa curiosidade, mas as bastantes para se avaliar da facilidade da inspiração, da naturalidade e do gosto da sua autora. E' de crêr que Violante do Ceo tivesse feito o que fez Frei Agostinho da Cruz, podendo dizer como ele

Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorando por haver tam mal cantado.

. . . . . .

A sua musa encontra o lenitivo apropriado nos assuntos de caracter místico, absorvida num ideal de perfeição sempre desejavel, sempre inatingivel. Por vezes a sua musa é patriótica e sauda os heróis da grandeza épica de Nun'Alvares como neste soneto, inspirado no seu epitáfio, que nêste momento histórico consóla recordar:

Yaze en el alto tumulo, que miras,
Para exemplar de excelsas calidades,
Quanta virtude dixeron las verdades,
Quanto valor fingieron las mentiras.

Tu que suspenso, ó passagero, admiras
En tan breve lugar immensidades,
Sabe, que ha de viver eternidades
Este, que ves en marmoles y pyras.

Pero si la virtud, la fuerça, y brio
Deste Varon en todo sin segundo
Ignora tu razon, duda tu zelo,

Mira su vida, y que dirás confio.
Que se bien supo conquistar el mundo,
No supo menos conquistar el cielo.

As producõis de Violante do Ceo deviam de ser numerosas, porque ela própria confessa a sua natural inclinação para a poesia « aun en la niñes », dizendo não ter tido mestre, mas sómente a lição de livros e pedindo, por isso, o perdão dos seus defeitos

Sin arte, sin caudal, sin eloquencia
Quien puede aver que en su favor presuma ?

PARNASO, 74.

Eis a resenha bibliográfica :

1 — « Rimas Varias de la Madre Soror Violante del Cielo, religiosa en el monasterio de la Rosa de Lisboa. Dedicados al Exelentissimo *(sic)* Señor Conde Almirante y por su mandado, sacadas a luz » En Ruan en la enprenta de Maurry, MDCXLVI, 8.º de 16 + 160 pags.

2 — « Soliloquios para antes e depois da communhão ». Lisboa, por João da Costa, 1668, 24.º, *Ibid*, por Antonio Rodrigues de Abreu, 1674, 12.º. São cinco romances.

3 — « Oitavas a Nossa Senhora da Conceição com applauso da victoria de Montes Claros em 17 de junho de 1665 ». Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello, 1665, 4.º de 7 pags.

4 — « Meditações de Missa, e preparações affectuosas de sua alma devota ». Lisboa, sem o nome do impressor, 1689, 16.º, *Ibid.*, por Bernardo da Costa, 1728.

5 — « Parnaso Lusitano de divinos, e humanos versos compostos pela Madre Soror Violante do Ceo, religiosa dominica no convento da Rosa de Lisboa, dedicado á Senhora Soror Violante do Ceo religiosa no convento de Santa Martha de Lisboa ». Lisboa Occidental. Na officina de Miguel Rodrigues impressor

do Senhor Patriarca. MDCCXXXIII, 2 vols. Diz o Editor Miguel Rodrigues na dedicatoria do livro á homónima da autora Violante do Ceo, igualmente religiosa, mas noutro convento da Capital « ...me animey a honrar esta edição com dedicar a V. M. as ditas Poesias para que, com tam grande patrocinio, e livres do esquecimento, a que já estavam condenadas, respirem ».

Garcia Peres no *Catalogo Razonado,* 107, cita mais:

— « Santa Engracia ». Comedia. E informa « Esta fué entre todas las que se presentaron al Senado de Lisboa, la escogida para representarse en las fiestas que se hicieron por la venida de Felipe III á dicha ciudad ».

— « Carta á la Duquesa de Medinaceli ». Ms., 4.°, 54 fls. existente na Bibl. Nac. de Lisboa. P. 2, 28.

MARIA DO CEO

O nome desta distintissima escritora está hoje pouco menos que esquecido, sendo ela aliás digna da maior simpatia. E como não tê-la por uma creatura singular e previlegiada, ela que nos seus livros se consegue elevar aos páramos da verdadeira inspiração escrevendo o verso com profundo sentimento e a prosa com a maior correcção e harmonia?

Maria do Ceo viveu na segunda metade do sec. XVII e primeira do XVIII e professou no Instituto Seráfico, no convento da Esperança em Lisboa, quando tinha apenas 18 anos.

Isto significa que por grande que fôsse o seu merecimento impossivel lhe seria o libertar-se inteiramente do jugo do meio em que a sua actividade e vida se desenrolavam.

A mais funesta dessas consequencias fatais do meio é a adopção da lingoa espanhola, em que está escrita a maior parte dos seus livros. Com a lingoa o estilo, esse estilo, que é um verdadeiro tortulho literário, tumido, inchado, balofo, a que não poderam, porém, escapar as melhores inteligencias da época, nem mesmo esse portentoso artista da palavra que foi o P. Antonio Vieira e àcêrca do qual Maria do Ceo lindamente soube dizer « que das conchas mais toscas sabia tirar as perolas mais finas ».

E que poderia exigir se a uma senhora amortalhada tam nova nos hábitos de freira e que foi duas vezes abadessa do seu mosteiro, outra vez porteira, outra vez mestra de noviças, e portanto e sempre até se extinguir a sua vida de nonagenaria — nascida em 11 de setembro de 1658 morreu a 28 de maio de 1753 quando contava 74 anos, 8 meses e 17 dias — internada em clausura e na evidencia de responsabilidades graves e várias, que poderia exigir-se a uma senhora em tais condições senão que o seu pensamento contínuo se perdesse nos arrôbos do misticismo mais acendrado? Mas não são só lirios e açucenas que florescem nos jardins de Soror Maria do Ceo, tambem o cravo de tons cantantes e triunfais floresce ao lado da violeta doce e perfumada, como pode ver-se nos exemplares que damos.

*

Maria do Ceo foi filha de D. Catarina de Tavora, filha terceira de D. Antão de Almada e de D. Isabel da Silva, e de Antonio de Eça de Castro e, escreve Barbosa Machado, « irmã gemea doutra tão semelhante na figura e juizo que somente as vozes e os nomes desenganam

a equivocação dos olhos ». O douto abade de Sever elogia-lhe o estudo, a suavidade das vozes, a delicadeza dos pensamentos (1). Da mesma sorte D. Antonio Caetano de Sousa lhe chama « mui entendida e discreta, de admiravel engenho, galante estilo, discrição e agudeza » (2).

O *Enthusiasmo Poetico* celebra-a devidamente:

Sedula Musarum viridanti fronde Marinam
Turba coronabat, Pharioque e sanguine cretae
Virginis eximias celebrantem carmine laudes
Audire ut possit, reliquis non adjicit aures (3).

que o já referido Sousa Caria traduziu:

Prompta turba das Musas coroava
De loureiro a Marina, que cantava
O applauso extraordinario
Da Virgem, que gerou o alento Phazio
E por ouvir-lhe a voz, que ao Pindo entrega
Aos acentos das mais a attenção nega (4).

E na nota respectiva António dos Reis desvendava o criptónimo *Marina Clemencia*, que se dizia *Religiosa de S. Francisco no Convento da Ilha de S. Miguel* pondo o verdadeiro nome *Maria do Céo*, que em varias obras aparece como *Religiosa e duas vezes Abadessa do Religiosissimo Mosteiro da Esperança de Lisboa Occidental*.

Parece ter sido o autor do *Enthusiasmo* quem primeiro desvendou o facil mistério, pois não era de crer que este se conservasse

(1) *Bibl, Lusit.*, s. v.
(2) *Hist Gen.*, x, 636-637.
(3) *Loc cit.*, sob o n.º 280.
(4) *Obr. cit.*, n.º 280.

por muito tempo escondido, tratando-se de creatura de raros méritos conhecida na Côrte àlêm da altivez do pensamento, pela prosápia da ascendencia. O rebuço do nome serve apenas de tema a maiores elogios dos panegiristas. Assim discreteia D. Antonio Caetano de Sousa na *Aprovação* que precede *A Preciosa:* « desta mesma Religiosa temos já impressa em elegante estilo a vida da prodigiosa Virgem e Martir Santa Catarina, que bem mostra ser uma e outra produção do mesmo engenho. E se o nome não fora diferente o estilo me obrigava a afirmar que estas obras eram de outra Religiosa da mesma Ordem não Insulana, mas Lusitana, a qual por não mortificar a sua modestia, tão revestida de humildade, não devo nomear, inda que o seu exemplar modo de vida a faz tão conhecida na Côrte pela pessoa, como estimada pela virtude. Porém ainda que não seja temerario o juizo, devo conhecer esta obra pelo nome, que modestamente se lhe pôs; e é pera sentir fiquem sepultadas outras muitas obras, que escreveu esta muito religiosa Madre ».

O mesmo assevera D. José Barbosa, que reviu o livro em nome do Ordinario: « ...Já por ordem do Desembargo do Paço vi ha alguns annos a *Vida de Santa Catharina* com o nome desta mesma Religiosa; e admirado de eloquencia tão casta e de tão elevados pensamentos achei que o nome era suposto, mas que a obra era mui natural do entendimento e da discrição da sua Autora verdadeira. Não padeci agora este engano, porque a sua profunda modestia desculpa esta affectada supposição. Pouco importa que se queira ocultar, se o mesmo segredo que pretende lho está estragando a elevação do seu juizo. Não

podem subir tão alto as que a natureza abateu com a inferioridade do seu nascimento; e por isso a Aurora satisfazendo natural, mas involuntariamente ao ilustre do seu berço, discorre com vôos tão altos, que parecem de aguia ».

Em todas as licenças, fossem do Santo Oficio, do Paço ou do Ordinário, se lhe tecem identicos elogios. « As suas idéas são altas, diz um dos seus juizes a propósito do *Triunfo do Rosario,* o estilo harmonioso, os conceitos profundos, as metaforas proprias, as alegorias solidas, as expressões graves, a frase magestosa; enfim tudo quanto tenho visto dessa Religiosa autora acredita a Nação, de que Vossa Majestade é pai e a Santa Provincia de que ela é filha; e nisto digo tudo a Vossa Majestade e lhe faço a ela todo o seu elogio ».

E terminava julgando o livro « não só digno da luz da estampa, senão tambem merecedor de ter o melhor logar nas douradas estantes da Real Biblioteca de V. Majestade, e de andar sempre nas suas reais mãos, assim como andavam as obras de Homero nas mãos de Alexandre o Grande ».

Por infelicidade o livro é todo escrito em espanhol e um dos mais eivados do gongorismo, tanto do apreço dos contemporaneos da sua talentosa e distintissima autora.

Para outro Qualificador ela é « assombro do sexo feminino, inveja do masculino, e admiração de ambos » *(Obras Varias),* e aconselha a que se lhe roubem os originais dos seus trabalhos visto não haver outra forma de forçar a sua modéstia: « ...resolvo aconselhar que será licito roubar-lhe este inestimavel tesouro, pois a sua modestia nos quer roubar os seus escriptos ocultando no recato da sua cella os

monstruosos partos do seu talento, que excede ao mais varonil... ».

De parceria com êstes exagerados encómios caminha a Approvação do P. M. Boaventura de S. Gião Qualificador do Santo Oficio que precede o vol. 1.º de *A Preciosa,* que « ou he maravilha da graça, ou prodigio da natureza, porque na materia e na forma excede a aprehensão humana ». E ainda: « o estilo aureo, altiloco, discretissimo e tão laconico, que cada palavra é um conceito, cada termo um pensamento, cada periodo uma sentença, será lido com admiração, aplaudido e bem aceito este livro pela singularidade da idéa, relevancia do argumento e erudição do discurso; e com maior razão sendo produto de uma inteligencia daquele sexo, que não está em uso seguir as Escolas e professar as letras... ».

Tem Maria do Ceo direito a estes encómios?

Descontando o que neles ha de natural exagero, de resto facilmente explicavel, a resposta não pode deixar de ser afirmativa.

Mais do que em Violante do Ceo a sua musa é maviosa, evocando, por vezes, uma suavidade e um perfume autenticamente quinhentistas. Além dos extractos que vão na nossa colecção vejam-se mais exemplos como esta linda pastoral

Montanheza, que fostes á fonte
como suspeito,
Que trouxestes agua nos olhos
fogo no peito.
Quem te trocou no caminho,
Serrana dos olhos negros?
Pois te conheço só hoje
Pelo que te desconheço?
Como suspeito
Que encontrastes teus cuidados
A roubar-te taes assocegos?

Se das pedras te fiastes
Ouvi-lo d'elas espero
Porque em segredo de amor
Nem as pedras têm segredo.
Como suspeito
Que o que fiaste das pedras,
Hão de romper os penedos.
Se emmudeces suspirando
Sabidos são teus excessos
Que pedir segredo ao ar
E' querer prender o vento.
Como suspeito
Que has de dizer a suspiros
O que guardaste a silencio.
Se dás teu mal a teu pranto
Olha, que em tantos disvellos
O fiar-te do cristal
E' fazer claro o misterio.
Como suspeito
Que pelo cristal do pranto
Te hão de ver os pensamentos.
Se o coração tens ferido
Declara seus sentimentos,
Pois não ha peito serrado
Onde ha coração aberto.
Como suspeito,
Que doente o coração
Grite o mal pelo remedio
Montanheza que fôstes á fonte
Como suspeito
Que trouxestes a agoa nos olhos
Fogo no peito (1).

Quem assim escrevia não tinha decerto sómente os olhos no ideal cristão.

A sua alma prendia-se ainda á terra, quem sabe se por algum cruel desengano. Quem sabe? Quando Maria do Ceo deixou as vaidades do mundo, os seus prazeres, as suas glorias, os seus triunfos, quem sabe que espinhos então a dilaceraram, acordando agora sómente no amargo sentimento da saudade?

(1) Cfr. *A Preciosa*, vol. 1.º, 185.

Numa parte dum dos seus livros fala ela das glórias do amor e com que firmeza e com que subtil análise!

Glorias de amor, glorias de amor
Al viento, al viento, pues del viento sois.

E assim define o amor: « É uma aspiração que vive por fogo e acaba por ar; é um ai que vive por alento e morre por suspiro; é uma mentira que vive duvida e acaba desengano; é um fingimento que dura força e acaba tragedia; é um delirio que vive desmaio e passa a acidente; é um velar de olhos cerrados; é um cuidado de corações adormecidos; uma fé de idolatras; uma idolatria de infieis. Se este é, pois, o amor que faz estas glorias, quais serão as glorias do amor? » (1).

Nas suas poesias espanholas ha tambem, como se verá adeante, alguns espécimes interessantes, como ainda este:

.....
Silencio, silencio, aves
Callen vuestras vozes hoy
Que duermo para la vida
Despierta para el amor.
Dexen-me dormir,
No me acuerden, no.

Blandos zephiros, sociego
En vuestro aliento veloz
Que no es bien se atreva el ayre
Quando le oprime el ardor.
Dexen-me dormir,
No me acuerden, no.

Passito, passito, affectos
Quedo, que advertiros voy

(1) *A Preciosa*, vol. 1.º, pag. 163.

Que a los silencios del alma
No hade osar ni el coraçon.
Dexen-me dormir,
No me acuerden, no.

Ardientes suspiros, passo,
Advertid que vozes sois
Y si calla el pensamiento,
Como puedo osar la voz?
Dexen-me dormir,
No me acuerden, no.

Callad que duermo segura,
Y aunque sin sentido estoy
Yo diera toda la vida
Por toda la suspension.
Dexen-me dormir,
No me acuerden, no.

Silencio, aves; silencio, fieras; silencio, rios;
Silencio, aires; silencio, flores; silencio, amor,
No gieme fiera, no llore fuente, no cante ninfa,
No sople viento, no mueva hoja, no aliente flor,
Que de amor en los silencios
Hasta el silencio es rumor (1).

Eis agora a parte bibliográfica:

1 — « A Phenix apparecida na vida, morte, sepultura e milagres da gloriosa Sancta Catharina, com sua novena e peregrinação ao Sinay ». Lisboa, na Officina Deslandesiana, 1715, 8°.

2 — « A Preciosa. Allegoria moral offerecida á Excellentissima Senhora D Maria Anna das Estrellas, Religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa, e publicada por D Jayme de la Te e Sagau, Cavalleiro da Ordem de São Tiago Sua Authora a Madre Marina Clemencia Religiosa de São Francisco no Mosteiro da Ilha de S Miguel » Lisboa Occidental Na Officina da Musica. Anno de MDCCXXXI, 8°, de XXX + 355 + 4 no fim innum.

(1) *Enganos do Bosque*, pag. 140.

3 — « A Preciosa. Obras de misericordia em primorosos e mysticos dialogos expostas : Elogios dos Santos em varios cantos poeticos e historicos expendidos por Marina Clemencia, Religiosa de S Francisco no Convento da Ilha de S. Miguel ; mandados á impressão, e offerecidos á Mãy Santissima do Carmo Maria Senhora Nossa, por Sylvano das Ondas. Segunda Parte ». Lisboa Occidental, na Officina de Musica. MDCCXXXIII.

4 — « Obras varias e admiraveis da M. R. Madre Maria do Ceo.. dadas ao prélo pelo zelo, e diligencia do P. Francisco da Costa, do habito de S Pedro ». Lisboa Occidental Na Offic de Manoel Fernandes da Costa, impressor do Santho Officio. Anno de MDCCXXXV, 8.º, XII + 157 pgs.

Garcia Peres, no *Catálogo Razonado* menciona com o mesmo titulo

— « Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo... Corregidas de los muchos defectos de la edicion portuguesa, é ilustradas com breves notas por el Doctor D Fernando de Settién Calderon de la Barca (pseudonimo del P Florez) y dedicadas á la Excma. Sra Duquesa de Medina-Coeli ». Madrid, por Antonio Marin, 1744, 2 tomos, 8.º.

5 — « Aves illustradas em avisos para as Religiosas servirem os officios dos seus Mosteiros Sua verdadeira Autora a M R. M. Maria do Ceo. Religiosa, e duas vezes Abbadessa do religiosissimo Mosteiro da Esperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal Dado ao prélo por diligencia de Joseph Francisco de Baluceato, natural da antiga Escocia, e Catholico romano ». Lisboa Occidental Na Officina de Miguel Rodrigues, impressor do Senhor Patriarca. MDCCXXXIV.

6 — « Triumpho do Rosario repartido em sinco autos do mesmo, muito devotos e divertidos pelas singulares idéas, com que os compoz a muito reverenda Madre Maria do Ceo... dado a estampa pelo costumado zelo, com que já mandou imprimir os outros tomos o P. Francisco da Costa, do habito de S. Pedro ; e á sua custa ». Lisboa, por Miguel Manescal da Costa, 1740, 8.º.

Consta de cinco autos com os seguintes titulos:

1.º — *La flôr de las finezas*, pags. 1 a 58.
2.º — *Rosal de Maria*, pags. 59 a 122.
3.º — *Perla y rosal*, pags. 123 a 181.
4.º — *Las rosas com las espigas*, pags 182 a 230.
5.º — *Tres redenciones del hombre*, pags. 231 a 287.

São todos em castelhano.

7 — « Enganos do Bosque, Dezenganos do Rio, em que a alma entra perdida, e sahe dezenganada. Com outras muitas obras varias, e admiraveis, todos por sua verdadeira Autora a M R. Madre Soror Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abbadessa do Religiosissimo Mosteiro da Esperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal. Dados á estampa pelo zelo e diligencia do P. Francisco da Costa, do habito de S. Pedro ». Lisboa Occidental. Na Officina de Manoel Fernandes da Costa, impressor do Santo Officio. Anno de MDCCXXXVI. Innoc, *Dicc Bibl.*, VI, 137 cita uma ed. de 1741, por Antonio Isidoro da Fonseca.

Ficaram inéditos e podem considerar-se perdidos tres *autos* a S. Aleixo com os titulos:

1.º — *Mayor fineza de amor.*
2.º — *Amor y fé*
3.º — *Las Lagrimas de Roma.*

E as tres *comédias:*

1.ª — *En la cara va la fecha*
2.ª — *Preguntarlo á las estrellas.*
3.ª — *En la mas escura noche.*

MADALENA DA GLÓRIA

D. Madalena da Glória ou D. Maria Madalena Eufemia da Gloria era natural de Sintra onde nasceu em 11 de maio de 1672. Professou no Convento da Esperança em 25 de março de 1688, segundo diz Innoc. (1), ou em 1690, conforme escreve Cyrillo Volkmar Machado (2) que àlêm de escritora a menciona como tendo pintado « varios paineis para uma capela sua ».

Todos os seus livros foram publicados sob o anagrama de *Leonarda Gil da Gama*, a que acrescentava « Natural da Serra de Cintra » e sam:

— « Astro Brilhante em novo mundo, fragrante flor do Paraiso plantada no jardim da America, historia panegyrica e vida prodigiosa da S.ta Rosa de S.ta Maria, offerecida á Santissima Virgem do Rosario escrita por D. Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Cintra ». Lisboa Occidental, na Officina de Pedro Ferreira. Anno MDCCXXXIII, 8°. XVI — 335 pags.

— « Novena de Sancta Rosa de Santa Maria ». Lisboa, na Officina da Musica, 1734, 8°.

— « Brados do Desengano contra o profundo sono do esquecimento Em tres historias exemplares para melhor conhecer-se o pouco, que durão as vaidades do mundo, e poder das divinas inspiraçoens escritas por Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Cintra ». I Parte Lisboa, na Officina de Domingos Rodrigues, anno de MDCCXLIX II Parte, *ibid.*, na Officina de Musica, MDCCXXXIX.

— « Orbe Celeste adornado de brilhantes estrelas e dois ramilhetes : hum colhido pela consideração, outro pelo divertimento Dedicado á ilustrissima Senhora D. Joana Tereza de Noronha de Napoles. Autora Leo-

(1) *Dicc Bibl.*, v, 344.
(2) *Collecção de Memorias*, 42.

narda Gil da Gama » Lisboa. Na Officina de Pedro Ferreira. Anno MD .CXLII

— « Aguia real ou phenix abrasado, pelicano amante. Historia penegyrica e vida prodigiosa do inclyto patriarcha Sancto Agostinho ». Lisboa, na Officina Pinheiriense da Musica. 1744. 4.º de LXIV — 345 pags.

— « Reino da Babylonia ganhado pelas armas do Empyreo : discurso moral escrito por Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Cintra. Offerecido ao Senhor Francisco Pereira da Silva ». Lisboa, na Officina de Pedro Ferreira, MDCCXLIX, de 38 + 296 pags. com gravs algumas assinadas por Debrie.

Que diremos de Madalena da Glória, alma dotada de verdadeiro talento como as suas contemporâneas ? Ha numa das suas interessantes composições espanholas uma passagem curiosa. E' a que intitulou *Baile* e em que são figuras o *Amor*, duas *Damas*, o *Apetite* e dois *Galantes*.

O *Amor* entra vestido de pobre e encostado á aljava :

El Amor soy, que he llegado
A tal pobreza, que pido,
Por sustentar mi decoro,
Limosna, como mendigo.
Hay quien quiera limosna
Dar al dios Cupido ?

e acaba por confessar-se, em côro com as outras personagens, digno só de despreso e esquecimento. Diz ele :

Quien en Amor confia
Que premio espera
Si el Amor es engaño, mentira, y quimera?
TODOS — Engaño, mentira y quimera *(Dançan)*
APETITO *(Canta)* — Tiene en pecho de niño
Alma de fiera
Que el Amor es engaño, mentira, y quimera.
TODOS — Engaño, mentira, y quimera *(Dançan)*
1.ª DAMA *(Canta)* — Solo en las falsedades
oy persevera

Que el Amor es engaño, mentira, y quimera.
TODOS — Engaño, mentira y quimera *(Dançan)*
1.º HOMBRE — En sus mudanças siempre
Ver se pudiera
Que el Amor es engaño, mentira, y quimera.
TODOS — Engaño, mentira. y quimera. *(Dançan)*
2.ª DAMA — Sin arco. y sin carcaz
Ver-te quisiera;
Que el Amor es engaño, mentira, y quimera.
TODOS — Engaño, mentira, y quimera. *(Dançan)*
2.º HOMBRE — Las saetas que apunta
Siempre las yerra
Que el Amor es engaño, mentira, y quimera.
TODOS — Engaño, mentira, y quimera. *(Dançan y acaban)*. (1).

Não seria a repetição dêste estribilho o eco longinquo de desilusõis perdidas, a vingança dum coração viuvo para sempre de fagueiras esperanças, agora na tortura duma saudade dolorosa?

MENDES DOS REMEDIOS.

(1) *Brados do Desengano,* 2.ª Parte, pags. 87-93.

ESCRITORAS
DOUTROS TEMPOS

POESIAS

DE

Soror Violante do Ceo

SONETOS

I

Amor, se uma mudança imaginada,
É já com tal rigor minha homicida,
Que será se passar de ser temida
A ser, como temida, averiguada?

Se só por ser de mim tam receada,
Com dura execução me tira a vida,
Que fará se chegar a ser sabida?
Que fará se passar de sospeitada?

Porém se já me mata, sendo incerta,
Somente imaginá-la e presumí-la,
Claro está (pois da vida o fio corta),

Que me fará despois, quando fôr certa:
— Ou tornar a viver, para sentí-la,
Ou sentí-la tambem despois de morta.

II

Se era brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presumpção, vária a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza,
Lhana a ficção, sofistica a lhaneza,
Aspero o amor, benigna a esquivança;

Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeição, culpa a defensa,
Intrepido o temor, dura a piedade;

Delicto a obrigação, favor a offensa,
Verdadeira a traição, falsa a verdade,
— Antes que vosso amor meu peito vença.

III

Se apartada do corpo a doce vida,
Domina em seu lugar a dura morte,
De que nasce tardar-me tanto a morte
Se ausente d'alma estou, que me dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,
Pois tudo sem Silvano é viva morte,
Já que se foi Silvano, venha a morte,
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah! suspirado ausente, se esta morte
Não te obriga querer vir dar-me vida,
Como não ma vem dar a mesma morte?

Mas se nalma consiste a propria vida,
Bem sei que se me tarda tanto a morte,
Que é porque sinta a morte de tal vida.

IV

Que suspensão, que enleio, que cuidado
E' este meu, tirano deus Cupido?
Pois tirando-me enfim todo o sentido
Me deixa o sentimento duplicado.

Absorta no rigor de um duro fado,
Tanto de meus sentidos me divido,
Que tenho só de vida o bem sentido
E tenho já de morte o mal logrado.

Enlevo-me no damno que me offende,
Suspendo-me na causa de meu pranto
Mas meu mal (ai de mim!) não se suspende.

Ó cesse, cesse, amor, tam raro encanto
Que para quem de ti não se defende
Basta menos rigor, não rigor tanto.

V

Vida que não acaba de acabar-se,
Chegando já de vós a despedir-se,
Ou deixa por sentida de sentir-se,
Ou pode de immortal acreditar-se.

Vida que já não chega a terminar-se,
Pois chega já de vós a dividir-se,
Ou procura vivendo consumir-se,
Ou pretende matando eternizar-se.

O certo é, Senhor, que não fenece,
Antes no que padece se reporta,
Porque não se limite o que padece.

Mas, viver entre lagrimas, que importa?
Se vida que entre ausencias permanece
E' só viva ao pezar, ao gosto morta?

VI

Se por não me lembrar de um crocodilo,
Que matar-me intentou com falso pranto,
Podera sugeitar-me a rigor tanto,
Que habitara cos mais no egipcio Nilo.

Se por não me acordar daquelle estilo,
Que foi já por meu mal infausto encanto,
Podera padecer, causando espanto,
Quantos tormentos inventou Perilo.

Tudo passára enfim, tudo fizera
Por não me vir jámais ao pensamento
Quem fingindo chorou, matou fingido.

Mas que raro tormento não quisera,
Quem julga só pelo maior tormento,
A lembrança menor de um fementido.

VII

Quem, depois de alcançar o que pretende,
Da mesma obrigação delicto forma;
Quem em castigo o galardão transforma,
Ou aborrece muito, ou pouco entende.

Mas do nome de ingrato se defende,
Bem co de presumido se conforma
Quem quando mais feliz queixoso informa,
Quem em vez de premiar ingrato offende.

Porém, quando o juizo é levantado,
Quem duvída que a queixa é fingimento,
De quem não se quer dar por obrigado?

Este motivo foi do vosso intento,
Porém não se logrou, que o meu cuidado,
Tem por premio melhor este escarmento.

VIII

[Ao Dr. Duarte Madeira Arráez]

Ó tu, que oposto sempre á dura Parca,
Conservas em teu ser o ser humano,
Pois por ser Esculapio soberano,
Menos por seu respeito a morte abarca.

Tu, que Arráez deves ser, da vital barca,
Que navega no mar do mal tirano,
Novo Galeno, Apolo lusitano,
Medico, enfim, do português Monarca,

Logra de singular a feliz sorte,
Tanto apezar da intrepida homicida,
Que sejas do mais douto immortal norte.

Pois victoria será bem merecida
Que quem opor se sabe á mesma morte,
Saiba dar a seu nome immortal vida.

IX

[A Dona Mariana de Luna]

Musas que no jardim do rei do dia
Soltando a doce voz prendeis o vento;
Deidades que admirando o pensamento,
As flores augmentaes que Apolo cria;

Deixae, deixae do sol a companhia,
Que fazendo invejoso o firmamento,
Uma lua, que é sol, e que é portento,
Um jardim vos fabrica de harmonia.

E porque não cuideis que tal ventura
Pode pagar tributo á variedade,
Pelo que tem de lua a luz mais pura,

Sabei que acreditando a divindade,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro immortal da eternidade.

X

[Teme a morte repentina, e a justa sentença de condenação].

Temer, que se execute uma sentença,
A todo humano ser notificada,
Acção é natural, mas bem fundada
Na conta de uma offensa, e outra offensa.

Imaginar que é qualquer doença
Precursora da morte decretada,
Que muito, se talvez dissimulada
Vem sem aviso, e sempre sem licença!

Condemne meus temores quem se atreve
A viver sem temor no breve encanto
Da vida, que conhece por tão breve:

E tema eu, Senhor, com justo espanto;
Porque, se só não teme quem não deve,
Bem é que tema eu, pois devo tanto.

XI

[Vozes de uma dama desvanecida de dentro de uma sepultura, que fala a outra dama, que presumida entrou em uma igreja com os cuidados de ser vista e louvada de todos, e se assentou junto a um tumulo, que tinha este epitafio, que leu curiosamente:]

O' tu, que com enganos divertida
Vives do que has de ser tão descuidada,
Aprende aqui lições de escarmentada,
Ostentarás acções de prevenida.

Considera, que em terra convertida
Jaz aqui a belleza mais louvada,
E que tudo o da vida é pó, é nada,
E que menos que nada a tua vida.

Considera, que a morte rigorosa
Não respeita belleza, nem juizo,
E que sendo tam certa é duvidosa:

Admitte deste tumulo o aviso,
E vive do teu fim mais cuidadosa,
Pois sabes, que o teu fim é tam preciso.

XII

[A El-Rei D. João IV de Portugal]

Que logras Portugal? — um rei perfeito.
Quem o constituiu? — sacra piedade:
Que alcançaste com elle? — a liberdade.
Que liberdade tens? — ser-lhe sugeito.

Que tens na sugeição? — honra e proveito.
Que é o novo rei? — quasi deidade.
Que ostenta nas acções? — felicidade.
E que tem de feliz? — ser por Deus feito.

Que eras antes delle? — um labyrinto.
Que te julgas agora? — um firmamento.
Temes alguem? — não temo a mesma Parca.

Sentes alguma pena? — uma só sinto.
Qual é? — não ser um mundo, ou não ser cento,
Para ser mais capaz de tal Monarca.

XIII

[Ao mesmo]

Um só pezar, senhor, sente a vontade
Neste excesso da gloria portuguesa,
E é não poder comvosco uma fineza
Deixar de parecer comodidade.

Quem se vos rende, alcança liberdade,
Quem vos adora, ostenta subtileza,
Servir-vos muito, é de notar grandeza,
Morrer por vós, buscar eternidade.

Tudo finezas são, mas de tal modo
Comodidades só parecem, quantas
Finezas ha na paga que dais nellas.

E assim de todas o remédio todo
E' fazermos por vós finezas tantas,
Que talvez o pareça alguma dellas.

XIV

[Ao nascimento do Principe nosso Senhor D. João, que Deus guarde, que nasceu em sabado, 22 de outubro deste presente anno de 1689, secundogenito do Senhor Rei D. Pedro II, de Portugal, e da Rainha nossa Senhora D. Maria Sofia Isabel, que Deus guarde com as desejadas felicidades nos vaticinios deste seu Reino]

Nasce segundo para ser primeiro,
Este princepe augusto e peregrino,
Pois logrando excellencias de divino,
Sugeitará felice o mundo inteiro.

Nasce para aumentar o cativeiro
Dos corações do Luso e Palatino;
Pois cada qual se ostentará mais fino
Em tributar-lhe o amor mais verdadeiro.

Nasce para exemplar de magestades,
Honra de Portugal, pasmo do mundo,
Gloria de Deos, jactancia de Lisboa.

Nasce para depois de eternidades,
Succeder a um monarca sem segundo,
Nos meritos, no cetro, e na coroa.

XV

[A El-Rei nosso Senhor em agradecimento de uma mercê, que fez á Autora em o dia do nascimento do Principe D. João, que Deus guarde]

A vossos pés, monarca generoso,
Graças vos sacrifico agradecida
Por conceder soccorros a uma vida
Contra o poder do fado rigoroso.

Remunere o Senhor mais poderoso
Uma acção tanto ás suas parecida,
Pois quanto tem de menos merecida,
Tanto mais vos abona de piedoso.

Oh vivei, Alexandre Lusitano,
Idades tam sem conto, que divino
Vos presuma talvez o ser humano:

Vivei para alcançardes de contino
Já victorias do perfido Othomano,
Já triunfos tambem de meu destino.

XVI

MADRIGAL

Enfim fenece o dia,
Enfim chega da noite o triste espanto,
E não chega desta alma o doce encanto:
Enfim fica triumphante a tyrania,
Vencido o soffrimento,
Sem alívio meu mal, eu sem alento,
A sorte sem piedade,
Alegre a emulação, triste a vontade,
O gosto fenecido,
Eu infelice enfim, Lauro esquecido...
Quem viu mais dura sorte?
Tantos males, amor, para uma morte?
Não basta contra a vida
Esta ausencia cruel, esta partida?
Não basta tanta dor? tanto receio?
Tanto cuidado, ai triste, e tanto enleio?
Não basta estar ausente,
Para perder a vida infelizmente?
Se não tambem, cruel, neste conflicto
Me negas o soccorro de um escripto?
Porque esta dor que a alma me penetra
Não ache o maior bem na menor letra,
Ai! bem fazes, amor, tira-me tudo!
Não ha alívio, não, não ha escudo,
Que a vida me defenda,
Tudo me falte, enfim, tudo me offenda,
Tudo me tire a vida,
Pois eu a não perdi na despedida.

XVII

DECIMAS

[A Diogo Ferreira Figueiroa pelo seu livro intitulado « Theatro da maior gloria Portuguesa »]

Sois artifice e figura
De theatro tam perfeito,
Que imita em não ter defeito
A' celeste architectura.
Representando a ventura
Do Luso mais celebrada,
Tanto a fazeis admirada,
Tanto a deixais applaudida,
Que se alegrou succedida,
Suspende representada.

XVIII

[A um Doutor que chamou á Autora em uns versos que lhe fez viola — *flôr, e* viola — *instrumento]*

Contradizer a um Doutor
Bem sei que é temeridade:
Porém com uma verdade,
Quero pagar um louvor:
Nem instrumento, nem flor
Sou; porém, se o posso ser,
Ninguem trate de emprehender
O que não ha de alcançar:
Pois nenhum me ha de tocar,
Pois nenhum me ha de colher.

XIX

Mais sciencia que verdade
Acho nesta certidão,
Pois me causa admiração,
Porém não seguridade:
Quem fazer quer a vontade
A quem eu venero, e sigo,
Que não será muito digo
(Mas não o digo por gabo)
Querer dar alma ao diabo,
Por amor de tal amigo.

*

Dous estremos o cuidado
Me combatem juntamente:
Um — receio do presente,
Outro — o medo do passado:
Se escrivão tam abonado
Me assegura com verdade,
Não será temeridade
Presumir, que em sizo, ou graça,
Se não deu fé da desgraça,
Que deu fé da necessidade.

*

E assim posto que delira
Quem ostenta variedade,
Ora sinto ser verdade,
Ora sinto ser mentira:
Porque se da maior ira
Meus papeis despojos são
Que o sinta muito é razão,
Porém mais (que em tal distancia)
Dê fé da minha ignorancia
Tam notavel discrição.

*

Porém o mais certo é
(Que se bem é singular)
Pouca fé poderá dar
Quem não sabe guardar fé:
Serei como S. Thomé
Em não crer nunca sem ver:
Pois não deixo de entender,
Com indicios a milhares,
Que quem tem damas aos pares,
Pouca fé deve de ter.

XX

Tem-me tam desvanecida
Sugeição tam venturosa,
Que sendo a mais respeitosa,
Sou hoje a mais atrevida:
Mas estou tam presumida
De ver-me subdita vossa,
Que não é muito que possa
Festejar com tal excesso
Por vosso o melhor successo,
A maior dita por nossa.

*

Mas se hei-de fallar verdade,
Senhor, em metrico assento,
O vosso merecimento
E' maior que a dignidade:
Igual a capacidade
De vosso illustre sujeito
Espero ver-vos eleito:

Pois para que assim vos seja,
Não pode a maior inveja
Achar-vos nunca defeito.

*

O cargo de ser prior
Não vossas partes melhora,
Que se prior sois agora
Sempre sois superior:
Oh! não trateis com rigor
Aspecto tam permanente:
Mas se o delirio presente
Não tem desculpa bastante
Tende-me por delirante,
Mas sabei que estou contente.

XXI

Coração, basta o sofrido,
Ponhamos termo ao cuidado,
Que um despreso averiguado
Não é para repetido:
Basta o que havemos sentido,
Não demos mais ao tormento,
Que passa de sofrimento,
Dar por um desdem tirano
Toda a alma ao desengano,
Toda a vida ao sentimento.

*

Fujamos deste perigo,
Livremo-nos, coração,
Que não é bom galardão
O que parece castigo:

Eu comvosco, e vós comigo
Melhor o mal passaremos:
Pois entre amantes estremos
Tam divididos ficamos,
Que se nós comunicamos
E' só quando padecemos.

*

Aquelle bronze animado,
Por quem deixais de assistir-me,
Ai! que as finesas de firme
Troca em desdens demudado:
Deixemos pois um cuidado,
Que serve só de homicida;
Porém se é força que a vida
Fique egualmente arriscada:
Antes que de despresada,
Quero morrer de esquecida.

XXII

Cuidados assim vos quero,
Que sejais desesperados.

GLOSA PROPRIA

E' tal a causa que amor
Vos deu, cuidados queridos,
Que em serdes della nascidos
Me dais o premio maior:
Quem não aspira ao valor,
Que não esperando espero,
Tenha por caso severo

Querer-vos sem pretender,
Que eu só para merecer,
Cuidados assi vos quero.

*

Só sinto a difficuldade
Com que este amor satisfaço,
Por não dizerem que faço
Virtude a necessidade;
Porque a serdes com verdade
De esperanças animados,
Eu as deixara, cuidados,
Por merecer nesta empresa,
Por cuja razão me peza,
Que sejais desesperados.

XXIII

CANÇAM

[Á Madre Dona Maria de Menezes sendo Prioresa do Convento do Salvador de Lisboa].

Discreta maravilha,
Assombro do maior entendimento,
Excesso, a que se humilha
O mais desvanecido pensamento,
Prodigio soberano,
Divina intelligencia em ser humano:

Quem poderá louvar-vos
Sem passar pelo risco de offender-vos,
Se para exagerar-vos
E' forçoso, senhora, comprehender-vos?
E' maior impossivel
Chegar a comprehender o incomprehensivel.

E' vosso entendimento
Tam raro, tam subido, tam divino,
Que de maior portento
Póde ter o attributo peregrino,
E ainda este attributo
E' do maior saber menor tributo.

Quem conhecer o extremo
De vosso entendimento soberano,
Que vos inveje temo;
Mas vem a ser tão util este damno,
Que quem tiver inveja
Mostrará que conhece o que deseja.

Eu pelo menos digo,
Que absorta no divino deste excesso
Contra o mesmo, que sigo,
Invejosa, senhora, me confesso,
Porque mostrar desejo
Que conheço o que sois, pois vos invejo.

Mas é tam rara em tudo
A inveja, que procede de tal causa,
Que nem de affectos mudo,
Nem vossa presumpção pezar me causa,
Antes, se considero,
Quanto mais vos invejo, mais vos quero.

Discreta, illustre, e santa
Vos intitula a fama, que publica
Excessos, com que espanta,
Affeiçoa, suspende, e edifica;
Que o mais discreto extremo
E' saber agradar ao Rei supremo.

Sois Silva generosa,
Sois illustre, sois sabia, sois benina,
Sois digna, e sois ditosa,
Sois prudente, sois santa, e sois divina,
E enfim sois tam amada,
Que repetidas vezes sois Prelada.

Lograe eternidades
Esse raro valor, esse juizo
Entre as mais santidades,
Que habitam no ditoso paraiso
Do Salvador, aonde
O divino Gusmão tal prenda esconde.

E vós, Cysnes canoros,
Que habitaes no cristal do claro Tejo,
Solemnizae a coros
A rara discrição. que amando invejo,
Pois eu não chego a tanto,
Que transforme em louvor meu justo espanto.

XXIV

ELEGIA

[Á morte do serenissimo senhor D. Duarte, Infante de Portugal, e irmão do senhor Rei D. João IV de gloriosa memoria].

Chore o valor, desmaie-se o alento,
Sinta a razão, suspenda-se o sentido,
Reine o pezar, impere o sentimento,

Vendo a breve despojo reduzido
O maior vencedor, o mais triumphante,
Que foi da mesma inveja conhecido.

O que por ser de Portugal Infante,
Objecto foi da acção mais rigorosa,
Que chorou justamente affecto amante.

Vivia a competencia temerosa,
Invejoso o valor, teimosa a ira,
Livre o vigor, a inveja poderosa;

E como cada qual sempre delira,
Cada qual decretou, que se acabasse
A vida, por que amor chora, e suspira.

Quem vio que com rigor se terminasse
A grandeza, o valor, a valentia,
Que era razão, que o mundo eternizasse!

Mas já que eternizar-se não podia
Tam divino valor, por ser humano,
Não lhe apressára o fim a tirania.

Mas como fôra o odio tam tirano,
Se não se resolvera a desatinos,
Se não seguira as leis do cego engano!

Tirar do mundo os meritos mais dignos,
E tirar-lhe primeiro a liberdade
Rigores são de humano peito indignos.

Mas que importa acabar a humanidade,
Se fica a alma em tudo mais luzida
No lugar immortal da eternidade!

Que importa que feneça a mortal vida
Se fica para sempre a soberana
Na mesma eternidade introduzida!

Oh! tu, augusto Rei, deidade humana,
Quarto no nome, e no valor primeiro,
Libertador da Patria Lusitana:

Tu, que como Monarca verdadeiro,
Extinguiste o poder de uma violencia,
Terminaste o rigor de um cativeiro,

Não sintas de Duarte a dura ausencia,
Considera, Senhor, que tens agora
Mais util seu favor, que na assistencia.

Considera, que a perda foi melhora,
Pois tens na melhor Corte um assistente,
Que a divino poder favor implora.

Considera, que vive eternamente
Teu venturoso irmão, onde á ventura
Vinculado está sempre o permanente.

E tu, que absorto estás na luz mais pura,
Generoso Duarte, excelso Infante,
Possuindo a bonança mais segura,

Lembra-te de evitar o naufragante,
De quem no mar do mundo impetuoso
Sabes, que fica ainda navegante.

Lembra-te de evitar o tormentoso,
Conservar o tranquillo, e sossegado
Apezar do contrario rigoroso.

Mostra de Portugal tanto cuidado,
Que fique o pensamento do homicida
Com seu proprio delicto castigado.

Seja a tua vitoria dividida,
Porque seja mais grande essa vitoria,
Logrando tu no ceo immortal gloria,
Tendo João no mundo immortal vida.

XXV

EPISTOLA

[Á senhora D. Isabel de Castro na morte da Rainha nossa Senhora D. Luiza de Gusmão, que faleceu em 27 de fevereiro de 1666].

Se para exagerar meu sentimento
Tivera, oh discretissima senhora,
Um atomo do vosso entendimento,

Soubereis quanto sente, e quanto chora
Quem chegou a perder não só Rainha,
Se não tambem benigna protectora.

Porém quem de divina tanto tinha
Nas virtudes e prendas, que lograva,
Só viver com divinos lhe convinha.

Quem como soberana se ostentava
Nas perfeições, que rara possuia,
Entre as humanidades não se achava.

Agora sim, que em firme Monarquia
O premio logrará, que cuidadosa
Com tam santos excessos adquiria.

Agora sim, que sempre venturosa
A vista empregará na Magestade,
Que na Corte immortal vive gloriosa.

Agora sim, que aquella divindade,
Que adora o Seraphim sempre amoroso,
Verá quanto durar a eternidade.

Agora sim, que ao Rei mais poderoso
Rogará de mais perto pela vida
De terno tam querido, e venturoso.

Agora sim, que em glorias suspendida
Terá de Portugal tanta lembrança,
Como de Portugal é bem sentida.

Vós, illustre Isabel, que sem mudança
Soubestes ostentar amor tam fino
Ora fosse em tormenta, ora em bonança.

Vós, que por ter discurso peregrino
Déstes a vosso amor objecto tanto,
Que passava de humano a ser divino.

Suspendei a corrente a vosso pranto,
Pois offendeis com elle a quem na gloria
Ouvindo está, senhora, eterno canto.

Alivio seja sempre esta memoria
Do excessivo pezar, que solicita
Levar de tantas prendas a vitoria.

Contemplae de Luiza a eterna dita,
Se quereis do pezar ficar triumphante,
E faça-vos o Ceo quasi infinita:

— Vossa firme oradora, Sor Violante.

Soror Maria do Ceo

I — ALGUNS TRECHOS EM PROSA

DAS « AVES ILLUSTRADAS »

A ANDORINHA Á VIGARIA DA CASA

Em a mesma manhã, e em os mesmos claustros, sahia da sua cella a segunda Prelada daquelle mosteiro, quando o enfadonho canto das andorinhas saudava ao sol: calae, dizia a religiosa, calae andorinhas, que estrugís com esse desagradavel canto. Aqui respondeu uma: mandae callar as freiras, e deixae cantar as aves; tendes por vossa conta o silencio, e qualquer palavra em a noite vos deve estrugir mais, que quantas andorinhas ha em a manhã: a palavra, que ouvirdes em a hora prohibida, não só vos ha de entrar pelos ouvidos, mas vos ha de ferir por elles; até as aves guardam respeito á noite para emudecerem; guardem-no ao silencio para não falarem; em a hora de callar está a ave muda; como parecerá em esta hora a religiosa palreira? Em a noite até a fera soffre o bramido; soffra a racional a voz; a que quiser falar a toda a hora, fale com suas irmãs nas dispensadas, e fale com Deos nas prohibidas; pergunte-lhe com a alma santa, aonde passa a sésta, e pergunte-lhe tambem, aonde passa a noite, e alli em a sole-

dade do seu silencio lhe falará ao ouvido. Quis Deus vir ao mundo a resgatar o genero humano, e como Senhor de todas as horas podia eleger a que quisesse para esta maior fineza de seu amor, não escolheo a da madrugada, sendo a mais pura; não escolheo a da manhã, sendo a mais alegre; não escolheo a do meio dia, sendo a mais perfeita; não escolheo a da tarde, sendo a mais frequentada; mas escolheu a da meia noite, por ser a mais quieta. Tanto ama Deus o silencio, que preferiu a hora do silencio a todas as outras, e nem quando vinha a ostentar finezas, buscou bulicios: *Dum medium silentium tenerent omnia.* De boa razão as religiosas em nenhum tempo deviam falar mais que o preciso, e não cuideis, que as aperto muito, porque ainda assim lhes não deixo pouco: falar em hora de recreação é preciso, porque já para isso está dedicada, e é um desafogo, em que convalece o animo dos apertos da mortificação para tornar a ella vigoroso: é preciso falar com as enfermas, ou já para consola-las, ou já para diverti-las; é preciso falar em as occupações do officio proprio, porque é obrigação o administra-lo: é preciso o falar ou com a parenta, ou com a amiga, que me busca, porque o ser religiosa não me desobriga de ser politica, e até aos do ermo se extendeu em muitas occasiões esta urbanidade; mas advirto-vos a todas que em a recreação a vossa historia ha de ser espiritual, a vossa graça ha de ser sizuda; ás doentes haveis divertir, mas não relaxar; em o administrar os officios não mandem com estrondo, sirvam com modestia; com as seculares falem como religiosas, dêem-lhe a pratica de Deus, e não lhe tomem a do mundo, e sempre caridade com o proximo: com as

doentes não murmurem das sans; com as que trabalham não murmurem das que descansam; com as de fóra não murmurem das de casa, e em a recreação não digam mal de nada. Vede agora, senhora, se havendo tanto em que falar no preciso, tem desculpa a religiosa em falar o escusado, e dahi passar ao prohibido.

Uma de profissão Carmelita descalça, sendo mui nimia em os escrupulos, doença do seu sexo, ao depois de cumprir com as mais em o côro a obrigação do officio divino, o tornava a rezar em a cella na hora do silencio, e por satisfazer melhor com o seu escrupulo, ou com a sua ignorancia o rezava alto, e lhe aconteceu sentir em si aquella vivente, e asquerosa praga, que Santa Thereza deixou para despertador dos defeitos de suas filhas. Como não conhecia nenhum daquelles defeitos mais notaveis, a que corresponde aquelle castigo, foi-se ao seu confessor com esta afflição a dar-lhe conta da novidade; o padre, que a venerava perfeita, porque o era, a examinou muito miudamente, e vindo a contar-lhe o modo, com que rezava o officio divino, entendeu ser este o defeito, de que a Santa a avisava; mandou-lhe que não rezasse o officio mais que com a Comunidade, reprehendendo-a de que estando em silencio, se atrevesse a dizê-lo em tom, que fosse ouvida: obedeceu a boa religiosa, e logo se achou livre do vivente castigo que a avisava. Em hora de silencio, em tempo de quietação nem por boca de David se deve falar alto, nem as palavras de Deus se hão de pronunciar com estrondo, e a ser de outra sorte, até o que o escrupulo busca para satisfação, se converte em culpa.

Em certa congregação de religiosos perfeitos chegou, como é estilo, o zelador a denunciar

ao prelado as faltas, em que os religiosos tinham cahido em aquelle dia; e parecendo-lhe que lhe não ficava mais que dizer, se despedia; aqui chegou a elle um dos que assistiam, e lhe disse: adverti que vos falta denunciar o como fulano falou na hora do silencio. Respondeu o zelador: foi uma palavra só. O prelado, que percebeu tudo, acudiu: e pois ainda havia de ser mais que uma palavra? E logo alli lhe deu a penitencia; assim faz quem fia delgado. Senhora, não fieis em estopa, se podeis em holanda; com tudo não hei de dizer-vos que uma palavra quebranta a lei, porque assim como um bocado não quebra o jejum, assim uma palavra não quebranta o silencio: este caso é de perfeição, não de rigor. Fazei, senhora, guardar o silencio, porque ahi assiste Deus, aonde o ha. A alma santa pedia a seu esposo um zefiro brando para regar as flores do seu horto; não lhe pedia o vento, que faz ruido; não lhe pedia a agua, que faz estrondo; não lhe pedia o sol, que faz publicidade; nada disto lhe pedia para crear as suas flores, para fazer crescer as suas virtudes; mas só lhe pedia um zefiro brando, uma respiração mansa, uma viração muda, porque tudo isto indica um silencio quieto, e aonde está o silencio, ahi está Deus, e aonde está Deus, ahi crescem as virtudes. Tudo isto, senhora, vos hei trazido para pordes muito cuidado em fazerdes guardar esta observancia. Fazei-vos obedecer, que sois prelada; a primeira se ha de respeitar como a deusa, a segunda como a primeira, e quando as virdes comvosco menos attentas, menos rendidas, dizei-lhe com imperio o que Christo ao discipulo Felippe: Quem me vê a mim, vê a meu pai; Irmãs quem me vê a mim, vê a minha

maior, a mesma sou para o respeito, a mesma para a veneração.

Com as serventes do mosteiro, pois estão no vosso dominio, tende muita conta; um mosteiro é uma republica pequena; em esta se o povo não é bem regido, tudo vae desordenado; trazei-as humilhadas, pois são servas; se as castigardes, seja com brandura; se as favorecerdes, seja com moderação, porque aqui o desvanecimento as não faça altivas, e lá a demasia as não deixe irritadas; fazei muito porque nunca passem da sua esfera, que nella entenderão nasceram para servir: antes que por mal, as leveis por bem, que o rigor faz servos inimigos, e o agrado escravos voluntarios; sede para todas, e todas serão para vós; louvae muito as que forem melhores seguindo a opinião do adagio em a condição da virtude; mandae-as servir, mas não adorar, lembrando-vos que as religiosas farão muito mal o papel de idolos; deixae esse para os seculares, que se fazem adorar dos criados como deuses; a cujo proposito vos contarei um apologo, que não desmerece por fabula, o que merece por exemplo.

Em certa corte da Asia se convidaram os grandes, e poderosos para fazerem entre todos um banquete: foram as prevenções tam soadas, que até ao Ceo chegou o seu estrondo: teve Jupiter, o deus dos deuses, curiosidade de achar-se neste convite, aonde só faltaria o seu nectar: cortou de uma nuvem uma capa, e baixou de embuço; nesta fórma entrou, quando já as mesas estavam postas, e os convidados a ellas: disse ser estrangeiro, e pediu licença para assistir em aquella solemnidade: elles mui pagos da sua pessoa lhe deram entre si assento: em o melhor do ban-

quete perguntou Jupiter aos circunstantes: E para quem sam as abundantes sobras que aqui ficam? Para os criados, responderam elles: E esses pratos mais mimosos, que da mesa mandais? Para nossas mulheres, tornaram os convidados: E os que reservais? Para os amigos ausentes, responderam os grandes: E este ajoelhar, estas prostrações, estas venias, estas adorações, que aqui se fazem, para quem sam? Para nós, tornaram os convidados. Aqui Jupiter dando uma pancada na mesa, que fez estremecer a terra, e aturdir os homens, rasgando o embuço, disse: E que deixais para mim? Os homens, que em a acção e em a luz conheceram a Jupiter, prostrados a seus pés não sabiam que dizer-lhe; elle com irado semblante lhes proferio estas palavras: Se não quereis contra vós o raio de Jove, deixai os banquetes para os homens, e as adorações para os deuses. Aqui se fez desapparecido.

Agora ao mesmo proposito vos contarei um successo, que não é apologo.

Em Hespanha um poderoso admittiu em sua casa um criado pouco pratico nos estilos dos grandes, por se haver creado em uma aldeia; succedeu na mesma manhã, em que entrou, levá-lo o senhor com outros a acompanhá-lo a uma igreja, que estava fóra da cidade, aonde se fazia festa, a que elle queria assistir: era a festa de tarde, e o fidalgo antes de chegar ao lugar, quis jantar em o caminho, para o que já ia prevenido. Notou o aldeano o estarem todos em pé, e descobertos enquanto elle comeu, o ajoelhar ao dar a copa, e jarro, e todas as mais cerimonias reverentes; e já que chegavam ao santuario, perguntou o novo criado a seu amo com mais

malicia, que singeleza: senhor, que hei-de fazer quando entrar na igreja? Isso, respondeu o fidalgo indignado, isso pergunta um catholico? Pois, senhor, tornou o moço, eu a vós descarapucei-me, ajoelhei-me, fiz tantas mesuras, que me fica para lá? Aqui o amo dando-lhe o riso: (gastava bom humor) fica-te o bater nos peitos.

Este successo, senhora, e este apologo era para os grandes melhor, que para as religiosas, porque me parece não ha já freira, que se deixa adorar, ainda que haja religiosa, que se deixa servir; e a não ser fóra de meu intento, muito podéra neste particular dizer ao mundo; e que dissera Deus, se assim como em a fabula Jupiter se dignou de falar aos convidados, se dignára de falar aos homens?

Tende, senhora, muito cuidado em examinar o vosso mulherio nisto da lei de Deus, que ha pessoas muito ladinas em a pratica, e muito ignorantes em a doutrina christã; ellas tem obrigação de saber, e vós de saber, se sabem; poderão vir do mundo rudes; vede vós em Sião, se estão filhas de Babylonia; não vos fieis em as verdes espertas, nem ainda bem inclinadas, que se lhes faltou a doutrina, poderão amar a Deus pelo bom natural, e ignorar as suas cousas pela má educação; para servir, serão mulheres vivas, para a confissão mulheres brutas; poderá haver alguma, que saiba quantos pontos tem o assucar, e ignore quantos artigos tem a fé. Vigiae o seu traje, não sendo que servindo religiosas, vistam como seculares; pelos senhores não se conhecem os servos, mas pelos servos os senhores; tudo o que nellas for curiosidade, será em vós desdouro; trajem de sorte, que quem as vir a ellas, vos conheça a vós: o maior brazão, que tem, é o servirem em a casa de Deus; tragam

a sua libré. Peço-vos muito, que as conserveis mui conformes, porque a desunião das servas não perturbe a paz das senhoras; se se vos transluzir algum dissabor, chegai-as a compor, antes que cheguem a pelejar. Se o Iris apparecera antes da tempestade, não houvera aquella universal rebelião das aguas, aonde a sua braveza afogou o mundo. Não se limite o vosso cuidado nesta materia só ás serventes, passe tambem ás religiosas, que a tudo se extende a vossa auctoridade; se as virdes desunidas, levai as mais perfeitas pelo escrupulo, e as mais entendidas pela razão, as mais azedas pelo carinho, as mais brandas pelo natural, e desta sorte as deixareis em paz, que é grande mestra a manha. Um mosteiro sem união é como um relogio desconcertado, tudo é tempo confuso, horas perdidas, cordas quebradas; uma congregação de religiosas é um retrato do ceo, se tem paz; e é um bosquejo do inferno, se a não tem; o que Deus nellas mais ama, é a união, porque sem união não ha virtude, não ha humildade em quem se sente, não ha sofrimento em quem se queixa, não ha caridade em quem se vinga, não ha mansidão em quem grita, não ha oração em quem se inquieta.

*

A CHAMARIZ Á VIGARIA DO CÔRO

Em o illustrissimo dia para as aves, desde a sua janela, achando-a ainda recolhida, falava assim uma chamariz á Vigaria do côro: levantai-vos, senhora, que ja venho de chamar as

aves, para que louvem a seu Creador, e agora vos chamo, para que louveis a vosso Deus: não é bem dêem quinau os brutos aos racionaes, as aves ás esposas; componde-vos que já as flores se toucaram de perolas, os montes se vestiram de ouro e grã para esperar o sol, e a vós vos espera o ceo; quem tem amores, não dorme; se vós tivereis amor, madrugáreis; sono e amor não se dão juntos, porque um sempre arde, outrò nunca opéra; diz lá o castelhano: « Quatro horas duerme el santo, seis el que no es tanto, siete el escudero, ocho el cavallero &c. » mas não diz quantas dorme o amante, porque o amante nunca dorme; na frase de santo, dá-lhe quatro horas, mas na frase de amante não lhe achou hora, porque este a toda a hora vela; o sono não só é descredito do amor, mas perigo do entendimento; entorpece nesta demasia, que se fazem grosseiros os sentidos: sem a lima dos sentimentos o que mais dorme, menos vive, pois furta á vida quanto dá ao sono, e enquanto não acorda, é um morto sem sepultura. Levantai-vos a louvar a Deus que já os anjos vos esperam em o coro, e a que faltar, sendo moça, mandai chamá-la; não me digais que pode enfadar-se; de que se ha de enfadar? De a chamardes, para que louve a Deus? A cousa mais santa, a cousa mais util, a cousa mais honrosa? Antes me parece tem que agradecer-vos o cuidado na sua obrigação; a vossa é tam alta, como diz o officio, que administrais, officio divino, certo que não merecia para administrá-lo mulher humana; se assim como ha Deus, houvera deusa, só esta era digna de administrar o tal officio. Andae sempre purificada para tam alto ministerio, sempre justa, sempre clara, já que a natureza vos fez uma

mulher, a graça vos assemelhe a uma divindade. Adverti, senhora, que na reza haveis de ter pausa, silencio e attenção; attenção a Deus, em cuja presença estaes; silencio, porque enquanto se fala com o Creador, não se fala com as creaturas; pausa, porque os verbos, que pronunciaes, sam divinos, e devem ser mui explicados: córos sem pausa sam palavras de Deus em confusão de vozes: olhae aos anjos cantando em ó ceo aquelle divino motete: « Santo, Santo, Santo »; pois porque não dizem estes musicos: Santissimo, que é o mesmo que tres vezes Santo, e é o titulo, que se dá ao mesmo Deus sacramentado? Sabeis porquê? Porque nas tres vezes Santo vam tres pausas, em santissimo uma; e como os anjos cantam a córos, e na presença de Deus, buscam uma letra, que seja a mais pausada; ainda que ambas sejam divinas, seja santissimo por antonomasia, e seja tres vezes Santo em o côro; imitae estes musicos angelicos, pois comvosco louvam ao Senhor, que louvais. Pausa em o officio divino; em duas palavras vos direi, qual esta attenção ha de ser, não attendendo a outra cousa alguma, toda transformada na reza, no canto, e em Deus, a quem se tributa canto, e reza; aqui com Deus se fala, e aonde se fala com Deus, não se fala com outrem. Instae muito em que não haja desconcerto; falar com o livro em latim, e com as que me ficam ao lado em português, com os pensamentos em todas as linguas, isso será fazer de uma hora de Deus uma torre de Babylonia; se recolhermos os pensamentos, logo recolheremos as palavras, e aonde aquelles não devem fazer ruido em a mente, como soarão estas em os ouvidos? Adverti, senhora, que ali uma palavra escusada é uma culpa

commettida; logo para que havemos misturar peccados com perolas? As palavras de David sam thesouros, deixemo-los correr sem os embaraçar.

*

O ROUXINOL ÁS SACRISTÃS

Entrava pelo côro a sacristã-mór com as suas companheiras, e uma lhe dizia: Vós, senhora, honraes este officio. Aqui um rouxinol, que sobre uma roseira, que fazia cortina á janella do côro, deixou de cantar á rosa por responder á freira: Reparae, disse, o como falais, que vós outras não honraes o officio; o officio é o que vos honra a vós; o officio, senhoras, vos faz umas sacerdotizas catholicas, umas coadjutoras dos ministros de Christo, umas immediatas aos sacerdotes, umas aias da igreja, e umas misticas do altar; o officio vos faz tratar as vestimentas sagradas, os amictos puros, e os sanguinhos santificados; vede agora, se vós honraes o officio, ou se o officio vos honra a vós? Certo que de tal communicação, se os anjos vos não ajudarão invisiveis, vos tiveram inveja declarados; o officio vos faz umas virgens prudentes com vantagens ás do evangelho; ellas lá cevavam as alampadas para se justificarem a si, vós cevai-las por alumiar ao Senhor; lá cada qual cevava só a sua, vós cevais todas; ellas negaram o oleo ás companheiras, porque lhe não faltaste para a ocasião, vós sem a nota de escassas proveis o oleo para todas as ocasiões, para todos os dias, para todas as horas, com que o evangelho as faz a ellas prudentes, e a vós o officio

prudentissimas; olhae o que lhe deveis. Lembra-me a mim que as Vestaes só por conservarem o fogo, a que chamavam eterno, inutil, porque nem alumiava a Deus, nem ainda aos deuses, antes o tinham subterrado debaixo de uma lagem, eram por esta conservação tam veneradas, que quando por alguma ocasião importante á sua mesma autoridade sahiam da sua clausura, se na rua as topava a justiça com algum delinquente caminhando ao supplicio, ficava o condenado absolto do crime, e livre da morte; assim usava a gentilidade com quem merecia ver o rosto a mulheres, que conservavam aquelle fogo; tirae agora a consequencia, e vede a veneração, que podeis alegar cevando estas alampadas.

Senhoras, em os mais officios servis a Deus em as creaturas, neste servis a Deus em Deus; os outros podem-vos deixar santas, este deixa-vos endeusadas: tocais os ornatos dos altares, as vestimentas dos sacerdotes mais veneraveis que o santo Ephod; com este se servia a um Deus em o « sancta sanctorum » escondido, e com aquellas se serve a um Deus em o sacramento manifesto: a pureza, senhoras, com que deveis tratar cousas tam altas, deixo-a á vossa christandade; não falo em pureza de pessoas, que isso seria desconhecer as açucenas, falo em pureza de virtudes: essas mãos, que tocam adornos tam sagrados, devem andar cheias de boas obras; esses pés, que se encaminham a servir a igreja, não ham de rotroceder em inferiores passos; essa mente, invento de tam ditoso adorno, não se ha de profanar em pensamentos inuteis; toda vós estais deificadas pelo contacto, e deveis deificar-vos pelas virtudes; assim vos haveis de acear a vós, vede agora o como haveis de acear o côro. Estes

dous logares haveis de ter tam aceados, que mais vos ha de doer um pó nelles, que um argueiro em os olhos; eu vos dou licença que tragais o vosso templo tam aceado, como os japões os seus palacios; de um se conta que porque achou em uma das casas principaes uma casca de fruta, matou a criada, que tinha á sua conta a sua limpeza; eu, senhora, não vos digo que castigueis vossas companheiras como gentia, mas advirto-vos que se houver algum descuido, as reprendais como perfeita. Para o côro e igreja se fizeram os aromas, os perfumes, e suavidades; ali todo o aceio é limitado, nenhum é nimio, e todas as vezes que queimardes as pastilhas em o fogo, fazei por queimar o coração em o amor, que o fumo deste sacrificio ainda ha de subir mais alto que o do incenso; tende a vossa igreja com o aceio, que se deve a um templo de Deus, e ouvi este caso, para que delle espereis o premio.

Conta-se em o livro das relações da Persia, que compôs o Padre Fr. Antonio de Gouvea religioso de Santo Agostinho, que tinham estes um convento em a cidade de Mombaça, e delle repartiam religiosos, para residencias, que tinham por aquella costa, era uma em Pate; succedeu estar nesta um religioso chamado Fr. Diogo do Espirito Santo; este com sua doutrina e exemplo havia feito por aquella costa grandes serviços a Deus; entre os criados de sua casa tinha um moço natural da terra, que pela conversação sabia a lingua; era este mouro por nome Mafamede naturalmente bem inclinado, e affeiçoado aos portugueses, e ás suas cousas, e como a tal lhe encommendava o Padre Fr. Diogo muitas vezes o concertar a igreja, enramá-la, e juncá-la em os

dias de festa, o que elle fazia com tanta curiosidade, que dava gosto aos padres, e aos mais christãos; ausentou-se por uns dias por ser preciso acudir a outra parte, continuando o mouro em o cuidado da igreja, que lhe encommendara, assim a varria, e enramava todos os sabados: succedeu adoecer antes de chegar o padre, e apertando a enfermidade mandou chamar um dos portugueses, que em Pate ficaram, e lhe disse: Eu sei que hei de morrer desta doença, porque um padre do mesmo habito que o nosso, mas de mui veneravel presença veiu ter comigo esta noite, e me disse; porque me não fazia christão, como me aconselhava Fr. Diogo? Que soubesse morria daquella doença, e se fosse em a seita de Mafoma, me havia de perder para sempre; por tanto me aconselhava me fizesse logo christão, e que elle era muito meu amigo, e me estava muito obrigado pelo serviço, que lhe fazia em a sua igreja; era de Santo Agostinho. Eu lhe prometti de tomar logo a vossa lei, rematou o Mouro, pedindo ao português com muita instancia que o baptizasse. Elle ainda que muito bom christão e devoto, fez pouco caso do que o mouro lhe dizia, parecendo-lhe ser tudo medo da enfermidade, e não desejos de sua conversão, e assim lhe disse não tivesse temor de morrer em aquella ocasião, e que o padre vinha brevemente, e logo o catequizaria, e daria o baptismo, e com isto se tornou para a sua pousada. A noite seguinte, como o mouro affirmou, lhe tornou a apparecer a mesma visão repetindo-lhe o que lhe havia dito, acrescentando tornasse a chamar o português, porque se o não havia baptizado, fôra por não dar-lhe credito, mas que se instasse, o faria christão. Fê-lo assim o mouro,

e chamando ao português, lhe repetiu a segunda visão, e que nella lhe disseram, se o não baptizasse logo, daria conta a Deus da sua alma. O christão temente a Deus, vendo não ser aquelle negocio para deferido, o catequizou o melhor que soube, declarando-lhe os principaes misterios de nossa fé. O mouro por se ver livre de mulher e filhos, que o rodeavam, se passou para a casa do português, não permittindo ser mais visto de parente algum; toda aquella noite conversou na paixão de Christo, e vendo-se chegado ao fim da vida recebeu o baptismo da mão do português, sem que o demonio se esquecesse de o molestar com terriveis visões, mostrando-se-lhe em forma de negros disformes, que com azagaias o queriam matar; defendeu-se elle com o escudo dos nomes de Jesus e Maria, que não largou da bocca até acabar a vida, e ir gozar da visão de Deus, que de tam pequena ocasião, como era o serviço, que este mouro fazia á sua igreja, lhe teceu a coroa da eternidade por meio de sua conversão, merecendo que o mesmo Santo Agostinho o viesse exhortar a ella.

Assim premeia Deus a quem cuida dos seus altares, a quem se esmera em a sua igreja, a quem se disvela em seu culto; dos gentios faz catholicos, dos catholicos fará santos; não receeis os gastos do officio, que a mão de Deus é mui liberal para ajudar-vos, se a vossa se abrir para seu obsequio; gastai ahi tudo o que poderdes com o cabedal, e tudo o que não poderdes com a vontade; nessa offerecei em o côro e igreja todo o ouro da America, toda a prata do Potosi, todos os topasios da Etiopia, todos os rubins de Ceilão, todos os diamantes da Persia, todas as perolas do sul,

e neste sacrificio do desejo merecereis em a vontade o que merecerieis em a obra; mais deu a viuva do templo em um real, que os grandes de Jerusalem em muitos talentos, porque ella deu o que tinha com a mão, e o que não tinha com o desejo. A igreja é a gloria da terra; fazei que a vossa igreja cheire á gloria, fazei o paraiso nas boninas, e ceo nas fragrancias; principalmente vos encomendo sejais mui liberal com o incenso; aprendei de Alexandre com os templos gentilicos para o de Deus verdadeiro: este Principe em tudo magno gastava com tal excesso o incenso nos sacrificios, que seu aio Leonidas lhe disse se fosse á mão em a demasia, com que o distribuia, pois não era senhor da terra, em que se creava; andou o tempo, e a poucos vôos se fez Alexandre senhor das Arabias, logo mandou a Leonidas um navio carregado do dito aroma, dizendo-lhe gastasse sem dó, pois já estava senhor das terras, que o produziam. E porque aqui vem a proposito, vos quero contar o deste fumo de Deos, ou deste Deos dos fumos.

Arabia a Feliz é a patria do incenso; alli nasce em a religião de Sabá, nome, que segundo os gregos significa misterio; dizem do terreno, aonde se cria, ser entre roxo, e branco; nelle se levantam altos montes, em cuja eminencia começam a apparecer estas aromaticas arvores, que se continuam até o plano, nascidas, sem que algum as plante, banhadas com claras, e caudalosas fontes; dizem serem tres mil, e não mais, as familias, que por successão appropriam a si o direito destas arvores, e por isso sam chamados os sagrados, e não se mancham com trato impuro, nem de mortuario, quando pódam estas arvo-

res, e assim se augmenta o lucro com a religião. Costumam colher o incenso uma vez por anno, porque havia pouca occasião de vendê-lo, mas ao depois o lucro duplicou a vindima; a primeira e natural é vezinha ao nascimento da canicula com o mais ardente calor, cortando por onde parece estar mais cheia, e estendida a delgadissima casca, daqui sae, não logo depois de ferida, uma escuma copiosa; esta se coalha, e endurece recebida em um lugar accomodado, ou em esteira de palma, ou em uma eira cercada de pannos; daquella maneira é mui puro, desta mais pesado; o que se pega á arvore, se tira, e desfaz com ferro: dividida a selva em partes, nenhum guarda as arvores feridas, nenhum furta ao outro; tudo está seguro; com innocencia correspondente recolhe-se em o Outono o que sae das arvores em o estio, que é puro e branco. A segunda vindima é em o verão, e para ella cortam a casca das arvores em inverno; este sae vermelho, e não se póde comparar com o primeiro; áquelle chamam Carfecto, e a este Damiato: cre-se ser mais branco o das arvores novas; porém o das antigas mais cheiroso: entre os europeus se falsifica com goma de rezina branca com a semelhança, mas prova-se com a brancura, com o tamanho, e com o fogo, que logo arde, e tambem que não haja chegado aos dentes, quando se faça migalhas. Dei-vos, senhora, esta noticia, para que saibais, ou tenhais conhecimento do aroma, que a Deos mandais sacrificar todos os dias.

Muito cuidado, senhora, com os vossos templos, muito ornato, muito aceio, muito fumo, pois até a gentilidade vos dá este particular exemplo. Do legislador Carondas escreve Estobeo haver feito lei, em que condenava

por infame ao que levantasse casa de maior pompa, que os templos dos deuses. Oh quantos catholicos se poderão confundir com esta memoria, pois á vista de tantas Igrejas pobres, e arruinadas estão levantando palacios á soberba do alheio no emprestimo, do proprio na vaidade, e o peior é que alguns com os frutos das commendas ornaram as suas paredes com teias de damasco, e brocado, e as Igrejas, a cujo respeito logram estes frutos, estão cobertas de teias de aranha, usando com ellas dous aggravos, um na indecencia, outro na ingratidão! Oh quantas imagens estão em os altares vestidas de velho, e quantas vaidosas em os estrados revestidas de tissu! Quantos Christos celebrando o tremendo sacrificio com vestes pobres, quantas damas passeando as ruas com roupas bordadas! Pois que dizeis a isto, senhora? Não é parecerem os gentios fieis, e os catholicos gentios? Oh quanto Deus sofre! Ao proposito de que tudo o melhor se deve a Deus, vos trarei um conto, que ainda que pareça apologo de Esopo, é menos antigo.

Esgravatando um gallo em a terra a ver, se achava alguma cousa que comer; que nem os brutos se contentam com o que lhe dão, achou uma perola, um velorio, e uma pedra de sal; como nenhum destes haveres era mantimento para elle, e de boa vontade os trocara por um grão de milho, pois perolas a gallos é o mesmo, que margaritas a porcos, que para cada qual não é melhor o melhor, senão o que melhor lhe serve, ficou indeterminado em o que faria destes achados, sendo a perola o que lhe dava mais cuidado, porque além de o ser, era uma formosa margarita: resolveu-se em ir consultar a aguia, e acertou; que o buscar o conselho

dos sabios é segurar o acerto das acções; chegou ao alto ninho, e relatando o successo, accrescentou estar duvidoso em se daria a perola á dama para o seu toucado, se ao homem para os seus interesses, ou se ao mar por sua restituição; e que na repartição do mais estava duvidoso; que visse S. Majestade Aquilina o que era mais justo na distribuição daquelle achado, que a elle lhe não era util para cousa alguma; ouviu a aguia com grande attenção ao gallo, e depois de fixar os olhos em seu deus o Sol, respondeu illustrada: « o velorio dareis á dama, porque é de vidro pela materia, assim como ella o é pela duração, e far-lhe-ha memoria do seu ser; o sal dareis ao homem, que anda muito falto de graça, muito cheio de malicia, e de infidelidade; a perola tomo para nós, que a quero enfiar em um raio de Apollo, porque a tudo o mais precioso têem direito os deuses ».

Dizeis como sábia, respondeu o gallo; porém, ainda que de fraca memoria, me lembra que Cleopatra rainha do Egypto servindo-lhe de arrecadas duas perolas tão formosas, que se tiverão por milagre do mar, e a mim parece-me que cahirão do toucado a Thetis, a primeira sacrificou a seu amor em as aras de um copo de vinho, que deu a Marco Antonio, e a segunda pela ver orfã, a recolheu em o templo, offerecendo-a á deusa Venus, com que aqui preferio o amor á divindade. Assim, foi, tornou a aguia, mas quaes foram os frutos desse amor? Para Antonio um punhal, para ella dous aspides, que a isto se aventura quem faz a Deus segundo do homem. Repartiu o gallo o seu achado conforme a sentença da aguia, que a muitos pode deixar illustrados, e a todos advertidos.

*

O GALLO Á PORTEIRA

Ao abrir da porta vendo a Porteira um gallo, que cantava em o patio, disse: este gallo me acompanha em as madrugadas: senhora, respondeu o gallo, em as auroras, em as manhãs, e em as tardes, não das aves brutas, não das creaturas racionaes vos haveis de acompanhar, mas somente do que dirão de vós em este officio. Que dirão, se tiverdes a porta aberta sem necessidade? Que dirão, se chegardes a ella sem veo? Que dirão, se permittirdes entradas, não sendo muito precisas? Que dirão, se deixardes chegar a ella sem muita causa?

Se a tiverdes aberta sem necessidade, dirão que quereis ver. Se chegardes a ella sem veo, dirão que quereis ser vista. Se mandardes entrar a criada, ou o criado podendo escusar-se, dirão que sois Papa, e se fordes nimia em evitar o preciso, dirão que sois ignorante. Se dispensardes ahi conversações, dirão que sois relaxada. Se espantardes um acaso instantaneo, e uma conversação paterna, dirão que sois bruta. Trazei sempre em o sentido este « que dirão? » e eu vos asseguro, que ainda que não sejais perfeita, andeis justificada, que os officios publicos tanto aproveitam a uma para ser honrosa, como para ser santa. Peço-vos muito não deixeis em esse lugar sejam vistas as religiosas moças: ainda que descubrais o patio só, o sol tem olhos, e não é bem as veja o sol, aonde as podem ver os homens, e

quando para uma ocasião dispensavel chegarem, seja com a nuvem sobre a luz do rosto: o mosteiro é ceo, onde as religiosas sam estrellas, as estrellas não apparecem sem o veo da noite, e por isso fugiram a luz do dia: pessoas dedicadas a Deus bastam os olhos para empoá-las; aonde é impossivel chegar o lodo, mancha o pó; affastai-as da porta, e dispensai-lhe a cerca; ellas para vistas sam fruta vedada, no pomar toda a fruta lhes seja permittida; passeem a sua selva estas Dianas de Deus, aonde só as testimunhem as flores, e ainda destas sejam mais familiares as açucenas. Bem sei que tudo o que aqui tenho advertido, é o que vós, e vossas antecessoras tendes obrado como preceito das leis, e estilo do mosteiro, e assim estes avisos, que parecem superfluos para o presente, deixo para o futuro em caso, que o mereça a froxidão em o descahido da perfeição.

Se a Prelada ou por mais singela, ou por mais branda vos mandar em este lugar franquear alguma licença, que vos pareça superflua, não a permitais, que vós sois abadessa do vosso officio, e como tal estais nelle mais obrigada ao decoro, que á obediencia, não a respeito que contra a obediencia possa mandar-vos; a mesma Prelada vos ha de agradecer ámanhã, o que a contradizeis hoje, quando o considerar melhor. Senhora, o vosso officio neste lugar é o vosso credito; este não o haveis de sugeitar a outro dominio, e ouvi a este proposito um apologo.

A deusa Pomona plantou um pomar de maceiras, ou para recrear-se nelle, quando baixasse á terra, ou para regalar com as maçãs aos deuses alguma hora, em que os visse enfastiados da ambrosia, que tambem

aos Israelitas enfastiava o maná; buscou um quinteiro, a quem entregou este seu paraiso, e para que mais prompto cuidasse das arvores, lhe deu com elle uma porção de terra, em a qual o homem plantou umas amoreiras: estava tam curioso o vergel, tam bellos os pomos, que fez a deusa gosto de que o vissem, que não basta a satisfação propria sem o louvor alheio, nem me é bom aquillo, que é só bom para mim: chamou dos mortaes alguns dos mais favorecidos, e mandou-os a que vissem o seu pomar; chamaram á porta, acudiu o quinteiro, e dizendo-lhe os convidados a ordem, que levavam, para que lhes franqueasse a entrada, respondeu muito enfadado: — « dizei á senhora deusa que as maçãs sam suas, mas que as amoras sam minhas » e cerrando a porta não houve persuasão, que lha fizesse abrir. Senhora, se alguma religiosa vos vier com licença da abadessa sem causa muito justificada para falar em este lugar, respondei-lhe: dizei á senhora abadessa que a ordem é sua, mas que a porta é minha; e assim a tereis guardada até da mesma, que a deve zelar, e ella ao depois em vez de pelejar a desobediencia, vos ha de agradecer a resolução; vós, senhora, sois a guarda deste mosteiro, o querubim deste paraiso, o vosso zelo ardente é a vossa espada de fogo, esta portaria corre por vossa conta, e por conta dos anjos, que como ministros de Deus fazem custodia á sua casa. Ouvi o neste caso.

Em o mosteiro das Carmelitas descalças em Cidade Real, sendo porteira uma serva de Deus, succedeu entrar a deshora o medico, e confessor a uma enferma; esqueceu-se a porteira de fechar a porta regral, porque o repentino do acidente a todas tinha embaraçadas; chegando

á cella da enferma cahiu a porteira em seu descuido, e a toda a pressa desceu a cerrar a porta com a chave; ao chegar viu um anjo, que estendidos os braços estava atravessado na porta em demonstração de que fazia guarda áquelle virginal paraiso.

Em outra ocasião a tempo, em que a porteira não havia deitado a chave ao ferrolho da dita portaria, deram umas grandes pancadas em a porta, buscáram a ver quem chamava tam a deshora, e como não respondiam, logo se tornavam ao côro. Repetiram outras duas vezes os golpes, e as freiras sua diligencia, até que reparando-se a ultima vez, que estava o ferrolho sem chave, a deitáram, e não se ouviu mais vezes o aviso. Esta é a custodia, que os anjos fazem á casa de Deus, e vós deveis aprender do seu zelo para guardá-la, evitando em ella toda a imperfeição ás religiosas; bem sabeis que a quem Christo deu as chaves, encommendou as ovelhas; sabeis tambem que isto é porta do ceo, ainda que não seja de margaritas.

*

A PÊGA Á ESCRIVÃ

Passeava uma pêga o claustro a tempo, que a escrivã do mosteiro vendo-a, dizia para outra religiosa:

— « Esta pêga me furtou hontem um tostão de uns trocos, que alli tinha da communidade, e lhe achei muita graça. Pouca graça tendes vós, respondeu a pêga, quando a acheis a quem furta o que está por vossa conta; não

deveis entender que mais vos deve ir em um tostão da communidade, que em um anno da vossa tença; a vossa obrigação não só é de conservar, mas de adquirir; assim adverti que um real, que deixeis perder, é uma nodoa, que podeis ganhar; as vossas contas tem para passar dous juizos, o de Deus, e o das creaturas, e se o primeiro é miudo, entendei que o segundo não é mais grosso; Deus ha de julgar-vos como juiz, as creaturas como creaturas; ajustai-as de sorte, que em nenhum dos juizos sejais arguida.

Buscando um senhor a quem entregar a administração da sua fazenda, e achando-se um dia em certa conversação, se veiu a falar na melhor forma de dar contas, a cujo proposito disse um dos presentes: « as contas para serem bem dadas hão de ser claras como agua, e miudas como as perolas ». Aqui acudiu um honrado homem, que ahi se achou, e respondeu: « claras como agua sim, porém mais miudas, que os aljofares ». Reparou o fidalgo, e observando a sentença o levou para sua casa, e lhe entregou a administração das suas rendas, parecendo lhe que de discurso tam miudo não poderia sahir conta infiel, e o successo correspondeu á confiança.

Differente se achou um dos Imperadores do Oriente em tempo, que ainda as luas otomanas não dominavam a infelice Constantinopla; este tal principe se entregou tanto de sua vontade a um astuto monge, e tam astuto, que se introduzia por um dos primeiros ministros do Imperio, sem que a grossaria do habito lhe abatesse os fumos da soberba; tanto se lhe entregou o Imperador, que mandava tudo o que os principes concedem aos validos, e ficam corpo sem alma; veio a descahir; que estes

taes em chegando áquelle auge, donde não podem passar, logo declinam, e aqui estava a fortuna violenta pelo sugeito; deram-lhe cargos, pelos quaes o Imperador lhe mandou tomar contas, pois manejava officios de grande supposição; entraram os ministros do Imperador, e ao pedir-lhe razão, respondeu: « dizei ao Imperador que quando entrei a serví-lo, todo o meu cabedal era este habito, que visto, só com elle me saio da sua corte, e aqui ficam estas casas com tudo o que adquiri nos meus officios: são as contas, que dou da administração delles; e sahindo do seu improprio palacio, desappareceu da côrte, deixando umas contas, se não miudas pelos algarismos, discretissimas pela occasião. Este caso vos trago mais por historia, que por exemplo, que bem creio não tereis na vossa cella as gages do vosso officio, antes supprireis com a agencia o que faltar com a possibilidade.

Com a prelada nas acções de administrar vos portareis como quem serve, e não como quem manda; não tomeis do imperio alheio para o dominio proprio, e como precisamente haveis de fazer rosto aos negocios da casa, vos advirto que nas grandes praticae só o preciso evitando o escusado; conservai nestas a gravidade de quem pugna pelo bem commum sem a nota de quem assiste pelo desafogo particular; sede mui séria com os de fóra, mui affavel com as de dentro, porque nas occasiões, que de vós necessitarem, comprem a dependencia mais barata com a confiança; isto de dizer não só o pratiqueis nos impossiveis; quem se vale de outrem, e sae despedida, poucas vezes deixa de sahir envergonhada; não dupliqueis na face de vossas irmãs as rosas, para que não levem no coração as espinhas.

E a este preposito vos trarei uma ficção, que as metaforas sam traslados dos exemplos.

Passeando a deusa Venus as praias do Archipelago, lhe sahiu ao encontro uma bella ninfa, e prostrada a seus pés lhe disse reverente: « a vós como a deusa da formosura venho pedir uma perfeição, que falta a meu rosto; moradora nas aguas tenho a cor de perola sem a graça do nacar, e assim enfiada na cor tibia, não luz em minhas feições o esmero, com que as fez a natureza; rogo-vos agracieis minha formosura com a cor da rosa, para que fique em minhas faces escrito vosso beneficio ». Olhou-a Venus, e reparando na grande perfeição de seu rosto, não quis augmentar-lha; de formosa a formosa, ainda sendo uma deusa, tem inveja da que é melhor, porque a belleza não só quer parecer melhor, mas não quer que outra pareça bem. Assim succedeu a esta no nome divina, e no ciume humana, que disse á ninfa: « para emprego de um Tritão basta-vos o que pareceis; e virando as costas desappareceu deixando a ninfa tam corrida, que as cores, que lhe não deu sua graça, lhe deu sua repulsa. Apollo, que ao sahir se fez senhor de todo o successo, para lhe perpetuar a cor a passou brandamente por um de seus raios, e assim anoiteceu rosa, a que amanheceu perola, despicando-a Febo da injuria de Venus. Succedeu encontrar-se a ninfa segunda vez com a deusa, que tinha alli templo, e andava espreitando a adoração de seus Ilheos, conheceu-a, e vendo-a rosada lhe disse: que he isto? e quem vos deu essa cor? devi á vossa injuria, respondeu ella, o que não devi ao vosso favor. Enfiou Venus ou de invejosa, ou de alcançada; e assim uma desmaiada, outra colorida as olhou um passa-

geiro, e como a cor é a alma da formosura, disse seguindo seu caminho: a córada leva a palma. Venus toda iras foi a pegar da ninfa para vingar em sua innocencia seu dezar, fazendo-a outra Andromeda; porém ella se mergulhou nas ondas, e a deusa subiu ao Olimpo, aonde fez queixa a Neptuno pedindo-lhe a ninfa para sacrificio; porém elle já informado por Apollo, lhe respondeu muito carrancudo: quando fordes liberal das vossas graças, serei honrador das vossas piras; e ficou a defender a sua ninfa, e Venus a arder na sua inveja. Se as ninfas catholicas, que são as vossas companheiras, necessitarem alguma cousa do que podeis, torno-vos a dizer, que o *não* seja só para os impossiveis, e o *sim* ainda para as difficuldades, porque lhes não façais sahir ao rosto com a escusa as cores, que a ninfa tomou com a negação; não as deixeis rosadas de corridas, para ao depois ficardes qual Venus desmaiada de arguida. Havei-vos com todas, como Deos, que é para todos, advertindo que o que administraes, é tanto seu, como vosso; fazei bem de justiça em o que for da communidade, e alargai-vos a fazer bem de misericordia em o que for vosso.

*

A RÔLA Á CELEIREIRA

Continuavam as aves a sua missão em os claustros, quando a Celeireira vinha do forno, e queixando-se dizia: em o celeiro me comem o trigo as formigas, em os moinhos me moem mal as farinhas, em o forno me queimam o

pão; as freiras queixam-se; eu não sei que faça para remediar tanto dano; mas assim passaremos, porque não só em o pão vive o homem. Entrou em o celeiro a dita official, e achou uma rola comendo em o trigo: não bastam, disse ella, as formigas, mas tambem as rolas? E vós, respondeu a rola, não bastaes nem para as rolas, nem para as formigas; se tiverdes cuidado com a porta, não entrarão as rolas, e se o tiverdes com o celeiro, não entrarão as formigas. Quando as abelhas vão á vossa conserva, sei eu que as enxotaes; mas quando as formigas vivem em o vosso celeiro, deixae-las estar; a formiga tem boca, a abelha tem arma; porém vós para guardardes o trigo, que é de todas, temeis a boca da formiga, e para resguardardes a conserva, que é vossa, não temeis o ferrão da abelha; é, porque não sabeis que cada grão da communidade, que perdeis, é uma perola, que furtais; para o valor é trigo, para o vosso encargo é perola: tendes obrigação de o guardardes como thesouro, ainda que o vejaes como pão; direis: e que podem agora diminuir as formigas levando grão a grão? Não sabeis que de grãos se compõe um alqueire, de alqueires um saco, de sacos um moio, de moios um celeiro? Tantos grãos vos podem levar, que vos levem o celeiro todo. O dia, senhora, não o gastaes vós minuto a minuto, e por isso deixa de acabar-se o dia? Quem tirar de um dobrão ceitil a ceitil, deixa por isso de dar fim ao dobrão? Entendei, senhora, que se não esgotam as aguas bebendo-se sempre dellas, porque são nativas; em o juizo das vossas obras não haveis de dar conta a Deos só dos peccados graves, mas tambem das venialidades, e das imperfeições; em o juizo do vosso celeiro não vos hão de

pedir conta só dos moios, mas tambem dos grãos: medi juizo por juizo, pois em um vos hão de tomar conta de dous cuidados, em que não é vosso, porque é de todas; e ouvi um apologo que vos vem a dar exemplo. Achou-se em certa praia uma ninfa contando perolas ao mesmo tempo, que em a mesma ribeira contava um moço de um pescador sardinhas: batiam as ondas em as rochas, e elle enfadado reprehendeu o vento, porque o perturbava em a sua conta; riu-se a ninfa, e disse: eu não me enfado contando perolas, e tu indignas-te contando sardinhas? Sim, respondeu o moço, porque as perolas são vossas, e as sardinhas são alheias: o pescador era tão rude, que olhava para as sardinhas vendo a ninfa; mas era tão fiel, que contava sardinhas vendo perolas. A sua resposta vos sirva de exemplo, e é: do peixe, que não era seu, não queria errar a conta, nem ainda em uma sardinha: vigiae vós o celeiro de sorte, que lhe não percaes um grão, porque são alheios. Não pára aqui o meu discurso; tornae a assentar-vos, porque vos falta muito que ouvir.

Queixaes-vos do moleiro, porque as farinhas vinham ou mal moidas, ou mal medidas; se vem mal moidas, reprehendei-o, se vem mal medidas, exclui-o; emendar a mão é mais facil, que emendar a mão; sempre lhe fica o perigo nas occasiões; se lhe ficar a massa em a mão, furta, deitae-o fóra; é ladrão não vos sirvaes delle. Estaes dizendo que vos aconselho rigores, que vos aconselho imprudencias, que vos aconselho tyrannias. De sorte que Deos pelo furto de uma maçã deitou a Adão do Paraiso, e vós pelo roubo das vossas farinhas não podeis deitar de vossa casa ao moleiro? Senhora, não tenhaes piedades mu-

lherís, que são omissões, e não piedades: dizeis que vos queima o pão o forno; pois assisti em o forno a manhã do pão; mas vós ficaes em o côro rezando as vossas devoções, e o pão no forno perdendo-se: salve eu as minhas reliquias, dizia o outro, e abraze-se Troia; salve eu as minhas orações, e abraze-se o pão. Senhora, o vosso côro é o vosso officio; quando sois Martha, não tendes obrigação de ser Maria.

*

O GANSO Á PROVISÔRA

Em a provisoria se queixava a official daquelle officio de que lhe esperdiçavam os adubos; quando lhe respondeu um ganso, que alli estava; seria para sacrificio de alguma ceia: nem os mandeis esperdiçar, nem prohibir, que tão mau é o diminuto, como o superfluo, e porque melhor o advirtais, ouvi a obrigação do vosso officio. Haveis de dar o comer ás Religiosas, pobre, e asseado, bem feito, e a horas: pobre, porque a mesa ha de dizer com o habito, e quem pede estamenha para vestir, não ha de pedir perdiz para comer; regalos de valor não se compram a preço de Communidade: asseado, porque a limpeza é a melhor iguaria, e esta não está prohibida na mesa da abstinencia: bem feito, porque ainda que as vejais obrigadas á mortificação, estais vós mais obrigada á caridade; de pouco custo como a pobres, mas de bom tempero como a mulheres; não estão em a Tebaida, onde um cacho de uvas mandado a Santo Antonio Abbade correu todo o deserto, presenteado de um a

outro por não haver quem se atrevesse a gastá-lo, até que veio a tornar á mão do mesmo Santo. Não estão em o ermo da Penhuela Carmelitano, aonde um fio de azeite em as hervas era o maior regalo em as Pascoas. Não estão em as covas do nosso Montemór, aonde os servos de Deus, que as habitam, se agasalham em o maior rigor do inverno com uma fatia de pão quente ao fogo; estão, aonde podem gostar sem nota tudo, o que se lhe administrar sem demasia; fazei-o de sorte, que se não perca o custo do manjar, que é o mais, pela falta de adubos, que é o menos, e este reparo tambem é recomendação da pobreza. Digo-vos que chameis ao refeitorio a horas, porque em toda a mesa é o melhor prato o ser a tempo, e em a das religiosas de obrigação, porqne em tudo devem guardar a boa ordem; em cousa nenhuma se hão de parecer com os do mundo; destes o relogio sempre é ás avessas do tempo, e assim como fazem para o descanso do dia noite, farão para o comer da ceia jantar; são os vossos antipodas; quando o mundano se recolhe ao seu catre, se levanta a religiosa da sua tarima. Se alguma religiosa se queixar do tempero em o comer, reprehendei ás cosinheiras o pouco cuidado, e á freira a pouca mortificação; áquellas com severidade, a esta com brandura; bem é lembrar-lhe a abstração de regalos, ainda que mandeis emendar o dissabor em o comer: não creio que em nenhuma haja golodice de menina, mas poderá haver em alguma melindre de mulher: a isto dizia um pratico que estava muito melhor com o melindre, que com a golodice, porque o melindre tocava em pouco, e a golodice engolia tudo. A este proposito vos trarei uma historia, que não deixa de ter sua graça.

Tinha certa matrona (que não desmerece por esta prevenção o nome) cuidado de recolher frutas para o tarde, de cuja casa entregava a chave a um criado; era o marido muito regalão, e goloso, que uma cousa anda annexa a outra; este tomava a chave ao criado, e sem que o soubesse a mulher, dava em a fruta, que ainda estava vedada, sem esperar lhe fosse permittida; de todas tirava sem exceptuar nenhuma: o criado o sentia muito, porque aquella guarda era sua, mas o seu respeito dissimulava; perguntou-lhe um dia o amo, que fruta entre todas era a melhor; estava com o sabor das que tinha comido; respondeu o criado: (era discreto) para os meninos as cerejas, para os moços, alludindo aos amores, ou ás discordias, que uma, e outra cousa é de sua verdura, as maçãs, para os velhos as sorvas. Replicou o amo rindo-se: e para os golosos? Para os golosos como vós, acudio o criado, são as melhores todas. Os que a si mesmos se prejudicam, são os golosos, vos diz o primeiro dia de todos. Se Eva se abstivera da maçã, não perdera o reinado do Paraiso, se Esaú não apetecera as lentilhas, não perdera o morgado da benção, se Jonathas se não levara da doçura do mel, não arriscara a vida nas iras do pae: mortificar o appetite não só é conselho santo, mas conselho fisico; a temperança é uma virtude, que não só fortalece a alma, mas conserva a vida. Dir-me-heis: todo o comestivel, que Deus creou, foi para o sustento do homem; assim é; mas accrescentae, que foi para o sustento, e não para a demasia, para a providencia, e não para a gula, para a conservação, e não para o appetite; creou as frutas para o refresco, e não para o regalo, creou os peixes, para que ou o

fogo os assasse, ou a agua os cozesse, e não para que delles se fizessem tão opulentos pratos, que vem a ser muito maior o custo do adereço, que o do manjar, aonde se consomem as manteigas nos fritos, as especies nos adubos, as farinhas nas massas, os ovos nas guarnições: dispensou as carnes já quando a natureza estava mais descahida: para uma pedra ferida, e um lenho cortado basta-se o cozinhá-la, e não para que a revestissem de tão diversos generos, que muitas vezes em um prato se ha de mister estudo para conhecer-se o de que é. Creou o açucar em as cannas para credito da natureza, e não para sustento dos homens, que a ser assim, não estivera tantos seculos ignoto: creou o mel, não para a doçura do favo, mas para a utilidade da cera; permitte que de tudo se aproveite o homem, não para a golodice, mas para a conservação. Tambem vos direi que creou o cacáu, não vos hei de dizer que o creou, para que ao dia de jejum tome o chocolate sem necessidade, quem o toma por appetite, e bom fora que ficassem só neste os aggravos do Santo. Um grande desta côrte praticando com certa pessoa em tempo de Quaresma; vencida parte d'ella, lhe veio a dizer como até alli a não jejuara; perguntada a causa, respondeu que levara aquellas semanas caçando, e como em este exercicio se madruga, e se trabalha, lhe não fôra possivel o jejuar; com que o desenfado da caça lhe dispensou o preceito da Igreja, e não sei se tambem com o jejum o peixe, porque elle não caçava em o mar; dalli levou a admoestação, não sei se levou a emenda.

Senhora, nada do que aqui vos tenho referido, é em ordem a que as religiosas não comam, antes vos exhorto a que não só lhe

deis o comer, mas muito bem feito, e tão abundante quanto permittir a possibilidade do mosteiro, e quando esta falte, seja a vossa diligencia a que suppra em o seu remedio; a minha tenção é o desejar que se não apeguem as religiosas a comerinhos superfluos, porque pelo regalo humano não percam a ambrosia divina.

Lembrada estareis de um exemplo, que podendo escusar por sabido, o trago a proposito: direis que o tendes lido muitas vezes; lede-o outra, que nisso podeis ganhar muito, e perder pouco. Tornai a recordar o como um monge de S. Bernardo, religioso em o o habito, secular em o regalo, menino em o appetite, a titulo de enfermo, fazia lhe dessem em o refeitorio manjares delicados, quando seus irmãos os comiam tão grosseiros, que uma tigella de legumes por adubar, quando era a sua iguaria, era o seu regalo; levantados um dia da mesa, aonde entre tantos mortificados fazia este só o papel do goloso, ao entrarem á casa, em que davam graças, os esperou á porta uma estrella animada, uma flor de Jericó, uma mulher divina, uma Maria humanada, a qual com uma mão do ceo tirava de uma porçolana pura uma colher de delicia suave, que dava a cada um, que ia entrando; o nosso mimoso ou attrahido do cheiro, ou do natural ansiava aquelle regalo; chegou a tomar a sua porção com alvoroço; a Senhora mudando o ceu sereno em rosto severo lhe disse: Este mimo é para os meus filhos, aquelles, que mortificados e abstinentes se contentam com as hervas sem sal, que lhes administra a pobreza, e não para os que, como tu, fazem buscar manjares delicados para satisfazer o appetite com a cor da enfermidade. Ficou o

religioso tão corrido, como pesaroso em ver ficava excluido d'aquella divina porção, e assim com muitas lagrimas aos pés da Senhora, que se lhe deu a conhecer, lhe protestou emenda, e pediu misericordia; a mãe d'esta, que não sabe negá-la, lhe concedeu logo a sua colher, em a qual achou tal suavidade, que comparados a ella todos os mais manjares apetecidos lhe faziam fastio imaginados, e assim nunca mais buscou outros fóra os da communidade, sendo em esta o mais mortificado, o que havia sido o mais excedido. Bem nos mostra este caso, que para termos os regalos do ceo nos havemos de abster dos da terra, a cujo proposito trarei tambem um apologo, que em sombras vem a ser o mesmo, que o exemplo em luzes, para que com a novidade de um perdoeis a antiguidade do outro.

Querendo Jupiter que os humanos provassem dos nectares celestiaes, convidou a quatro dos mais favorecidos para dar-lhes em o Olimpo um almoço, que constava de um prato da sua ambrosia. Alvoroçados os homens para o manjar dos deuses, partiram de noite para chegarem bem de manhã; era o caminho aspero, a subida ingreme; com que já ao riso da alva, ou ao pranto da aurora se acharam cansados, e sequiosos; alentados conforme a providencia, que encontraram, chegaram ao cume do monte, aonde esperava o Tonante, moderando as luzes, porque melhor o vissem; recebeu-os mui humano franqueando-lhes a mão por demonstração mais urbana; chegou o primeiro a beijar-lha: Que he isto, disse o Deus, trazeis os labios viscosos? Senhor, respondeu o convidado, ao subir o monte me achei cansado, e sequioso, e para alimentar-me, e vir a adorar-vos mais ligeiro, topando em poucas

abelhas, e pobre enxame um favo de mel, o gostei, e com isso pude com mais brevidade chegar a vossos pés, sem que este alvoroço me deixasse advertir em purificar minha bocca. Callou Jupiter, e veiu o segundo; ao pegar lhe da mão retirou o grão Tonante, e disse: Com mãos ensanguentadas vos atreveis a tocar a minha? Respondeu o homem com a mesma pressa, que seu companheiro: encontrando em o caminho uma amoreira desfrutei meia duzia de amoras, com que alentei meus passos para chegar a vosso acatamento, tingiu-se a mão em o viço do fruto. Disse, e retirou-se, sem que o terceiro ousasse a chegar, a tempo, que appareceu o quarto, que havia ficado atraz: como tardastes mais que os outros, lhe disse Jupiter, quando todos devieis vir voando? Divino Jove, respondeu elle, sou humano, e cansei, e achando-me sequioso, parei a mugir de uma cabra perdediça uns tragos de leite, com que me cobrei para esta subida.

Aqui pôs Jupiter os olhos em o terceiro, que se conservava mais desviado por mais reverente, e lhe disse: e vós com que alentastes o vosso desalento? Senhor, respondeu elle, tambem o senti como homem, mas não o reparei como grosseiro, parecendo-me que quem subia pela ambrosia divina, não era justo gostasse primeiro os manjares humanos; o que fiz, foi abrir a bocca ao orvalho do ceo, e com elle me refrigerei; com só este viatico chego á vossa pretença. Aqui severo Jupiter disse para os outros: e vós outros, que caminhando ao meu banquete vos embaraçastes com as golodices do mel, com os regalos da fruta, com as grossarias do leite, não estais capazes de gostar os nectares celestiaes, que esses só se permittem a quem se abstem das delicias

terrenas; com que vos dou por excluidos deste banquete; fique só a ser meu convidado o que se alentou com o borrifo do ceo sem embaraçar-se com as grossarias da terra; e pegando da mão ao terceiro, o assentou á sua mesa, aonde gostou em doçuras, quanto lhe dispensou em ambrosias.

A doutrina já a tem dado Jupiter, e o exemplo meditem as Religiosas, para que se animem a desprezar aquelles regalos, que buscados pela natureza podem ser estorvos para os que lhes dispensar a graça. Senhora, torno-vos a exhortar a que as trateis muito bem em o vosso officio; os regalos, se os introduz o appetite, são venenosos; porém se os offerece a providencia, são salutiferos; gostem o que tiverem, ainda que seja bom; não se desvelem pelo que não tiverem por ser melhor, e desta sorte não ficará escrupulosa nem ainda a mortificação; são mulheres, tratem-se sem rigor; são Religiosas, tratem-se sem melindres, e vós, porque nada lhes falte, suppri com a vossa industria o que não achar a vossa possibilidade.

*

A CORUJA Á ROUPEIRA

Em a sua officina administrando a Roupeira o seu officio, dizia: daqui tome cada qual o que lhe toca. O que toca a cada qual, lhe respondeu uma coruja, que a seguiu, é a sua roupa mui rica de asseio, e mui pobre de curiosidade. Desta sorte, senhora, lhe haveis de administrar, dai-lhe nella a limpeza, que encommenda S. Bernardo, e a pobreza, que

recommenda S. Francisco, e assim fareis o vosso officio, e as Religiosas a sua obrigação: deixem para a perfeição os pontos miudos, para a roupa só os costumados, fiem mais delgado em as suas leis, que em o seu uso; não lhe mandeis vestir cilicios, que não estão em a Thebaida, nem lhe deis hollandas, que não estão em o mundo: açucenas tecidas, jasmins fiados merece o contacto de mulheres puras, mas pano pobre, tear grosseiro se deve dar a mulheres sacrificadas. Em os habitos adverti não fação galla da mortalha, que isso será fazer zombaria da morte: serão taes, que motivem devoção a quem os vir, e se edifique a quem os olhar: não se achem de mistura as reliquias da vaidade com os córtes da mortificação: a nós as corujas, porque temos os toucados de Freiras, nos não deu a natureza uma penna de côr; se a natureza não fôra sabia, não nos deixara chans, e ouvi para escarmento o que nos succedeu uma vez, que quisemos enfeitar-nos.

Chamou a aguia a côrtes a todas as aves para disposições, que tocavão á sua Monarchia; vierão voando ao seu preceito: as corujas reparando em si, sentiram o verem-se tão chans, porque quiserão entrar em aquella publicidade mais garbosas; viam o verde no papagaio, o encarnado na arara, o amarello em o pintasirgo, o dourado em o pavão, o prateado em a pomba, e a este teor as mais aves, com quem a natureza repartiu as suas galantarias; e abrumadas em esta emulação voavam pesadas mais, que para o alto, inclinadas á terra, e por isso concebião taes desejos: avistáram em o campo uma arara morta; todas concordáram em não perderem a occasião, que se lhes offerecia, e para lográ-la des-

ceram ao campo, e despennando a ave, se enfeitáram com as suas pennas repartindo-as entre todas: não vos admireis, senhora, deste feito, que se os homens hoje se adornão com os cabellos de herejes mortos, que muito que houvessem aves, que se composessem com as pennas da arara defunta? Muito contentes com esta galla de furta-côres, ou de côres furtadas levantamos o vôo até a esfera, em que a nossa Rainha nos esperava; a todas as outras honrou, e recebeu benigna, e pondo em nós os olhos, disse desdenhosa: quem são estas, que as não conheço, porque para corujas tem pennas de arara, e para araras tem forma de corujas? Envergonhadas não soubemos que responder-lhe; ella nos despediu mandando abatessemos as asas á terra, até que em ella despissemos o que não era nosso. Este caso, senhora, que vos parecerá uma fabula, se o profundares, vos parecerá um exemplo; tirai-lhe a concha, e aproveitai-vos da perola, annunciai-o a vossas irmans, e saibam todas que se sobre as cinzas do habito misturarem os dixes da galantaria, e os moldes da curiosidade, isto são as pennas da arara; quando forem chamadas a juizo, póde dizer-lhes o melhor Juiz, que a aguia: quem são estas, que as não conheço, porque para religiosas trazem insignias de seculares, e para seculares trazem caracteres de religiosas? Livre-nos Deus desta ira de Deus.

Já ouvirieis de certo cavalheiro Hespanhol, o qual, illustre e poderoso, vivia com modestia tão christã, que em o seu trato não havia cousa, que cheirasse a vaidade, tudo era edificação. Esperava-se na sua terra uma occasião de grande empenho, e celebridade, para a qual se preveniam com custosos luzimentos: mandou

o cavalheiro ao criado, que lhe trouxesse umas amostras para o vestido desta festa. Sahiu elle, e entraram parentes, e amigos do fidalgo a visitá-lo, toda a pratica foi da occasião presente, cada um se gabava da galla, que prevenia, qual do rico do bordado, qual do brilhante da téla, qual do precioso da abotoadura: ouvia o cavalheiro desgostoso, e callava timido sem atrever-se a reprehender-lhes tanta vaidade, a tempo que chegou o criado com as amostras de uma téla rica, e já de travesso, ou já de enganado, persuadido a que em tal occasião quereria seu amo luzir como todos, sendo quem era; viu elle as amostras, e com indignação as lançou em um brazeiro, que tinha junto a si, dizendo: « estas amostras não são do meu pano ». Assim deixou os circunstantes reprehendidos, ao criado ensinado, e edificados a todos, os quaes não podião dar á modestia nome de avareza, pois sabiam que quanto apertava a mão para si em o superfluo, a alargava com os pobres, e necessitados.

Senhoras, que professais pobreza, adverti, se diz o vosso habito com a vossa lei, não vos arrisqueis a que vos desconheça pelo vestido quem vos ha de tornar conta do habito, e vos diga: « essa amostra não é do meu pano »; e vos arroje em maior fogo, que o do brazeiro: arremedar no traje á esposa do homem a esposa de Deus é arriscar-se a que elle a negue; porque quem se disfarça, não se conhece, a sua purpura é a sua mortalha; tudo o que é enfeitá-la, é desmentí-la; não ha olhos a quem pareça bem uma Religiosa profana; as de casa murmurão-na, os de fóra reparão-na, os de Deus condemnão-na; pois logo para quem se adorna esta Religiosa? Se é para enamorar-se em o espelho, assim como Narciso em a fonte, elle

lá converteu-se em fonte, ella cá ha de converter-se em caveira. A Religiosa, que sae da sua esfera em o traje, aggrava; a secular, que em o vestir deixa o seu permittido, edifica; profana a freira nesta materia o seu uso, murmurão-na; veste-se a princesa com modestia, louvão-na; aquella fica á vista do ceo muito feia, esta aos olhos de Deus muito formosa, e tanto aqui se agrada do que se lhe dá, como acolá do que se lhe furta. O quanto se offende da freira vaidosa, em muitos casos o achareis; o quanto se agrada da princesa humilde, vereis em este acontecido a Santa Isabel filha del-Rei de Ungria princesa de Lotharingia.

Havia-se esta senhora desfeito das gallas e joias para vestir com o seu preço aos pobres, e soccorrer outras necessidades: succedeu pois que o principe seu marido teve repentino aviso de que uns senhores Ungaros se achavam perto da sua côrte, e queriam ver sua esposa em obsequio del-Rei seu pae; affligiu-se o principe, porque o tempo era mui breve, e sabia que sua mulher não tinha aquelles adornos, que pedia sua grandeza para comprir com os estrangeiros; e disse-lhe estava pesaroso de que a vissem aquelles senhores sem a ostentação, que em aquelle lance pedia a soberania dos seus estados, nem sabia que se fizesse, porque já não havia tempo para preveni-los. Respondeu-lhe a santa, não tivesse pena, porque a ella se lhe dava muito pouco daquellas vaidades; fóra de que Deus, por cujo amor as havia desprezado, os tiraria bem de aquelle empenho. Chegaram logo os senhores, e havendo dado sua embaixada, chamou a sua esposa, e ella entrou tão formosa, tão bizarra, tão ricamente vestida de uma téla de côr de jacinto, e joias preciosissimas, que era uma

admiração; mais que todos ficou admirado seu marido desta novidade, e quando se viu só com ella, lhe perguntou, donde houvera aquellas joias, e gallas; e ella lhe disse com um sorriso: « senhor, o meu guarda joias é mui fiel, e nunca que as haja mister, me fará falta, dai graças a Deus, que sempre torna com melhoras o que se dá por seu amor, e se despreza em seu obsequio. Estas demonstrações faz Deus ás senhoras, que em o mundo fazem desprezo do mundo; outras em contrario fará com as freiras, que levam o mundo á religião: cuidado com este ponto, que é mui miudo.

Em os habitos e roupa lhes dareis muito asseio, e poucos perfumes; não seja que do fumo façam o fogo: cheirar a delicias não é para religiosas, que quando recreiam o olfato, escandalizão a razão; se a Deus cheiram mal, a quem esperaes que cheirem bem? As creaturas, que neste particular vos virem nimia, não vos hão de ter por justificada: fragrancias de mulheres profanas não dizem com mulheres endeusadas. Foi Jacob furtar a benção a Isaac em traje de Esaú; o bom velho que já dos olhos se lhe tinha apagado a luz, disse: « a voz é de Jacob, mas o cheiro é de Esaú »; e assentou por esta circunstancia em ser aquelle o seu primogenito, e como a tal lhe deu a benção, e nelle todo o seu morgado; Jacob sempre foi um homem de Deus, Esaú sempre foi um homem do mundo, e é cousa tão difficultosa persuadir-se a que cheire ao homem do mundo o homem de Deus, que ainda conhecendo Isaac a voz de Jacob, não pôde crer, senão que fosse Esaú: a voz é de Jacob, mas a mão, e fragrancia é de Esaú; esta não póde mentir, que creatura do ceu não cheira a creatura da terra. Assim as pessoas dedica-

das a Deus, quando cheirarem ás delicias do seculo, não as hão de ter por um Jacob justo, hão de tê-las por Esaú mundano. Desenganai-vos, senhora, que em quanto buscarem estas fragrancias, não hão de pedir ao esposo as leve ao cheiro dos seus unguentos; as que correm pelas delicias do ceo, são as que se não embaraçam com as da terra; estas dirão uma, e outra vez: « *Trahe me post te,* e gozáram dos aromas de Sião, porque fogem aos fumos de Babilonia. Neste particular fazei muito, senhora, por persuadir a vossas irmãs ao melhor, servi-as muito prompta para a caridade, muito alheia para a delicia, e quando instem em seus profanos cheiros, se vos pedirem fumos, dizei-lhes que os levou o vento; se vos pedirem flores, dizei que estão em os altares; se vos pedirem aromas, dizei que estão em a India; se vos pedirem oleos, lembrai-lhe os da unção; se vos pedirem brazeiro, lembrai-lhe o do purgatorio; andem muito continuas ao côro, muito chegadas á Igreja, muito devotas ás missas, e assim cheirarão a incenso, que é o mais grave de todos os aromas: é cheiro de Deus, e até em a gentilidade foi cheiro dos deuses. Não só ás religiosas, mas tambem ás seculares é bem se inculque esta fragrancia. Assim o entendeu certo fidalgo hespanhol, o qual levado do seu genio usava de cheiros com demasia; esta lhe murmurava uma senhora, dizendo que os homens haviam de cheirar a polvora, sendo a dita dama mais enfeitada que devota; chegou ao fidalgo a murmuração, que ella fazia delle, e respondeu a quem lha revelou: « dizei á senhora D. Fulana que quando sua senhoria cheirar a incenso, cheirarei eu a polvora; assim a deixou advertida, e a si despicado: o bem é para todos, o mau para

nenhum; façam as religiosas uma partilha composta de todas as virtudes, assim como o thimiama dos Judeus o era de todos os aromas; esta queimada no fogo do amor, subirão ao ceo os seus perfumes, encherá a terra sua fragrancia: sede puras como a açucena, sede candidas como o jasmim, sede humildes como a viola, sede abrazadas como a rosa, sede angelicas como a angelica, e tendo todas estas virtudes, cheirareis a todas estas flores, das quaes fareis a Deus um ramalhete firme, que dure por toda a eternidade.

II — VERSOS

DE « A PRECIOSA »

I

Mote.

Já por Clemencia deixei
Tudo mais que ella não fôsse
Quero-lhe bem, acabou-se.

Glosa.

Perguntais-me por meu gado?
Ha muito que anda perdido,
Porque eu só tenho o sentido
Aonde pus o cuidado;
Anda por hi desgarrado,
Muito ha que delle não sei,
A piedade lhe neguei,
Fugi da sua assistencia,
Que até a mesma Clemencia
Já por Clemencia deixei.

De minha estancia aldeana
Me dizeis que vos informe:
Quem tem amores não dorme,
Eu já não vou á cabana;

Por Clemencia soberana,
Gado e cabana deixou-se,
Tudo por ella trocou-se,
Até a Pastora amada;
Porque entendi que era nada,
Tudo o mais que ella não fôsse.

Já das serranas fermosas
Não cobiço as graças bellas,
Ando-me trás as estrellas,
Não faço caso das rosas.
Sabei pois, flores mimosas,
Que meu cuidado mudou-se;
Para Clemencia passou-se;
Murmurais minha attenção?
Não vos dou satisfação,
Quero-lhe bem, acabou-se.

II

A sonora corrente,
Que tua agua prepara
Pára,
Ó rio transparente,
Que a Clemencia segura
Dôce mar, agua viva, fonte pura.

Ao ver que se desata
Esse cristal, me rio;
Rio,
Tuas correntes ata,
Que melhor fonte encerra
Monte azul, verde ceo, celeste terra.

Sua piedade imita,
Ou lhe terás invejas,
Vejas,
Como já resuscita
Seu suave despenho,
Morta fé, murcha flor, tostado lenho.

Seu cristal peregrino
Por todo o mundo havemos,
Vemos
Em felice destino,
Banhar sua corrente
Clima igual, pólo frio, zona ardente.

Esta fonte preclara,
Que suave combate,
Bate
Na dureza mais rara,
Que abrandar se despenha,
Duro ser, forte rocha, firme penha.

Piedosa, não estranha,
Faz na igualdade estudo,
Tudo
Sua corrente banha,
Regando seu carinho,
Tronco vil, rosa branda, aspero espinho,

Arvores, plantas, flores,
Bebei seus amores;

Homens, feras, brutos,
Gozai seus tributos;
Que a Clemencia corre
Por arvores, plantas,
Por flores e feras,
Por brutos e homens.

III

Ai minha Pastora,
Divina Clemencia;
Quem me dera ver-vos
Guardando as ovelhas;
Buscando a perdida
Por montes e selvas,
E em cada passada
Florecendo as brenhas.
Ai minha Pastora,
Divina Clemencia!

Quem me dera ver-vos
De Belem nas relvas,
Tremendo de frio,
(Se quem ama, gela,)
Pela meia noite
De alegria inteira,
A' vista do sol,
Contando as estrellas.
Ai minha Pastora,
Divina Clemencia!

Quem me dera ver-vos
Entre as montanhezas,

O leite nas bilhas,
E fruta nas cestas,
O suave favo;
E vós nesta offerta
Mais doce que o mel,
Mais branda que a cera.
Ai minha Pastora,
Divina Clemencia!

Quem me dera ver-vos
No lagar ou eira,
Entre o pastorzinho
Uma cousa mesma,
Fazendo por graça,
E tambem por véras,
Das uvas amores,
Das espigas setas.
Ai minha pastora,
Divina Clemencia!

Quem me dera ver-vos
No prado, ou na serra,
Entre tantos lobos,
Fazendo á cordeira,
Com a lenha ao hombro;
Suando em tal pena
As perolas proprias
Por culpas alheas.
Ai minha Pastora
Divina Clemencia!

IV

Do pastor que sirvo,
É tal o jornal,
Que trigo lhe peço,
Centeio me trás.

Bem haja a Clemencia,
Que é tão liberal,
Que se um pão lhe peço,
A um Deus me dá.

Amo uma pastora
Tão desnatural,
Que rosas lhe peço,
E espinhos me dá.

Bem haja a Clemencia,
Que é tão liberal,
Que flores lhe peço,
E amores me dá.

Guardo umas ovelhas,
E é o gado tal,
Que venho em tosquia,
Quando vou por lã.

Bem haja a Clemencia,
Que é tão liberal,
Que xerga lhe peço,
E ouro me dá.

Um enxame tenho,
E as abelhas taes,
Que lhe peço mel,
E trago azibar.

Bem haja a Clemencia,
Que é tão liberal,
Que assucar lhe peço,
E nectar me dá.

Cultivo uma vinha
De tal natural,
Que em setembro estamos,
E em agraço está.

Bem haja a Clemencia,
Que é tão liberal,
Que vinho lhe peço,
E adega me dá.

V

Perguntais-me se é Clemencia
Minha pastora feliz?
Sim, sim.
Porque tão depressa amei
Tão depressa respondi,
Sim, sim?
Porque o amor não tem não,
Que quem ama, só tem sim.

Perguntais-me se publico
Os meus empenhos aqui?
Sim, sim.
Que o amor é chocalheiro,
Tudo grita por ahi,
Sim, sim.
Que ter com amor segredo,
Isso faz um entre mil.
Perguntais-me se por ella
Minha Serrana esqueci?
Sim, sim.
Porque a Serrana é mulher,
E ella é mais que Serafim,
Sim, sim.
Porque não erra quem troca
A rosa pelo rubim.
Se perguntais, se por Clemencia
Tambem me esqueço de mim,
Sim, sim.
Que quem do amor se lembra,
Logo se esquece de si;
Sim, sim.
Se me vi, não me conheço
Quando tão outro me vi?
Perguntais se meus cuidados
Satisfaz amante aqui?
Sim, sim.
Que amor com amor se paga,
Não desmaios com jasmins;
Sim, sim.
Ambos na mesma moeda
Do melhor ouro do Ofir,
Sim, sim.
Como dizem nos mares milhares,
Como dizem nas pedras rubins,
Como dizem nas flores amores,
Como dizem nos ceos Serafins.

VI

Já fenece o dia
Da nossa alegria;
Já os passarinhos
Voam para os ninhos;
Já a fera bruta
Corre para a gruta.
Ai que pouco dura
Entre todas a flor da ventura!

*

Já o girasol
Chora pelo sol,
A Clicie constante
Pelo seu amante;
Já a rosa bella
Se esconde da estrella.
Ai que pouco dura
Entre todas a flor da ventura!

*

Já Febo cahindo
Vai de nós fogindo;
Ja Diana espera
Que a chamem da esfera;
Já a luz dourada
Está desmaiada.
Ai que pouco dura
Entre todas a flor da ventura!

*

Já a doce ida
Vai na despedida,

Já a voz sonora
Pousa sem demora,
Já os eccos seus
Só dizem a Deus.
Ai que pouco dura
Entre todas a flor da ventura!

*

Pastores, pastores,
Com festa, e com grita,
Que se o dia morre,
Tambem resuscita.

Maioral illustre,
Que nesta campina
Desdenhando a rosa,
Sois a maravilha.

Vós, que passeando
A relva florida,
Semeais finezas,
E colheis delicias.

Vós, que neste verde,
Donde sois rainha,
Desprezais estrellas,
Pizando boninas.

Vós, que milagrosa,
Fazeis neste dia,
Dos jasmins caducos
As perolas finas.

Vós, que em tal contacto
Fazeis peregrina,
Dos cravos rubins,
Dos lyrios safiras.

E por maior gloria,
Deixais excessiva,
Aos penhascos alma,
Quando ás flores vida.

Vós, torno a dizer,
Que na despedida,
Chorais saudosa
A pensão das ditas.

Dai a vossos olhos
A luz da alegria,
Que allumea a selva,
E veste a campina,

Que eu, o Tempo, venho
A deixar do dia,
Saudades mortas,
E esperanças vivas.

Correrei ligeiro
Do maio ás delicias,
Do estio ás brazas,
Do outono ás brindas.

Do inverno ás neves;
E na mesma oliva,

Voz trarei voando,
O amado dia.

Que vos achará,
Por clemencias pias,
Uma na fineza,
Não outra na dita.

Pastores, pastores,
Com festa, e com grita,
Que se o dia morre,
Tambem resuscita.

VII

S. PAULO EREMITA

[Canto sétimo e último]

Morto Paulo, mas vivo na postura,
Lhe abrem dous leons a sepultura

I

Com os joelhos sobre a terra estava,
O rosto para o Ceo como elevado,
Viva a cor, donde a luz reverberava,
E todo de uma graça realçado:
As mãos erguidas, como quem orava,
Assim Antão achou seu Paulo amado,
Para morto mui vivo, ao trançe altivo,
Mas estava já morto para vivo.

II

O Principe do ermo soberano,
Vendo ao Santo Primás sem mais mudança,
Tocando no caminho o desengano,
Ainda sustentava a esperança:
Chega-se, escuta, sae de seu engano,
Porque o vital alento não alcança,
Conhecendo, que Paulo em tudo forte,
Depois de falecer, desmente a morte.

III

Com grave dor, e pranto magoado,
Recebe o desengano indubitavel,
E ao Santo cadaver enlaçado,
Fragrante o advertio como tratavel:
Da folha o despe, com que seu cuidado
O vestido teceu tam memoravel;
Eu dera aqui em glorias successivas,
Por folhas mortas, esmeraldas vivas.

IV

No manto de Athanasio decantado
Envolve o corpo, por mortalha digna,
E as fragrancias, que puro ha exhalado,
Lhe servirão de incenso, e de bonina:
Na verde relva do agreste prado,
A tarima lhe faz, donde o reclina,
E em tanta solidão, em pena tanta,
Lagrimas chora, quando psalmos canta.

V

Já a terra esperava o seu thesouro,
Mas falta para abri-la o instrumento,
E ella, que na demora faz desdouro,
Esteve por romper-se em tal intento.

Pois de quanto ao mundo dá em ouro,
Se paga, sendo a Paulo monumento;
Porque com estas cinzas presumia,
Nem o filho do sol tinha valia.

VI

Vendo Antão, que instrumento lhe faltava,
Com que poder ferir a terra dura,
Com lagrimas correntes a abrandava,
Para abrir com o pranto a sepultura;
Senhor, dizia, quando ao ceo olhava,
Remedio, preveni esta amargura,
Ou ficará aqui no transe esquivo,
Guardando o corpo morto o amor vivo.

VII

Logo vio, que desciam da montanha,
Rompendo o ar no brado pavoroso,
Dous brutos coroados, cuja estranha
Vista deixou ao Santo temeroso;
E não buscando o campo por campanha,
Param junto ao cadaver venturoso;
Que aqui na furia do leão altivo
Comina um morto, o que não pode um vivo.

VIII

A dourada melena sacodindo,
Como quem as acções desentorpece,
Com os olhos a terra vão medindo,
Que na sanhuda vista se estremece:
E as affiladas unhas esgrimindo,
O seio opaco rompem, que se offerece,
Deixando a Paulo aberta a sepultura,
Branda memoria sobre a terra dura.

IX

Com acção os dous brutos, reverente,
Do Santo aos pés se lançam sem espera,
E depois de affaga-los brandamente,
Dão um bramido com que treme a esfera,
Por sinal, não da furia mais potente,
Mas por lamento sim, da pena fera,
Que na ausencia de Paulo, com verdade,
Até as feras sentem saudade.

X

Aqui do ermo ao Principe passaram,
Meneando a cabeça incompetida,
Como que do trabalho em que affanarão,
A paga lhe pediam merecida:
A benção lhes lançou, com que voltaram
Melhorados no ser, mansos na lida,
Que aqui se vio dos brutos o Mavorte,
Brando leão ao Eremita forte.

XI

Logo Antão entre lagrimas, e goso,
O santo corpo deu á sepultura,
A qual alli supprio no prodigioso,
A quanto lhe faltou na architectura:
Diria o epitafio glorioso,
Posto que não houvesse pedra dura.
« Aqui jaz no silencio mais profundo,
O primeiro Eremita sem segundo ».

XII

Ao despedir-se do lugar deserto,
Diria saudoso entre rigores,
Adeus cerrado ermo, ou ceo aberto,
Que ao mesmo Paraiso dais primores:

Adeus cova, onde o sol se ha encoberto,
Adeus fonte, adeus palmas, adeus flores,
Mas não diz: Paulo adeus; e isto foi arte,
Porque com Paulo fica, inda que parte.

XIII

Com os olhos na ausencia maguados,
Volta Antão, e no amor se fica prezo,
Com passos não velozes, mas cansados,
Porque uma saudade é grande pezo;
E depois de tres sois serem passados,
Seu domicilio ve, mas com desprezo,
Porque lhe pareceu, e não o erra,
Aquella cova ceo, tudo o mais terra.

XIV

Revelou o thesouro precioso,
Que no campo escondido tinha achado,
Deu ao mundo o informe portentoso,
De Paulo celestial antes que olhado:
E só por sua voz, com alto goso,
Entre os santos, por santo foi contado,
Elogio de Antão, o mais profundo,
Pois em Paulo deu fé a todo o Mundo.

XV

Este foi o achado peregrino,
Nos ermos da Thebaida descoberto,
Donde, dos solitarios o mais dino,
Fez em cova cerrada ceo aberto:
E nelle o grande Antão sempre benino;
Nomeou seu primás ao deserto,
E em alviçaras deram, com primores,
Fruto as areas, e os penhascos flores.

XVI

Este foi, Paulo Santo, de que fallo.
Mas páre, Musa, aqui tua harmonia,
Porque de Paulo quando attenta callo,
Só outro Antão por mim dizer podia:
No poetico coro, sem aballo,
A lyra se suspenda em tal valia,
Humilhe-se o Parnaso, calle a fonte,
Que este ermo é mais alto que esse monte.

XVII

Tu, Egypto, que estás vanglorioso,
Em tua maravilha decantada;
Tu, que sendo do mundo alto coloso,
A vinte mil cidades déste estada:
Tu, de Pomona, e Ceres tão mimoso,
Que a teu terreno dão porção dobrada,
Não faças destes timbres, não, memoria,
Que em ser berço de Paulo tens mais gloria.

XVIII

E tu gigante Nilo, cristal claro,
Donde a Africa adulta se pentea,
E cujas aguas passam sem reparo,
Crocodilo voraz, branda serea:
Inda que regue, com portento raro,
Uma parte do mundo tua vea,
A grandeza maior, que tens agora,
É ser de Paulo espelho em sua aurora.

XIX

Tu, aspera Thebaida montuosa,
Que duro não admitte teu terreste,
O domestico bruto, a linda rosa,
O leão bravo, sim, a flor agreste:

Inda que tão esquiva, e espinhosa,
Já teu verde compete com o celeste,
Pois se achou em teu ermo, por mais bella,
Uma flor, que excedeu a tanta estrella.

XX

Thebaida, Nilo e Egypto celebrados,
Que theatros vos vistes desta gloria,
Em taboas de diamantes vinculados,
Eterna gravareis sua memoria:
E tu, que nestes cantos mal limados,
Mereces encontrar a grave historia,
Seu exemplo tomando raro, e certo,
Faze em teu coração o teu deserto.

VIII

DOROTHEA E THEOFILO

EM METHAFORA PASTORIL

Canto de Thea e Filo.

Thea.

Adonde vás, ó Filo, sem ventura,
Dize, por este campo descuidado?

Filo.

Vou por hi a zombar de teu cuidado,
Quando te vejo nessa prizão dura.

Thea.

Oh praza a Deus te piques entre as flores,
Porque saibas quais são os meus amores.
Adonde vás, Pastor, sem mais sentido.
Que o de não ser amante, nem amado?

Filo.

A ser na liberdade bem ganhado,
Só por não ser nas flores bem perdido.

Thea.

Oh praza a Deos que ache entre as rosas
Flores ferinas, settas amorosas.
Adonde vás, me dize, e sabe antes,
Que te murmura aquella fonte pura.

Filo.

Vou a não ter mais fé nesta verdura,
Que a que ensinam as rosas inconstantes.

Thea.

Oh praza a Deus te digam as boninas
Os mysterios da fé por rosas trinas.
Adonde vás, Pastor, sem lealdade,
Como quem seu delicto não recea?

Filo.

Ao som, que me faz uma cadeia,
Vou a cantar de minha liberdade,

Thea.

Oh praza a Deus, pois ouço tal desprezo,
Que nas silvas das rosas fiques prezo.
Adonde vás sem affeição de vida,
Quando um a vida quer para o que ama?

Filo.

Vou por ahi donde a sorte já me chama,
A querer só a vida para a vida.

Thea.

Oh praza a Deus te encontre o lobo forte,
Dando-te á dura vida doce morte.
Adonde vás, se estrellas superiores
A amar-te chamam, pelas flores bellas?

Filo.

Vou só por desmentir essas estrellas,
A pizar vingativo nessas flores.

Thea.

Oh praza a Deus que aches nella certo,
Não o Aspid dormido, Amor desperto.

CANTO SEGUNDO

Filo amante.

Thea.

Adonde vás, Pastor, que hontem tão for
E hoje só tua paz é tua lida?

Filo.

A morrer por amor doce homicida,
Porque só quero a vida para a morte.

Thea.

Ah do valle, Pastoras mais fermosas,
Cercaio de maçans, trazei-lhe rosas;

Que arma póde ferir entre rigores
Coração, que tão livre se observava?

Filo.

Pôs amor contra mim na sua aljava
Tres maçans, e tres rosas superiores.

Thea.

Ah do bosque, estimae a fruta bella,
Porque a sorte de Filo esteve nella.
Qual o encanto foi, artes gloriosas,
Ó Filo, com que amor te ha demudado?

Filo.

O feitiço de amor, doce bocado,
Foi sabor de maçans, cheiro de rosas,

Thea.

Ah do pomar, tende cuidado nisso;
Porque as flores, e os frutos são feitiço.
Que se ha feito, me dize, teu cajado,
Com que duro ferias aos Pastores?

Filo.

Depois que me entreguei a meus amores,
Só minhas armas fiz de meu cuidado.

Thea.

Ah do monte, cantae a liberdade,
Que já Filo sem armas persuade.
Adonde vás, para que aqui se aceite,
Que de caminho estás de essa maneira?

Filo.

A desposar-me vou a outra ribeira,
Donde ha rios de mel, fontes de leite.

Thea.

Ah da serra, chegae a ve-lo todas,
Que colar de corais tem para as bodas.
Quem te mudou, que nesta esfera bella
Hontem te vi de condição tão dura?

Filo.

Tu foste, Thea, por maior ventura;
Sol dos pastores, e de Filo estrella.

Thea.

Ah da aldea, cantae-me o vencimento,
Vozes de mil a mil, de cento a cento.

Do paraiso as flores Dorothea
Offerece a Theofilo repentina,
Rosas quando nos prados de Amalthea
O gelo não abraza, predomina:
Tambem maçãs lhe manda a bella Dea,
He nos frutos, e flores peregrina;
E a quem não magoou com suas dores,
A convencer chegou com suas flores.

IX

SOBRE AS PALAVRAS DO PADRE VIEIRA

Tudo passa para o tempo
Nada passa para a conta.

Passa-lhe a alva ao dia,
Passa-lhe tambem a aurora,
Passa-lhe do sol a hora,
E passa-lhe a tarde fria;

Passa-lhe a noite sombria
De tanta luz ameaça.
Tudo passa.
Passam as horas voando,
Passam os dias correndo,
Passam semanas em sendo,
Passam os meses andando;
Passam os annos passando,
Passam os segres sem tassa.
Tudo passa.
Passa o homem ao sopro só
Da morte, que ar violento;
E como chega este vento,
Logo desfaz este pó;
Se queres, pergunta a Job,
O como este ser se passa?
Tudo passa.
Passou de Dido a historia,
Passou de Carthago o forte,
Passou de Cesar a sorte,
Passou de Alexandre a gloria,
Passou de Troya a memoria,
De Helena a belleza e graça.
Tudo passa.
Passou de Raquel querida
Tanta perfeição brilhante,
Passou de Jacob amante
Tanta fineza offerecida;
Passou de Esther a florida
Belleza, que ao Rei enlaça.
Tudo passa.
Passou de Assuero o prato,
Que a terra, e o mar convida;
Passou de Xerxes a lida,
Passou de Dario o trato,
Passou com o tempo ingrato
Tanta pompa por fumaça
Tudo passa.

Passou de Cresso o thesouro.
Passou de Anfião o canto,
Passou de Circe o encanto,
Passou de Midas o ouro;
De si mesma a vida agouro,
Tudo comsigo trespassa.
Tudo passa.
Passa o sceptro dominante,
Passa a Mitra pretendida,
A tiara esclarecida,
A purpura relevante;
Tudo passa em um instante,
Porque assim a morte o traça.
Tudo passa.
Passou a idade dourada,
A Jerusalem por erro,
Passou a idade de ferro,
A Roma, que então armada,
Passou em Troia abrazada
A soberba em que se enlaça.
Tudo passa.
Passam do abril as flores,
Passam do estio os frutos,
Do mais rendido os tributos,
Do mais amante os amores;
Na cara passam as cores,
Que á formosura relassa.
Tudo passa.
Passam os bens por momentos,
Passam os gostos voantes,
As fortunas por instantes,
As glorias por pensamentos;
Tudo passa como os ventos,
Que é ar quanto o mundo abraça.
Tudo passa.
Passa o ser de maior dura,
O homem de mais valor,
A mulher de mais primor,

A flor de mais formosura;
A pedra ao tempo atura,
Por mais que a agua a desfaça.
Tudo passa.
De fantasias escuras
Passam venturas sonhadas,
Passam glorias acordadas
Como sonhadas venturas;
Passa, já que tanto apuras,
A fortuna, e a desgraça.
Tudo passa.

*

Nada passa para a conta.

Em aquelle estreito passo,
Aquelle aperto terrivel,
Aquelle juizo horrivel,
Aquelle fatal trespasso,
Aquelle apertado lasso,
Adonde a alma se caça.
Nada passa.
Em aquelle instante fero,
Aquelle grande momento,
Aquelle escondido intento,
Aquelle trance severo;
Aquelle processo vero,
Aquella clara devassa.
Nada passa.
Em aquelle breve ponto,
Donde a eternidade vai,
Aquelle affogado ai,
Aquelle miudo conto,
Donde não há contraponto,
Adonde não ha trapaça.
Nada passa.

Em aquella amarga conta,
Donde sem fazer ruido,
O pensamento escondido
Já declarado se conta;
Alli adonde se monta
Té uma palavra escassa.
Nada passa.
Não passa por deradeiro
Um pensamento em tal tento,
E não passa um pensamento
Porque não passa um argueiro;
O atomo mais ligeiro
Naquella rede se caça,
Nada passa.
Não passa a culpa, presumo,
E é de fé que se crea,
Nem miuda como area,
Nem desfeita como fumo;
Alli em breve resumo
Tudo sae áquella praça.
Nada passa.
Não passa a folha, pezar
É em tal leve entidade,
Que se prende a vaidade
Adonde se apalpa o ar;
Provão não póde passar,
Por mais que o vento a desfaça.
Nada passa.
O cristal não passa, não,
Alli que em pudicicia tal,
Para manchar um cristal,
Basta uma respiração;
O mais limpo coração
Aquella luz se repassa.
Nada passa.
Gota não pode passar
De culpa, que alli se esgota;
Donde não passa uma gota,

Como hade passar um mar?
Se nesse mar se afogar
Uma esperança, ou desgraça!
Nada passa.
Não passa, nisso porfio,
Nem o fio mais delgado,
Que alli um fio ha bastado,
Para se pôr por um fio;
Da conta o livre alvedrio
De um nó se nelle se enlaça.
Nada passa.
Nem passa, nem o diamante,
Que sem valer-lhe tal medra,
Sobre firmezas de pedra
Lhe examinam leis de amante:
A pureza mais constante,
Inda que pedra se faça.
Nada passa.
Não passa para que o tomem,
Os nadas, que aqui parecem,
Pois neste exame apparecem,
Se em outro exame se somem;
Este nada passa o homem,
Pela memoria o repassa.
Nada passa.
Mortal, pois passa tudo, vida avara,
Homem, pois nada passa, nem se escuta,
Como te prendes donde nada para?
Como delinqúes donde tudo accusa?
Como tua importancia não repara,
O que tua malicia não recusa?
Responde-me na duvida bem posta;
Mas quem não tem razão, não tem resposta

Posto que sem resposta me lastimas,
A perguntar-te torno, por se mudas,
Quando á vida pegado, em que te affirmas,

Quando a conta esquecido, no que cuidas;
Que tens vida immortal, aqui confirmas;
Ou que alma mortal tens em o que cuidas:
O homem, torna logo dessa calma,
Que vida mortal tens, e immortal alma.

Como aqui te pergunta meu gemido,
Porque já só te fallo por lamento,
Como quando da vida tens sentido,
Não tens (dize) da alma sentimento?
Doe-te (dize) um suspiro mal perdido,
E não te doe um superior alento;
O doe-te de tua alma em melhor medra,
Alma a fizeram, não a faças pedra!

Desculpar-te ousarás no trance amargo
Dirás: eu não cuidei na ardente ira;
Não mortal, porque alli não ha descargo,
Homem não, porque alli não ha mentira:
No lance sem parelha, grave cargo,
Nem a ti tens por ti, tudo te atira:
Que poderá valer no castigo,
Se a ti proprio te tens por inimigo;

Na hora que parou a parca horrivel,
É o temor da conta o susto forte,
Vê quam cruel será, e quam terrivel,
O que passa na morte, mais que a morte
Qual estarás do golpe no possivel!
Qual ficarás na duvida da sorte!
Dize (ó mortal) como humano gemes,
Se ao Juizo não temes, a que temes?

Se cuidas que está longe a despedida
Deste alento vital, te enganas; antes

De instantes se compõi a tua vida,
Quem de instantes se faz, é por instantes :
Desses mesmos minutos, que é tecida ;
A minutos se gasta, sam voantes ;
Olha, que a conta é larga, a vida escassa,
Tudo passa mortal, e nada passa.

DOS « ENGANOS DO BOSQUE »

I

DESMAYOS

Dulce desmayo de amor,
Si aprietas un poco màs,
Podràs matar.
Podràs, podràs.
Podràs, suave deliquio,
Toda la vida llevar,
Porque morir es lo menos,
Adonde amar es lo más.
Podràs, podràs.
Podrás, dulcissimo incendio,
Toda el alma arrebatar,
Que ardor, que al alma no llega,
Si es mortal, no es immortal.
Podràs, podràs.
Suffocar todo el aliento,
Podràs, dulcissimo afan,
Que reservar un suspiro
Es hazer cargo de un ay.
Podràs, amorosa fuerça,
Podràs, amorosa fuerça,
Todo el acuerdo quitar,
Que hasta la memoria en ti
Se convierte en voluntad.
Podràs, podràs.
Podràs, querida violencia,
Todo el coraçon passar,
Que adonde un alma se hiere,
De un coraçon que se harà?
Podràs, podràs.

Podràs, dulce parassismo,
Todo el amor transformar,
Porque adonde està el amor,
Nada, sino amor està.
Podràs, podràs.
Podràs herir, podràs vencer, podràs matar,
Si eres amor, podràs, podràs.
Ay que me muero de amores,
Flores,
Ay ansias amorosas,
Rosas,
Ay amantes tributos,
Frutos,
Que desmayo de amores,
Dadme mançanas, traedme rosas
Cogedme flores,
Dulcissimo desaliento,
Ardor deste pecho herido,
Como llevas el sentido
Si dexas el sentimiento?
Ay que sin vida lamento!
Serranas,
Dadme mançanas,
Pastores,
Cogedme flores.
Dime pues, blando homicida,
Responde, amorosa calma,
Si hieres solo en el alma,
Como arriesgas el la vida?
Ay que muero de la herida!
Serranas,
Dadme mançanas.
Pastores,
Cogedme flores,
Si amor, ò dulce tormento,
Es aliento superior,
Quando dexas el amor,
Como llevas el aliento?

Ya siento amor, ya no siento.
Serranas,
Dadme mançanas,
Pastores,
Cogedme flores.
Dime pues, dolor esquivo,
Porque tu respuesta espero,
Si eres vida, como muero,
Si eres muerte, como vivo?
Ay que muero, y no apercibo!
Serranas,
Dadme mançanas,
Pastores,
Cogedme flores.
En vós los Zefyros
Traygan instantaneos
Con rosas coloridas
Jasmines diafanos.
Tened, que desmayo,
De mi Amado simbolos
Rubicundo, y candido.
Corra en passo liquido
A tus pulsos languidos
De myrrha odorifera
Unguento aromatico.
Tened, que desmayo,
Pues respira ambares
El que vierte balsamos.
Los claveles, Principes
Deste verde ambito,
Curen salutiferos
Tus deliquios palidos.
Tened, que desmayo,
Pues veo en las purpuras
A sus golpes tragicos.
A tu fas purissima,
De la luz escandalo,
Rocien aljofares

Por remedio valido.
Tened, que desmayo,
Que en sus sienes unicas
Hay tan finos àtomos.
Filomenas musicas
Del nido de un àlamo
Respondan a tus lagrymas
Con sus dulces canticos.
Tened, que desmayo,
Que a mis quexas intimas
Son alivios fatuos.
Mosquetas, y angelicas
Sin mirar obstaculos,
Y otras plantas floridas
Te previenen thalamo.
Tened, que desmayo,
Pues por esse vinculo
Gimo en este paramo.
Rosas, mançanas, flores,
Si sois amores,
Tened, tened,
Que si desmayo de amores,
Màs amores para que?
Para que?
Myrrhas, nardos, olores,
Si sois amores,
Tened, tened,
Que, si adolesco de amores,
Màs amores para que?
Para que?
Gracias, luzes, primores,
Si soes amores,
Tened, tened;
Si estoy herida de amores,
Màs amores para que?
Para que?
Campos, vales, pastores,
Si dais amores,

Tened, tened,
Si estoy moriendo de amores,
Màs amores para que?
Para que?

II

GEMIDOS

Ternissimo suspiro,
Rompe por las prisiones del silencio,
Y si aliento te falta,
En esses ayres beberàs alientos.
Busca mi Amado ausente,
Y al llegar a su assiento,
Si te desdeña el ayre,
Dile, suspiro, que te busque el fuego.
A su pecho te arroja,
Y buelve a verme luego,
Porque, si en mi no estoy,
Quiero saber que estoy dentro en su pecho.
Dile, suspiro mio,
Si te sale al encuentro,
Porque esconde las luzes,
Quando dexa (ay rigor!) a los incendios?
Dile que peno, y lloro,
Mas que tanto le quiero,
Que entre extremos, y vida
A la vida darè por los extremos.
Dile que amor me mata,
Mas tan fina al intento,
Que quando muero, y amo,
Amo, suspiro mio, en lo que muero.
Dile, porque es verdad
Que en tan seguros riesgos
Por lo que peno solo
Diera, suspiro mio, lo que peno.

Entre affecto, y dolor
Di que me abrazo, y quemo,
Y matarme el dolor
Es desayre, suspiro, del affecto.
Di que tanto le amo,
Que es mi ardor tan intenso,
Que, si huviera amor màs,
Me muriera al pezar de querer menos.
Dile, suspiro amante,
En mi dolor severo
Que, si a su centro huye,
Pare en mi coraçon, que es su centro.
Dile que tierna llamo,
Y me responde el viento,
Pues buscando sus vozes,
Encuentro (ay infelice!) con mis eccos.
Dile que amante clamo,
Si en este fino empeño
No alcanço una palavra
Quando, ay amor, suspiro por um verbo.
Dile que a sus aromas
Arrojo mis alientos,
Y al buscar las fragrancias
Bebo los ayres, los olores pierdo.
Dile, aunque cerca estè,
Que lexos le contemplo,
Si un àtomo que a parte,
Aunque tan cerca estè, se està tan lexos.
Dile que quando fina
En mi llanto me anego,
Le busco en estes mares
Quando sé que se esconde en esses cielos.
Di que la peña dura
Se parte a mi lamento,
Si las peñas se quiebran,
A que aguarda, suspiro, di, su pecho?
Pero suspiro pàra,
Recoge tus excessos,

Que el aliento no llega
A dó puede llegar el sentimiento.
Ay de mi, ay,
Que sin aliento me veo
Suspirar por suspirar!
Em tu ausencia, Amado mio,
Dura guerra en blanda paz,
Muero en soledad, y amor,
Si hay con amor soledad.
Ay de mi, ay,
Que te busco en el affecto,
Y me quedo en el afan!
Los suspiros tras el alma
Te buscan, mas viendo estan,
Quando un alma no te obliga,
Como hade obligar-te un ai?
Ai de mi, ai,
Que el suspiro puede menos,
Y el alma no puede màs!
Escucha, que de amor muero
Quando otra muerte me dàs,
Si hede morir de tu ausencia,
Muera de mi enfermedad.
Ai de mi, ai,
Muero de amor, si te quedas,
Y de dolor, si te vás!
Buelve, buelve, porque acabo,
De tus piedades que harás,
Si es muerte vivir sin ti,
Morir sin ti que sera?
Ai de mi, ai,
Que flechar un pecho herido
Es crueldade sobre crueldad!
Ai de mi, ai,
Que sin aliento me veo
Suspirar por suspirar!
Immortal hermosura,
Que solo tu podrás,

Siendo Libio, clavel, jasmin, rosa,
Ser immortal.
Adonde estas,
Que te suspiro, y no te puedo hallar?
Deidad, y hombre tambien,
Que solo en ti veran,
Siendo hombre, siendo amante, siendo herido,
El ser deidad.
Adonde estàs,
Que te suspiro, y no te puedo hallar?
Libertad de mi Alma,
Que solo a ti tu tendràs,
Siendo amor, siendo affecto, siendo laço.
Ser libertad.
Adonde estàs,
Que te suspiro, y no te puedo hallar?
Y el aliento, que busca tus gracias,
Fenece yà.

III

SIGNIFICAÇÕES DAS FLÔRES MORALIZADAS

JASMIM PERIGO

O jasmim é perigo, aqui se veja,
Mas que flor haverá, que o não seja?
É bello na candura,
E tem muito perigo a formosura;
É flor mui delicada,
Circunstancia, que a faz mais arriscada,
Prezumido de estrella o notaram,
E tambem tem perigo a presunção.
O' tu Jasmim com alma,
Que a vida passas nesta tibia calma,
Tem cuidado comtigo,
Porque tudo na vida he hum perigo.

IV

NARCIZO GENTILEZA

Tem o narcizo tanta gentileza,
Que na fonte o rendeo sua belleza,
E hoje, porque o conte,
Ha narcizo do espelho, e não da fonte,
Homem, que sem conselho,
Como dama te alindas ao espelho,
Olha bem que só toca neste espaço
O crystal á mulher, a ti o aço,
Abraça o que te he proprio,
Que ser homem, e flor está improprio,
Se és bello procede de tal arte,
Que quem te vê Narcizo, te olhe Marte.

V

MADRE SILVA DESDEM DE FREIRA

Desdens de Freiras asperos arminhos,
Para o ceo flores são, se ao mundo espinhos,
Quando mais desdenhosas,
Cercadas de esquivanças ficão rosas:
Catholicas Dianas, flores vivas,
São de Deus os amores,
Cuidado; não olheis para estas flores,
Temei o forte lume,
Que é ciume de Deos sobre ciume,
Para os quaes sem desmaio,
Se um homem tem punhal, um Deos tem raio.

VI

ANGELICA SAUDADE

Saudade na Angelica se encerra,
Saudade do ceo, e não da terra,
Que seu nome negára,
Se Angelica da terra se lembrára;
Em tudo lembra ao ceo sua doçura,
Em nome, em cor, fragancia, formosura,
O' suave memoria,
Saudade da gloria,
Adonde enternecida,
A vida morre por sahir da vida,
Mas trocar-se podia com verdade,
Só pelo ceo do ceo a saudade.

VII

SIGNIFICAÇÕES DAS FRUTAS MORALIZADAS EM ESTILO SINGELO

GINJAS SAUDE

He a Ginja saude,
Porque para os enfermos tem virtude;
He gorda, e córada,
Por isso na saude figurada,
He a doente, e são ragalo pleno,
Manná das frutas, mimo de Galeno,
Para curas lhe buscão os caroços,
Porque dos bons se estimão até os ossos,
E destes na virtude que produz,
Se adora a cinza, quando acaba a luz.
Que o virtuoso para maior gloria,
Jaz no sepulcro, e vive na memoria.

VIII

PÊSSEGO GUERRA

É o pêssego guerra sem engano,
Pois fórma tem de coração humano,
Os persas nos escudos mais prezados,
Os davam por diviza aos mil soldados.
Seu caroço diz lidas,
Que nasce todo cheio de feridas,
O que sangue derrama é mais illustre,
Que é soldado sem sangue, aço sem lustre,
Tu coração humano, que assim cresces,
E na fórma ao pêssego pareces,
Sabe que ainda triumphante em outra gloria,
Só vencendo-te a ti terás vitoria.

IX

LIMA NOBREZA

A lima diz nobreza, e é sabido,
Que a muitos nobres deu o appellido;
Entre as frutas de espinho a mais prezada,
Que sempre a fidalguia é estimada.
Seu gosto a agro, e doce reduziu,
E fidalgo sem agros quem o viu?
Nenhum della se queixa por sadia,
Esta é a verdadeira fidalguia,
Fazer a todos bem, com gosto igual,
Porque harto villão é o que faz mal,
E o grande o superior,
Quando affaga o pequeno, está maior.

X

AVELLÃS LEVIANDADE

Leviandade Avellãs,
Não direi dellas podres dellas sans,
Sua arvore ligeira como o vento,
Toda vem ao primeiro movimento,
Muitas não tem miolo como a cana,
Que nunca tem miolo a que é leviana.
Tem gosto, e não tem peso,
Que este é da loucura o contrapeso,
Do sizo faça a dama a sua palma,
Ou ficará por Avelã com alma,
De bom cheiro de fama esclarecida,
Para que assim pareça flor com vida.

XI

CAMARINHAS HUMILDADE

As camarinhas são, pelo retrato,
As perolas do mato,
Mas com tal humildade,
Que nas do mar não buscam igualdade,
Antes logo em sahindo das mantilhas,
Dizem humildes ser das urzes filhas,
Poucas vezes se offerece,
Confessar o que é quem mais parece,
Que em tempo semelhante,
O que nem é crystal, diz que é diamante,
Só o humilde, só,
Ainda que seja ouro, se diz pó.

XII

SIGNIFICAÇÕES DAS ERVAS AROMATICAS MORALIZADAS

MANGERONA PRAZER

A mangerona com fragancias bellas,
Convida o ar a perfumar-se nellas,
Dá prazer o seu trato,
Que manda ao coração pelo olfato,
Por isso o significa,
Mas quem prazer no mundo solicita,
Hade acha-lo enganoso,
Que acaba pranto, se começa gozo,
E' flor, que se desfolha,
E flor, que não dá fruto, senão folha,
O' prazeres do ceo, puras verdades,
Solidos bens, queridas saudades.

XIII

ALECRIM CIUME

Dizem do alecrim gregos autores,
Que foi um jovem, que morreu de amores,
Foi esta mutação maravilhosa,
Um raio ardente de paixão ciosa;
Amor, que assim encanta,
Matou o homem, e deu vida á planta,
É activo, e fogoso,
Que são condições proprias de um cioso,
Brota em flores azuis os seus queixumes,
A esse foram ceos, e não ciumes,
Trocando o coração, que tal encerra,
Pelo zelo do ceo, zelos da terra.

DAS
« OBRAS VARIAS E ADMIRAVEIS »

I

[Esta dama, que plantou a ginjeira, plantou tambem um damasqueiro, que deu um unico damasco, e dizendo-lhe que já estava maduro, chamou uma menina, a quem creava, filha de um Marquez, e lhe disse fosse com ella ao jardim, mas que se não adiantasse; a menina por mais ligeira, ou curiosa, chegou primeiro, e fingindo que no damasco estava uma lagarta, ou formiga, assim que lhe tocou lhe cahiu de maduro na mão, e logo o metteu na boca, de que a dama ficou tão raivosa, que lhe fez a seguinte satira.

Angelica, que no primor,
De um jardim, que vos eleva,
Entrastes a ser a Eva,
Quando ieis a ser flor.
Fruta vedada em rigor,
Apanhastes ardilosa.
Golosa.
O damasco vos fiei,
Que de vós me não temi,
Logo alli olhei, e vi,
E já não vi quando olhei.
Rapariga que eu criei,
Me sahiu tão aleivosa,
Golosa.
Parecia um pomo de ouro,
Na arvore alli crescida,
E fostes tão atrevida,
Que cortastes tal thesouro.
E sem temer o desdouro,
Logo o tragastes teimosa,
Golosa.

Cuidei, mas foram tolices,
Quando vos vi dentes tais,
Que eram para cordeaes,
E não para ladroices.
Vós voaes ás golodices,
Como á luz a maripoza,
Golosa.
Alli com malicia arta,
Culpastes como inimiga,
A lagarta, e a formiga,
Sendo a formiga, e lagarta.
Assim a culpa descarta,
Seu crime quando manhosa,
Golosa.
Nesta rapina que fez,
A vossa ligeira mão,
Pareceis filha de Adão,
Mas não filha de Marquez.
Não vos succeda outra vez,
Que estou louca de raivosa,
Golosa.
Ao damasco que estranho,
Parecia rico, ameno,
Já um pêssego pequeno,
Já um topazio tamanho,
Fostes vós de um arrepanho,
Arrancá-lo criminosa,
Golosa.
Damasco, que com verdade,
Em tanta perfeição junta,
Da minha ginja defunta,
Consolava a saudade.
Fostes com tanta crueldade,
Abaná-lo cautelosa,
Golosa.
Sois um leão comedor,
Uma serpe tragadora,
Uma traça roedora,

Um bicho devorador,
Um apanha sem primor,
Uma ladrona famosa,
Golosa.
Tão prompta a rapariga vai,
Que quando a estorvá-la fui,
Querendo dizer ai ui,
Só cheguei a dizer ai.
Arrancai, comei, cortai,
Que eu vos farei boa glosa,
Golosa.

II

MORTAL DOENÇA

OITAVAS

Na febre do amor proprio estou ardendo,
No frio da tibieza tiritando,
No fastio ao bem desfalecendo,
Na sezão do meu mal deliriando,
Na fraqueza do ser, vou falecendo,
Na inchação da soberba arrebentando,
Já morro, já feneço, já termino,
Vão-me chamar o Medico Divino.

Na dureza do peito atormentada,
Na sede dos alivios consumida,
No sono da preguiça amadornada,
No desmaio á razão amortecida,
Nos temores da morte trespassada,
No soluço do pranto esmorecida,
Já morro, já feneço, já termino,
Vão-me chamar o Medico Divino.

Na dor de ver-me assim, vou desfazendo,
Nos sintomas do mal descorsoando,
Na sezão de meu dano estou tremendo,
No risco da doença imaginando,
No fervor de querer-me enardecendo,
Na tristeza de ver-me soffocando,
Já morro, já feneço, já termino,
Vão-me chamar o Medico Divino.

Vou ao pasmo do mal emudecendo,
A' sombra da vontade vou cegando,
Aos gritos do delicto emmouquecendo,
No tempo sobre tempo caducando,
Nos erros do caminho entorpecendo,
Na maligna da culpa agonizando,
Já morro, já feneço, já termino,
Vão-me chamar o Medico Divino.

Soror Madalena da Gloria

DOS « BRADOS DO DESENGANO »

I

Mote.

Tenho amor, sem ter amores.

Glosa.

Filis, pois me perguntais
Se tenho amores, direi,
Que de vós me namorei
Por ter um amor não mais:
Mas se ingrata duvidais
Da minha fé os primores
Apurai vossos rigores,
Que o meu coração amante,
Vos responderá constante,
Tenho amor, sem ter amores.

II

Mote.

Tenho amor, sem ter amores.

Glosa.

Este mal, que não tem cura,
Este bem que me arrebata,
Este rigor, que me mata,

Esta entendida loucura
E' mal, e é bem, que me apura;
Se equivocando os rigores
Da fortuna aos desfavores,
E' remedio em caso tal
Dar por resposta ao meu mal:
Tenho amor, sem ter amores.

E' fogo, é incendio, é raio
Este, que em penosa calma,
Sendo de meu peito alma,
De minha vida é desmaio:
E pois em mortal ensaio
Da dôr padeço os rigores,
Pergunta em tristes clamores
A causa minha afflição,
E respondeu o coração:
Tenho amor, sem ter amores.

III

Mote.

Como dá vida o que mata,
Como o que consome, alenta.

Glosa.

Já que morro, ingrata sorte,
Ás mãos da tua porfia,
Deixa-me inquirir um dia
A causa da minha morte:
Se amor com impulso forte
Me rendeu, como me aparta

Do bem, que na alma retrata
Minha doce saudade,
Que em lagrimas persuade,
Como dá vida o que mata.

Nesta afflição importuna,
Em que meu coração passa,
Tudo é rigor, que trespassa,
Nada golpe, que desuna:
Que infausta a minha fortuna
Um bem, que me representa,
Cruel da vista me ausenta,
E não sabe a minha dôr
Definir em tal rigor
Como o que consome, alenta.

IV

Mote.

Como dá vida o que mata,
Como o que consome, alenta.

Glosa.

Bella Filis, eu não sei
Entender vosso rigor,
Pois castigais meu amor,
Porque observa a sua lei:
Se amante vos entreguei
Toda uma alma, como ingrata
Vossa fereza me trata,
Onde a esperança defunta
A si propria se pergunta,
Como dá vida o que mata?

Se de meu fino cuidado
Vosso desdem se offendeu,
Como posso emendar eu
Influencias do meu fado?
Não queirais, que desgraçado
Morra affecto, que amedrenta
No mesmo, que representa
Ira do vosso rigor,
Que chega a ignorar amor,
Como o que consome, alenta.

V

OITAVAS

Esse sono, em que cego vás passando,
Essa vida mortal, em que confias,
Já nas asas do tempo vai voando,
Porque da vida instantes são os dias:
Olha que tu com Deos vás porfiando,
E não valem com Deus tuas porfias,
Que a vida é vidro leve, a pedra forte;
E não terás escudo contra a morte.

Essa galla do prado magestosa,
Que hoje mimo de Flora te parece,
Perdida a louçania de formosa,
Murcha na tarde lastimas merece:
Nasce incendio de grã, purpurea rosa,
Desengano das flores anoitece;
Aprenda pois na rosa a formosura
A temer já no berço a sepultura.

Esse monte de fogo, que nascendo
Em campo de safiras luz ardente,

Em chegando ao zenit, ja vai descendo,
Quando o viste subir do seu oriente:
Nasceu luz, cresceu sol, porem morrendo,
Nem luz, nem sol se mostra no occidente,
Pois se de vida o sol não tem dous dias,
Mortal, como em instantes te confias?

Já que o tempo da vida vai correndo,
A flor da formosura descahindo,
Do sol o resplendor desfalecendo,
E a luz do desengano vem ferindo:
Quando tudo da vida vai morrendo,
E tudo emfim a morte desunindo;
Oh considera em tão penosa sorte,
Que a vida é feno, sendo raio a morte!

Ai de ti, se a dar contas vás chamado,
E a conta não tiveres certa, e justa,
Se tão largo thesouro tens cobrado,
Como já o temor te não assusta!
Olha que então terás juiz irado,
E que não póde dar sentença injusta;
Em conta tão estreita, morte certa,
Quem a brados do susto não desperta!

VI

OITAVAS

Esta ardente prizão, que sepultada
No concavo da terra mais profundo,
Arde incendio voraz, Troia abrasada,
Inextinguivel raio furibundo:

Foi a eterno sepulcro destinada
Pelo summo poder do Autor do mundo
Alli arde o delicto viva braza,
Que sem mudar sustancia, sempre abraza.

Alli no horror do abysmo submergidos,
Porque impossivel seja o desafogo,
Padecem dano todos os sentidos
Na terrivel união do bravo fogo:
Sendo incendios o peito, a voz gemidos,
É a esperança nunca, a pena logo,
Conjurados ar, terra, fogo e agua
A fazer dura a pena, ardente a fragoa.

Vibrando raios de cerulea chama
Em bruta forma o dragão terrivel,
A vista assusta, em horrores brama,
Hidra infernal, que com furia invencivel
Guerras publica, em vinganças clama;
E em densas nuvens de vapor horrivel,
Monstro cruel, medonho, furibundo
O ar infesta, ameaça o mundo.

VII

OITAVAS

Cristal sereno deste manso rio,
Selvas frondosas, verdes arvoredos,
Tristes ciprestes, alemo sombrio,
Montanhas duras, desiguais penedos,
De quem meu mal entre soluços fio,
E secretarios sois de meus segredos,
Partida a vida ao pezo dos pezares,
Vereis meu peito dôr, meus olhos mares.

Se o tiranno rigor de meu tormento
A dureza enternece destas penhas,
Como, ó sórte cruel, meu sentimento
Não vence, que a escutá-lo te detenhas?
Quando aqui de meus ais ferido o vento,
Dôr publicando vai por estas brenhas,
Durando meu pezar tão sensitivo,
Que a dôr só vive em mim, que eu já não vivo.

Mas onde vou, quem busco, a quem me queixo,
Se o bem, por quem suspiro, é quem me mata?
Só por conta da dôr minha dôr deixo,
Que este bem só ficou da sórte ingrata.
No duro tronco deste triste freixo
Melhor meu sentimento se retrata,
E em mudo pranto explico a dôr presente,
Que quem falla, desluz tudo o que sente.

Sórte cruel, estrella sempre esquiva,
Tiranno sentimento, amarga pena,
Esperança defunta em morte viva,
Dôr, a que o triste fado me condemna;
Se do bem, que esperava, assim me priva
O mal, que contra mim a sórte ordena,
Oh morte, aonde estás? Tu me soccorre,
Que um infeliz descansa quando morre.

VIII

CANÇÃO

No amargo labirinto,
Em que infelice meus pezares sinto,
Donde minha esperança fenecida
A vida tem perdida

Nos alterados golfos da memoria,
Sendo sobrada a pena, escassa a gloria:
Aqui meu coração na dôr absorto,
Fogindo o risco, desencontra o porto.

Estrella sem firmeza
Prometteu, e faltou por natureza;
Que a inconstante roda da ventura
Quando mais favoravel, menos dura:
Seu favor amanhece,
Mas nunca sem mudanças anoutece;
Roda emfim, que não pára,
E em desandar a sórte não repara.

Essa, que entre os mais astros é mais bella,
Ainda que foi espuma antes de estrella,
De bella os privilegios
Não chegam a conservar os fóros règios,
Se a finezas constantes
O credito negou de mais amantes;
Influencia custosa,
Que fez a dita incerta, a dôr forçosa.

Mudou-se o sol brilhante em sombra fria,
Morreu minha alegria;
Meu alivio fenece,
O sofrimento a golpes desfalece,
E a vida entre pezares dividida,
Se desconhece vida,
No pranto, nos suspiros, no lamento,
Em que só tem firmeza o sofrimento.

Que dita ha tão segura,
Que em um dia não mude de figura?

Se o favor, que hontem foi minha vangloria;
Já hoje é desengano da memoria;
Porque nas inconstancias do destino,
O que foi esperança é desatino;
E uma vez a esperança já perdida,
Que importa, que tambem se perca a vida?

Daquella amada idêa,
Que de meu peito foi fórte cadêa,
O duro golpe já da esquiva sórte
O doce laço corte,
E acabe o desengano
A vida, que alentava o mesmo engano;
Oh desgraça fatal, a que me cerca,
Ser beneficio aqui, que a vida perca!

IX

OITAVAS

Que é isto, ingrata sórte, estrella impia?
Como meus olhos vêem hoje eclipsada
A luz, por quem o campo florescia?
Traidor cortando a minha propria espada
Aquella vida, por quem eu vivia,
Aquelle alento, de que me alentava?
A mim me temerei como inimigo,
De mim fogindo, por estar comigo.

Passe meu coração a espada dura,
E do golpe cruel sinta os rigores,
Chorando as impiedades da ventura,
As venturas terei por dissabores:

Viva morrendo, pois a dôr se apura,
Se a vida se alimenta só das dôres;
Mas oh sórte tirana, infausto dia;
Que em não matar-me, mostras ser impia!

Gemendo e suspirando os dias passe
Nas sombras de meu pranto tenebrosas,
Desde que o sol espira até que nasce,
Só lagrimas acerte lastimosas;
E o mesmo ferro o peito me trespasse,
Que a cinzas reduziu as bellas rosas:
Acabe ao ferro aqui da espada agora
Vida, que á propria vida foi traidora.

Mas viva, porque ás mãos do sentimento
Louco, furioso, desgraçado e triste
A vida dure no rigor violento
Da dôr, a que meu peito mal resiste;
Esquivo me será meu pensamento,
Que em retratar-me o mal sempre persiste,
Para que acabe a vida idolatrando,
Quem amando viveu, e morre amando.

Esse planeta, que radiante gira
Da esféra quarta o paiz formoso,
Topasio ardente em campo de safira,
A meus olhos será caliginoso,
Vendo que dura um sol, quando outro espira
A golpes do punhal mais rigoroso:
Assim lamentarei a triste sórte,
Que faz amarga a vida, e doce a morte.

X

A UMA SAUDADE

SONETO

Marsida, nesta ausencia impaciente
A vida vejo tão contraria á sorte,
Que padeço na vida a mesma morte,
Morrendo ao golpe de viver ausente.

Tão estranho é meu mal, tão differente
Na saudade, que sinto a magua forte,
Que resistir não posso ao duro córte
Por mais que o peito a resistencia intente.

Se dos suspiros fio o meu tormento,
Já na força da dôr desalentados,
Nem para suspirar lhe vejo alento;

Em rios os meus olhos transformados,
E em tormenta desfeita o pensamento,
Só na fineza salvo os meus cuidados.

XI

DECIMA

A minha cega porfia
Buscou entre nada ao nada,
A minha idéa enganada
Nada achou, emquanto via;

Acabou-se em nada o dia,
Que nada trouxe comsigo;
Com que a mim mesmo me digo,
Como este nada te admira,
Se o que o mundo mais suspira
É nada, e nada o que sigo?

DO « ORBE CELESTE »

I

A SÃO VICENTE

[Resistindo os martirios, e morto, quando o lançam em uma cama de rosas].

SONETO

Entre as rosas Vicente está rendido,
De seu sangue na purpura banhado,
Do sacrilego rei tão mal tratado,
Como de amor na seta bem ferido.

Na rigorosa dôr adormecido,
De Cristo a morte imita namorado,
Que da fineza o peito está picado,
De tanto excesso vendo-se excedido.

A cruz deseja, quando as flores toca,
E no florido leito desmaiando,
A vida engeita, e a Jesus invoca:

O rigor dos tormentos suspirando,
A branda cama a morte lhe provoca,
Que a vida alenta em padecer amando.

II
VIZÃO DO APOCALIPSE

SONETO

Ao mais alto dos ceos foi remontado
João esse discipulo querido,
E no que vê o espirito influido,
Os termos não acerta de admirado.

Em tão altivo solio sublimado,
A uma mulher vê, cujo vestido,
Era do sol o resplendor luzido,
E o candido da lua o seu calçado.

De estrelas a cabeça coroava
Tão luzida, tão pura, e refulgente,
Que nela o mesmo Deus se retratava;

Desta vizão a aguia mais ciente,
Que era Maria entende, pois mostrava,
Ser a todos os astros preeminente.

III
SONETO

Rompe o raio da nuvem a sombra adusta,
Corta o ar, arruina, e ameaça,
E antes que em cinza a chama se desfaça,
Arde o mar, treme a terra, o ar se assusta.

Alterando a esfera a ira injusta,
O Deus tonante seu escudo embraça,
Cuida que a terra a iras despedaça,
Todo o incendio supondo pena justa.

Barbara a quem governa o lume eterno,
Vendo do cego Deus o errado engano,
De esforço armada com amor interno,

Seu poder exercita soberano,
Os raios prende atropelando o inferno,
O fogo apaga do rigor tirano.

IV

MORTE DE RAQUEL

[Do poemeto Jacob e Raquel]

. . . . . .

Cresce em Raquel a dôr, cresce a fadiga,
O alento desmaia, a vóz se turba,
A respiração cansa, a ansia obriga,
Porque a vista dos olhos se perturba,
Da vida a alma já se desobriga,
A morte chega, e tudo se conturba,
E rendendo Raquel á morte a vida,
Nasceu José a prenda mais querida.

Retratada no palido da morte,
Da flor tão despojada a pompa bela,

Rendida a rosa no grosseiro córte,
Eclipsada nas sombras a estrela,
Retratam de Raquel a triste sorte,
A morte sendo já debuxo dela,
Deixando-a desengano dos amores,
Se antes inveja tinha dado ás flores.

Jacob que ao sentimento nos combates
Em Raquel sepultada tinha a vida,
Vendo de seu amor tristes remates,
O golpe chora em dor tão desabrida,
Da cruel saudade nos rebates,
Sua alma assim se queixa enternecida,
Sol, estrelas, luzeiro, noite e dia,
Morreu Raquel, morreu minha alegria.

Pastores, que habitais por esses montes,
Serranas, que guardais o manso gado,
Vede meus olhos desatadas fontes,
Ouvi de meu suspiro o triste brado,
Que cultos arrastando os orizontes,
Até o mesmo sol vejo enlutado,
Anoiteceu a luz, cerrou-se o dia,
Ai Raquel, adorada companhia.

Vinde ver desmaiada a formosura,
Morta a beleza, que minha alma adora,
Amortalhada a luz na sombra escura,
Macilento o candor da bela Aurora,
Vereis de um fino amor a fé mais pura,
O coração desfeito no que chora,
Hoje a morte me fôra só socorro,
Morta Raquel, tambem com ela morro.

O' campos verdes em quem tive atento,
Nos favores as ditas desejadas,

Hoje verdugos são do pensamento,
As horas, que já foram tão amadas.
O campos de Belem, duro tormento!
Que em vós vi as venturas desgraçadas,
Já morta a vida, de que me animava,
Já sem Raquel, a quem eu mais amava.

Como fugis de ouvir meus ais sentidos,
Rios, aves, pastores, plantas, flores?
Se a compaixão vos move internecidos,
Minha dôr escutai em tais rigores,
Desfeito o coração entre os gemidos,
Morta Raquel emprego a meus amores,
O' infelice noite! O' triste dia!
E o eco só responde, triste dia!

Mais quisera dizer, porém o pranto
Suprirá quanto a dôr me dificulta,
Que a pena embarga em sentimento tanto,
Vida que com Raquel já se sepulta,
E em tanta magua, em tão mortal quebranto,
A vida só a morte me consulta;
Ài infeliz destino! Ai pedra fria!
Ai eclipsada luz! Ai triste dia!

V

PRANTO DOS CATIVOS HEBREUS SOBRE OS RIOS DE BABILONIA

A' margem desses rios
De Babilonia os Ebreus sentados,
Choram os desvarios
Da sorte, e dos suspiros já cansados,

E em dôr tão inclemente,
Ausencias de Sião cada qual sente.
Jerusalem amada,
Q'impressa estás nos bronzes da memoria,
E essa gloria passada
A dôr presente lhe desmente a gloria,
Que em tantas aflições,
E a saudade vóz, eco os grilhões.
Aqui da aurora bela
A luz sempre entre sombras aparece,
Que em tão contraria estrela,
Só para o pranto o dia é que amanhece,
E as lagrimas correntes,
Desses rios engrossam as enchentes.
De ouvir o pranto triste,
O mesmo sol se nega ao claro dia,
Que ás maguas só resiste,
Quem tem por alma a fera tirania;
E o sol já eclipsado,
Da nossa dor se mostra magoado.
Sepulta a flor mimosa,
O prado de tristezas revestido,
E desmaiada a rosa
Do carmim troca em lutos o vestido;
Que ouvir suspiros tantos,
Até no insensivel são quebrantos.
Lastimado o jacinto.
Aos nossos os seus ais acompanhando,
Com um ai, diz, já sinto
Vossa dôr o meu peito penetrando;
E o que ás flores indina,
Ao coração humano não inclina.
Os trinados clarins,
Que tocados aos orbes suspendião,
E com gloriosos fins,
Só a Deus afinados aplaudião,
Quando prezos nos vimos,
Na terra alheia o pranto só ouvimos.

Nossa fortuna ingrata,
Quando o grilhão arrasta a liberdade,
Mais afligir-nos trata,
Porque dos generais a crueldade,
Que contemos disseram,
Com que os rios nas lagrimas cresceram.
Como triumphantes mandão,
Que os hinos de Sião doces cantemos,
Com impiedade andão;
Mas á cadeia atados, respondemos
Como na alheia terra,
Mais cantaremos que o que a dôr encerra.
Alegres da vitoria,
Mata, derruba, abraza, vão dizendo,
Dure só por memoria
A dôr que no seu mal vão padecendo;
Não deixe vossa espada
Pedra, que não desfaça em pó, e em nada.
Com acção arrogante
Desprezando suspiros lastimados,
Com que na dôr constante
Pedaços d'alma vimos separados,
Os peitos nos rasgavão,
Quando os filhos dos braços nos tiravão.
Dos cabelos levados
Nas pedras as cabeças lhe partião,
E os corações quebrados
Dos pais, porque valer-lhe não podiam.
Ficava em pezar tanto,
Partida a alma de escutar seu pranto.
Ali a tirania
No rigor apurando o soffrimento,
O coração partia
Dos filhos, e mulher vendo o tormento,
E dividida a alma,
Não sei em tanta dôr qual leva a palma.
Mas ai, que a sorte trata,
Seu favor dando ao barbaro Caldeo,

E em aliança grata
Contra nós convocando ao Idumeo,
Deixar na injusta guerra
A cidade, e seus muros posta em terra.
De Babilonia os muros
Vitoriosas adornem as bandeiras,
Que se hoje aos golpes duros,
Cativos nos vem já suas ribeiras,
Lá chegará o dia,
Que o ceo castigue a barbara ousadia.
Quando trocada a sorte,
Essas altivas maquinas desfaça,
De nossa espada o córte,
E o seu pezar ao nosso satisfaça;
Sintam como sentimos,
Ver aos seus filhos, como os nossos vimos.
Em ti Rei Soberano,
Que em tres dedos sustentas todo o mundo,
Neste rigor tirano
Toda a esperança do remedio fundo,
E no amargo desterro,
Teu nome invoco ao som do duro ferro.

VI

A UMA FORMOSURA REBUÇADA EM UM MANTO

DECIMA

Filis, dessas luzes belas
A sombra apartai, porque
Dos astros injuria é,
Que a sombra assombre as estrelas;
Se o sol se está vendo nelas,

Sem luz o dia deixais,
Quando na nuvem ocultais,
Fazendo negaça á luz
O resplendor que produz,
Essa nuvem se a rasgais.

VII
QUEIXAS DA SORTE

SONETO

Aqui de meu pezar na companhia,
Minhas maguas ouvindo este penedo,
De tão cruel fortuna no alto enredo,
Pára sentido, e desmaiado o dia.

De tão continuas maguas a porfia,
Quebra já o silencio a meu segredo,
Se até aqui de queixar me tive medo,
Diverso ar corre agora que corria.

Perdida está da sorte a esperança,
E se nada aventuro no queixume,
Porque ham de ser cautela os desenganos?

Fiz em falsas promessas confiança,
Porém quando a fé nelas mais presume,
No mesmo que presume acha os enganos.

DO « REINO DA BABILONIA »

I

DECIMAS

Nos delirios de um cuidado,
Nas ancias do mal, que sinto,
Que dura a vida desminto,
A' dôr o alento prostrado:
Remedio difficultado
Tam grande febre accendeu,
Que chego a duvidar eu
Nesta rigorosa calma,
Se tenho o fogo por alma,
Se alma ao fogo calor deu.

Esta doença mortal,
A que o alento desmaia,
Para vida mal se ensaia
Se se atêa no immortal:
Sétta de veneno tal
Tanto o peito me maltrata,
Que os sentidos, que arrebata
Mal destinta a fantasia,
Do remedio me desvia,
Tendo por vida o que mata.

Do pulso as intercadencias
Te informem do meu perigo;
Porque do mal, que não digo,
Já me accusam as evidencias:
Medico de taes sciencias

É que meu mal necessita,
Que com piedade infinita,
Quando a dôr mais desconheço,
Me cure o de que adoeço,
E curar-me não limita.

De meus livres pensamentos
Perturbados os sentidos,
Para o remedio perdidos,
Vivos só para os tormentos;
Applique os medicamentos
Quem á mesma natureza
Deu leis, e com inteireza
Este arruinado edificio
Restaure por beneficio
De sua immortal grandeza.

II
DECIMAS

A que fado deshumano
Me condemna teu rigor,
Se mais que a settas de amor
Vens a matar-me tirano:
Já que humano
Por um vil barro grosseiro
Trocaste o sceptro primeiro,
E do mesmo manancial,
Puro cristal,
Sendo mar foste ribeiro.

Pois de minha antiga historia
Queres, que os sucessos diga,

E tanta mortal fadiga
Mais me atormente a memoria:
Seja gloria
Tua este rigor, que passo,
Pois daquelle infeliz caso,
Que em fel o nectar trocou,
Dizem quebrou,
Porque era de barro o vaso.

Aquelles nobres principios,
A que amor principio deu,
E de alta esfera desceu
Para amantes sacrificios,
Pois propicios
Quereis que favor me dêem,
E' justo vejais, que tem
A minha original miseria
Tal materia,
Que vos toca a vós tambem.

Naquelle humano pomar
De quatro rios regado,
Donde em cristaes desatado
Se admira a enchentes um mar,
Foi buscar
Vossa poderosa mão
Um barro com tal senão,
Que dando-lhe nobre ser,
Quis perder,
De fino o alto brazão.

Se de amor nas finas dores,
Acreditais mais nobreza,
Olhae, que em mim a fraqueza
Já vem de vossos maiores:

Seus errores
Pela falsa formosura
De uma maçã mal madura
Quiseram, faltos de lei,
Que seu Rei
Vista a mesma vestidura.

A vossa voz deu o ser
Ás creaturas mais formosas,
Vestio de purpura as rosas,
Fez os campos verdecer:
Resplandecer
Esse altivo firmamento,
E a mim o barro fundamento
Deu, porém com um ser tam nobre,
Que por pobre,
Vos retrata o nascimento.

Essa azul arquitectura,
Essa aurora de escarlata,
Essas citharas de prata,
Do mar essa formosura;
Bem segura,
De obra vossa presumindo,
O humano ser competindo,
Que ao barro levou a palma,
Mas a alma,
Vosso alento a foi unindo.

Desses campos a belleza,
Dos astros o luzimento,
O cristalino elemento,
Dos orbes toda a grandeza:
Com inteireza
Se renderam, mas de modo,
Que ainda tendo o imperio todo

Mostrou, na humana fraqueza,
Tal vileza,
Como formada do lodo.

Com rendida sugeição
Essas volantes plumagens,
Offereceram vassalagens,
Áquelle primeiro Adão;
E a oblação,
Tanto seu ser sublimou,
Que comvosco o equivocou,
Mas de tam fraco artificio
O edificio,
Que logo se arruinou.

Se quando do barro á massa
Se uniu vossa fortaleza,
Tomastes sua fraqueza
Por brazão da vossa casa,
E se enlaça
Um ser divino, e humano
Nesse peito soberano,
Dai, como humano, desculpa
A uma culpa,
Que se originou do engano.

Este pó, que se desfaz,
Fumo, que desapparece,
Nada, que se desvanece,
Terra, que se contrafaz,
Não me traz
Em susto tam evidente,
Que ainda vendo o mal presente,
Me tema contraria a sorte,
Se até á morte,
Padecestes igualmente.

III
DECIMAS

Se por dar lustre aos pezares
Vossas lagrimas teimosas
Correm por margens de rosas;
Porque não cabem nos mares:
A submergir esses ares
Subiram rios crescendo,
E certo o naufragio sendo,
A fineza deslustrais,
Porque podendo amar mais,
Deixareis de amar morrendo.

Deixai, que o mar se dilate,
Que o rio se precipite,
Que o vento se fortifique,
Que em agua a nuvem dezate,
Sem que vós neste combate
Ballas de neve esgrimindo,
Que as estrellas vão ferindo,
De neve, e fogo tomeis
As armas, com que offendeis,
De amor os raios cobrindo.

IV
OITAVAS

Logo o tempo se altera, e o ar ferindo
Do firmamento em torres levantado,
Seu curso altéra, no furor bramindo,
E o mar em brancas serras transformado:

As negras asas Bóreas sacudindo
Da parda nuvem o sol deixa eclipsado,
E em chuveiros, que ao ceo o vento cresce,
Dá vista o ceo, e o mar desapparece.

Em fogo ardente o mundo se abrazava,
Em noite escura o ar se confundia,
A negra nuvem mares desatava,
O alto monte um Etna parecia:
Do sol a luz no fumo se enlutava,
Sepultado na sombra o alegre dia,
Donde em balas de fogo a ira ardendo
O ceo e a terra estava combatendo.

Settas de lume o ar atravessando,
Ao cristalino mar descem ferindo;
Que a esse globo celeste ameaçando,
De pavor as estrellas vam cahindo:
E o resplendor no rio sossobrando,
A agua ali do fogo vai fugindo:
Temeu o ceu, e os orbes estrellados
Seus fixos eixos sentem arruinados.

Os cavallos do sol precipitados
Do ceo apagam o esplendor flammante,
Que do furioso vento ali arrojados,
Liquida urna dam á luz radiante:
No vivo fogo os campos inflamados,
Cada planta parece que é um montante,
E o ecco, que no monte vai ferindo
Mostra, que da crueldade vai bramindo.

A mansa rez, que sobre a relva passa
Do rigor do estio a ardente chamma,

Ao susto geme, do temor embassa,
Vendo em agua afogada a verde grama;
Busca no monte abrigo, e se embarassa,
Mares pisando na crescida rama,
E alli por ondas o cristal crescendo,
Este alterado mar andam bebendo.

Do roble mais antigo desfolhada
A verde louçania, que o engrandece;
Avisos dava a ave celebrada,
Que os troncos busque, que o perigo cresce;
A fera foge da caverna amada,
E o rio ao mais profundo logo a desce,
E Neptuno, que rege o mar salgado,
Crê, que lhe foi tributo dedicado.

Neste mortal perigo desmaiado
Ao alto firmamento recorrendo,
Rendido appela o coração prostrado,
Da divina justiça effeito crendo:
As settas, que dispára o arco irado,
De quem mar, ceo, e terra vam tremendo,
A Deus peço, que veja a viva magua,
Que alma me enche de fogo, os olhos d'agua.

Logo a ira applacando o rijo vento,
Que á terra ultimo estrago ameaçava,
Preza de alto poder muda de intento,
Que em branda paz já a furia transformava:
Sereno o ar se mostra em um momento,
Que o resplendor do sol já alumiava:
Oh poder do poder, quanto te estendes,
Se o mar, o ceo, e a terra tudo prendes!

V

Das cadeias de um temor
Bem limado a serro duro,
Desatar-vos já procuro
Martir não, mas confessor:
Se vos não prendeu amor,
E de seus tiros zombais,
Para que vos retirais,
Quando é da vida coroa
Vida boa?

Se quando a aurora amanhece,
Entam de Morfeu nos braços,
Apertar do sono os laços,
E' o que mais se appetece,
Como este bem desconhece
Vosso disvelo, e cuidado,
Se no mal de disvelado
O descanso vos entoa
Vida boa?

Quando dessa ardente esfera
O sol sua luz retira,
E em sepulcro de safira
Renascer brilhante esfera
A flor, a ave, e a féra,
Seu sossego ambicionando;
Mudamente estam clamando
A' flor, á fera, á pessoa
Vida boa.

Como vós com melhor alma,
Entre aflicções do cuidado,

Do futuro, e do passado
Teceis vossa dura palma:
Negando em custosa calma
Os ouvidos á fortuna,
Que em occasião opportuna,
A vosso favor pregoa
Vida boa.

Deixai sustos, deixai medos,
Que o divertir é viver;
Quem mais alivios tiver,
Da sorte piza os enredos
E sam do inferno arremedos
Os laços do sofrimento,
Em que apurado o tormento
Não deixa ouvir, quèm entôa
Vida boa.

Se sois Nayade, ide aos mares,
Se sois flor, apparecei,
Se estrella, resplandecei;
Se Pomona, ide aos pomares;
E não cudeis em azares
Da sorte, formosa, ou fea,
Se é giganta, ou se é pygmea,
Quando o gosto vos atrôa
Vida boa.

VI
DECIMA

Se meu peito ainda ferido
Inteira posse te deu,
Como posso aceitar eu

Teu coração repartido:
Mas se de amor deffendido
Me prometer nova lei,
Daquella antiga, que dei,
Já mudada a dura fragoa,
Nesta taboa em sangue, e agua
Novo artigo tresladei.

VII

DECIMA

Pois és luz de ceo, e terra,
Que á terra, e ceo luzes deu
Deste coração, que é teu
Escuras sombras desterra:
Estes nadas, que em si encerra,
Vapores da terra são,
Que desluzida a oblação
Deixam, se a não fortifica
Essa mão, que sabia applica
Ardor ao meu coração.

VIII

OUTRA

Esta, que vedes correr,
Já de Antioquia foi mimo,
Hoje só tem por arrimo
Do que foi o seu temor:
Hontem as perolas pizou,
Das esmeraldas fazendo

Alcatifa, porém vendo
De mortal a duração,
Para mais alto brazão
Viveu Pelagia morrendo.

IX

SEXTINAS

Baste, não mais de engano,
Cessem as apparencias fabulosas,
Que causaram meu dano
Quanto mais bellas sim, mais enganosas,
Deixando em dor interna
Por uma breve vista pena eterna.

Se sam do mundo as glorias,
Que em um momento só desapparecem,
Idolo das memorias,
Que voa fumo, quando luz parece,
Como a Tantalo vejo
Morrer o logro em meio do desejo.

X

DECIMA

Meu cuidado disvelado
Encontrar-vos procurava;
E porque em mim vos buscava
Me enganei com o meu cuidado:
Já de melhor luz guiado,
Porque foi vossa esta luz,

Vos achou de amor na cruz
Os rigores padecendo,
E amor vosso extremo vendo
Novo extremo em mim produz.

XI

OITAVA

Do sol essa brilhante luz formosa,
De que a noute foge, e o dia cresce,
Bordando de ouro a maquina lustrosa,
Quando a dar vida ás flores amanhece,
Tocha do ceo, fogueira luminosa,
Que na estrelada esfera resplandece,
Se o prado fertiliza, e seus primores,
Quem duvida, que o sol excede ás flores.

XII

OITAVA

Do prado estrella angelica ser preza,
Mimo da graça, emulação de Flora,
Que ao mesmo ceo retrata na belleza,
Roubando a candidez da branca aurora;
Finezas de Medóro aqui despresa,
Que da propria isenção só se namora,
Se resiste de amor á seta dura
Mais que a do sol, da flor é a formosura.

XIII

OITAVAS

Já, Senhor, despertaram meus cuidados
Em tanta ingratidão adormecidos;
Nasceram a querer-vos destinados,
E em cega idolatria os vi perdidos;
Vossa mesma fineza lhe deu brados,
Porque a tanto favor agradecidos,
Confesse o coração com rendimento
Que é de amor vosso amor doce sustento.

Dos apparentes bens a prisão dura,
Que o gosto captivavam com violencia,
Venceu a vossa luz a sombra escura
Para maior victoria da clemencia:
Constante a minha fé vos assegura
De Babilonia ás leis a resistencia,
Que é certo pouco faz quem obedece,
Se chegando a vos ver o mais lhe esquece.

Primeiro se verá da quarta esfera
Apagado o monarca refulgente,
Que no palacio ethereo reverbera
A luz, que os montes doura no oriente:
Que meu amor vos falte, quando espera
Que acendais vós com fogo o fogo ardente,
Que o peito, que das chammas tem enveja
Um coração de chammas ter deseja.

Venham formosos lirios, venham rosas,
Maçãs, e jasmins venham, que ferida

Minha alma está das setas amorosas,
Que quanto mais me ferem, me dam vida:
Cubram-me de assucenas, que cheirosas
Fragancia vam inspirando á fé unida,
Arda o peito no fogo, em que suave
Imite o coração a immortal ave.

INDICE DOS « EXTRACTOS »

PUBLICADOS NESTE VOLUME

COM A INDICAÇÃO DOS LOGARES RESPECTIVOS DOS ORIGINAIS.

SOROR VIOLANTE DO CEO

Sonetos :

I. Pag. 3 — Das « *Rimas Varias* », pag. 12.
II. Pag. 4 — *Ibid*, pag. 21.
III. Pag. 4 — *Ibid.*, pag. 22.
IV. Pag 5 — *Ibid*, pag. 23.
V. Pag 6 — *Ibid*, pag 25.
VI. Pag. 6 — *Ibid.*, pag. 11
VII. Pag. 7 — *Ibid.*, pag. 26.
VIII. Pag. 8 — *Ibid.*, pag. 13.
IX. Pag. 8 — *Ibid.*, pag. 14.
X. Pag. 9 — Do « *Parnaso Lusitano* », I, pag. 53.
XI Pag. 10 — *Ibid.*, pag 73.
XII. Pag. 11 — Das « *Rimas Varias* », pag. 10.
XIII. Pag. 11 — *Ibid.*, pag 16.
XIV. Pag. 12 — Do « *Parnaso Lusitano* », I, pag. 74.
XV. Pag 13 — *Ibid.*, pag 75
XVI Madrigal, pag. 14 — Das « *Rimas Varias* », pag. 67.
XVII. Decimas, pag 15 — *Ibid.*, pag. 92.
XVIII Pag. 15 — *Ibid.*, pag. 93.
XIX. Pag. 16 — *Ibid.*, pag. 99.
XX. Pag. 17 — *Ibid.*, pag. 101.
XXI. Pag. 18 — *Ibid.*, pag. 103.
XXII. Mote e Glosa, pag 19 — *Ibid*, pag. 112.
XXIII. Cançam, pag. 20 — Do « *Parnaso Lusitano* », pag. 112.
XXIV. Elegia, pag. 22 — *Ibid.*, pag. 185.
XXV. Epistola, pag. 25 — *Ibid.*, pag. 202.

SOROR MARIA DO CEO

I. Alguns trechos em prosa:

A andorinha á Vigaria da casa, pag. 3 — Das « *Aves Ilustradas*, pags. 17-24.
A chamariz á Vigaria do côro, pag. 38 — *Ibid*, pags. 27-30.
O rouxinol ás Sacristãs, pag. 41 — *Ibid.*, pags. 61-74.
O gallo á Porteira — pag. 50 — *Ibid.*, pags. 83-86.
A pêga á Escrivã — pag. 53 — *Ibid*, pags. 97-103.
A rôla á Celeireira — pag. 57 — *Ibid.*, pags. 105-109.
O ganso á Provisôra — pag. 60 — *Ibid*, pags. 115-126.
A coruja á Roupeira — pag. 67 — *Ibid*, pags. 150-160.

II. Versos:

I. Mote e glosa. pag. 75 — De « *A Preciosa* », pag. 42.
II. Pag. 76 — *Ibid.*, pags. 86-88.
III. Pag. 78 — *Ibid*, pags. 134-136.
IV. Pag. 80 — *Ibid.*, pags. 151-152.
V. Pag. 81 — *Ibid.*, pags. 173-175.
VI. Pag. 83 — *Ibid*, pags. 191-195.
VII. S. Paulo Eremita, pag. 86 — *Ibid*, pags. 238-245.
VIII Dorothea e Theophilo, pag. 92 — *Ibid.*, pags. 348-352.
IX. Sobre as palavras de P. Antonio Vieira, pag. 96 — *Ibid.*, pags. 353-360.

I. Desmayos, pag. 104 — Dos « *Enganos do Bosque* », pags. 126-131.
II. Gemidos, pag. 108 — *Ibid*, pags. 131-136.
III. Significações, etc. Jasmim, pag 111 — *Ibid.*, pag. 200.
IV. Narcizo, pag. 112 — *Ibid.*, pag 205.
V. Madre-silva, pag. 112 — *Ibid*, pag. 211.
VI. Angelica, pag. 113 — *Ibid*, pag. 212.
VII. Ginjas, pag. 113 — *Ibid*, pag. 220
VIII. Pêssego, pag. 114 — *Ibid*, pag. 226.
IX. Lima, pag. 114 — *Ibid.*, pag. 229.
X. Avelãs, pag. 115 — *Ibid*, pag. 231.

XI. Camarinhas, pag. 115 — *Ibid*, pag. 234.
XII Manjerona, pag. 116 — *Ibid*, pag. 239.
XIII. Alecrim, pag. 116 — *Ibid*, pag. 241.

I. Sátira, pag. 117 — Das « *Obras Varias e Admiraveis* », pags. 121-124.
II. Mortal doença, pag. 119 — *Ibid.*, pag. 124.

SOROR MADALENA DA GLORIA

I. Mote e glosa, pag. 123 — Dos « *Brados do Desengano* », vol. I, pag. 167.
II. Outro, pag. 123 — *Ibid*, pag. 170.
III. Outro, pag. 124 — *Ibid*, pag. 179.
IV. Outro, pag. 125 — *Ibid*, pag. 180.
V. Oitavas, pag. 126 — *Ibid.*, pag. 280.
VI. Oitavas, pag. 127 — *Ibid.*, pag. 301.
VII. Oitavas, pag. 128 — *Ibid*, vol. II, pag. 141.
VIII. Canção, pag. 129 — *Ibid.*, pag. 174.
IX. Oitavas, pag. 131 — *Ibid.*, pag. 189.
X. Soneto, pag. 133 — *Ibid*, pag 233.
XI. Decima, pag. 133 — *Ibid.*, pag. 245.

I. Soneto, pag 135 — Do « *Orbe Celeste* », pag. 88.
II. Outro, pag. 136 — *Ibid*, pag. 128.
III. Outro, pag. 136 — *Ibid.*, pag 205.
IV. Morte de Raquel, pag. 137 — *Ibid.*, pag. 207.
V. Prantos dos Cativos, pag. 139 — *Ibid.*, pag. 275.
VI. Decima, pag. 142 — *Ibid*, pag. 293.
VII. Soneto, pag. 143 — *Ibid.*, pag. 301.

I. Decimas, pag. 144 — Do « *Reino de Babilonia* », pag. 39.
II. Decimas, pag. 145 — *Ibid.*, pag. 68.
III. Decimas, pag. 149 — *Ibid.*, pag. 92.
IV. Oitavas, pag. 149 — *Ibid.*, pag. 99.

V. Pag. 152 — *Ibid.*, pag. 122.
VI Decima, pag. 153 — *Ibid.*, pag. 149.
VII Outra, pag 154 — *Ibid*, pag. 163.
VIII. Outra, pag. 154 — *Ibid.*, pag. 201.
IX. Sextinas, pag. 155 — *Ibid*, pag 209.
X. Decima, pag. 155 — *Ibid.*, pag 228.
XI Oitava, pag. 156 — *Ibid*, pag. 255.
XII. Outra, pag. 156 — *Ibid.*, pag. 256.
XIII. Oitavas, pag. 157 — *Ibid*, pag. 261.

FIM.

MENDES DOS REMEDIOS

História da Literatura Portuguêsa desde as origens até á actualidade, 4.ª ed., 1 vol. brochado, 1$500 Cartonado... 1$600
Introdução á História da Literatura Portuguêsa, 3.ª edição, muito melhorada 900
Subsidios para o estudo da História da Literatura Portuguêsa:
I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manoel de Mello. 200
II. — Poesias inéditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo XVII..... 300
III. — Lusíadas (3.ª ed. anotada, para as escolas), brochado, 500. Cartonado..... 600
IV. — Foguetario (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal..... 300
V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (opera jocosa), de Antonio José da Silva 300
VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (opera joco-seria), de Antonio José da Silva 200
VII. — Sentenças de D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso, seguidas das suas poesias, publicadas no « Cancioneiro de Garcia de Rezende » 300
VIII a X. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque, 3 vols..... 800
XI. — Obras de Gil Vicente (Tomo primeiro)..... 500
XII. — Memorias de José da Cunha Brochado 200
XIII. — Chronica do Infante Santo D. Fernando..... 400
XIV. — Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira..... 500
XV. — Obras de Gil Vicente (Tomo segundo)..... 500
XVI. — Escritoras doutros tempos 400
Philosophia elementar, 1 vol. cart. ..... 1$200
Os Judeus em Portugal, 1 vol. broch. ..... 1$000
Os Judeus Portugueses em Amsterdam, 1 vol. broch. 700
Sousa Martins e a Serra da Estrella, (Exgotado).
Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V, (Exgotado).
Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, folh. (Exgotado).
Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (ensaio de catalogo) 200
As Horas de Nossa Senhora da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, 1 folh. (Exgotado).
Philomena de S. Boaventura 200
Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus 200

PQ
9153
M4

Mendes dos Remedios, Joaquim
Escritoras doutros tempos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY